2

Já nada era como antes... Tudo estava mais evoluído... Já não haviam casas em madeira, era tudo em pedra para evitar incêndios e fortalecer edifícios...

Maycon, atualmente conhecido como "Rei Gaar" por título próprio, tinha muitos problemas no, agora seu, Reino de Recécio, em termos de população e visitantes, o que era esperado de uma terra que viu uma mudança de soberano. Dirigiu-se para o palácio, furioso com o seu filho mais velho. Pôde encontrá-lo na parte de trás do grande palácio real a brincar com uma fisga de madeira com o seu primo Vítor, filho do irmão de Maycon, Lucka, o Cintra. Riam os dois a correr, enquanto se tentavam atingir mutuamente. Mas Maycon pôs um fim á brincadeira segurando Sec, agora com 16 anos, pelo colarinho, deixando-o no ar.

- Quem te deixou atirares pedras com essa fisga para os cidadãos?

- Pai eu juro que não eram pedras, eram bagas! – Retrucou, com alguma falta de ar.

- Não me importa nada disso, ultimamente só tens feito porcaria, por isso vou castigar-te em nome do Reino. Vou te alistar no exército ainda com 16 anos e ao teu primo com 17 – Olhou para Vítor - Sim, já falei com o teu pai Vítor.

- AHAHAHAHAH – Riram-se os dois em conjunto.

- De que é que se estão a rir? - Questionou o Rei – É algo muito sério.

- Eles não fazem nada além de ficarem sentados ao longo da muralha o dia todo! – Respondeu Sec assertivamente.

- E ainda reclamam que são mal pagos! - Adicionou Vítor.

Maycon ficou pensativo por uns momentos... E então disse aos rapazes:

- Verão que não é apenas isso, irei avisar-vos quando forem...

E com isto os deixou e desceu até ao centro da cidade para supervisionar uma obra. Tratava- se de uma enorme estalagem que mandara construir há algumas semanas atrás. Dinheiros não eram problemas para o Rei Gaar, tendo sido até agora um excelente investidor em várias vertentes...

1- Havia apostado fortemente na agricultura e pastorícia em território nacional, exportando grande parte.

2- Investiu no subsolo em novos minérios, nomeadamente na sua exploração, como o cobre e estanho, muito abundantes na região de Recécio.

3- Investiu fortemente na produção de pedra e ferro, desenvolvendo toda a cidade.

Investia agora nas cidades e no seu desenvolvimento urbano. A estalagem começava a tomar sua forma por entre os grandes blocos de pedras devidamente trabalhados.

Depois de cerca de uma hora o Rei Gaar dirigiu-se ás instalações do exército para inscrever os dois rapazes. Como

sempre, foi recebido com muita admiração por parte de todos os que estavam presentes, incluindo o seu irmão Douglas, ou mais comumente apelidado de Baioco. Assim que Maycon viu o Grão-Duque, (seu irmão) colocou-lhe a mão sobre o ombro e com um olhar de ternura lhe disse:

- Olá para ti também Baioco. – Troçou o irmão mais velho.

- Às suas ordens realeza! – Troçou de volta Douglas.

- Preciso de inscrever o meu filho mais velho e o meu sobrinho aqui para ver se ganham alguma maturidade.

- Queres que eu os coloque em missões difíceis, é isso? – Questionou o Grão-Duque.

- Isso é conforme o que achares melhor para eles...

- Bem, temos uma missão de captura no monte Ton... Mas é só daqui a cerca de três semanas... Mas diz-me, achas que eles já estão preparados o suficiente para entrarem aqui?

- Mais que preparados... Digo eu. – Respondeu Maycon com assertividade.

- Ok então, irei preencher a inscrição e já os levo nesta missão.

- Muito bem meu irmão, vemo-nos por aí.

- Até mais Maycon.

Assim que saíra de dentro das instalações internas para as externas, pôde ver muitos homens a gritar como que em apoio para dentro do grande círculo que formavam. Assim que o Rei se aproximou do círculo e olhou para dentro, pôde observar que se tratava de uma luta entre Sec e Vítor com espadas de madeira. Decidiu não interromper, e continuou a ver o confronto. Com que perícia lutavam os jovens... Sec com um pontapé rotativo em agachamento colocou Vítor no ar horizontalmente, que não se deixou intimidar e desferiu um golpe que ia para o peito de Sec, que conseguiu se desviar e se levantar rapidamente. Vítor, porém, não queria atingir Sec, mas sim prender a espada na terra e nela se apoiar parar aplicar um pontapé rotativo, que atingiu e derrubou o primo. Mas este não ficou no chão, e assim que se levantou aplicou um golpe lateral, que Vítor defendeu e contra-atacou na outra lateral, que Sec bloqueou no sentido oposto, ficando de lado para seu primo e aplicando-lhe um grande pontapé no estômago, resultando com o mais velho a largar a espada e agarrar-se na barriga. Por fim, o filho de Maycon chutou-o na cabeça, fazendo-o desmaiar para o lado, o que deixou todos em redor loucos de emoção, inclusive o seu pai, que no interior estava orgulhoso mas exteriormente não o demonstrava. Pensou Maycon para si mesmo:

- Ele vai se dar bem aqui. - E decidira entrar no círculo para

ajudar o seu sobrinho a se recompôr. Sec perguntou-lhe com espanto:

- O que estás aqui a fazer, pai? Maycon, levantando-se na frente de Sec, respondeu-lhe: Para ti rapaz, é senhor pai. - E com um golpe de mão aberta e dedos unidos no pescoço, fez Sec desmaiar à sua frente, deixando todos à sua volta com medo. Maycon não demorou muito a pegar nos dois, um em cada braço como se fossem pedaços de carne e os levou colina acima para o palácio.

Acordaram os dois com os seus respectivos pais na frente, Maycon, alto e musculoso, com o seu cabelo castanho escuro, meio curto e desenhado, com a sua barba à volta da boca e no queixo; e Lucka, alto e definido com o seu cabelo negro e curto, sem qualquer barba, na frente de Vítor. Os dois irmãos não se assemelhavam nem um pouco um com o outro de cara.

- Não se cansam de fazer porcarias? - Questionou Lucka. -Mas... O que é que fizemos de tão grave agora? - Nada de mas, meu filho! - Disse, interrompendo Vítor. Nós é que apanhamos com as responsabilidades dos vossos atos, e vocês nunca, mas nunca estão quietos no vosso canto... - Na vossa altura, os vossos pais também não brigavam com vocês?! - Perguntou Sec com um tom raivoso.

- Bem... suspirou Maycon - A verdade é que nós não tínhamos pais para nos fazerem tais coisas, percebem o que quero dizer?
- Como assim tio? Não tinham? O que aconteceu?!
- Eles morreram quando ainda éramos crianças - Continuou Lucka. Por isso agradeçam e valorizem por terem pais convosco e que se preocupam com vocês, apesar de tudo o que fazem de mal.

- Mas o que aconteceu tio? - Perguntou Vítor.
- Bem... Suspirou novamente Maycon - Víviamos numa pequena aldeia nesta área e o nosso pai era um mercador conhecido... Recusava-se a enviar recursos aos senhores feudais donos destas terras no passado, e certo dia foram ambos trabalhar nos campos, ficando nós os 5 sozinhos em casa, sendo eu o mais velho, com 9 anos. Ao fim do dia uma vizinha nossa bateu-nos à porta com muita força, a gritar, dizendo-nos que os nossos pais tinham sido levados por capangas dos senhores feudais para o centro... Peguei no braço dos meus irmãos e lá fomos ver, com alguns deles já a chorarem e a se desvanecerem em desespero inocente. E... Ali...
- Vimos os nossos pais serem decapitados à nossa frente... - Fez-se um grande silêncio na sala após esta frase curta, porém cheia de sentimento e mágoa de Lucka. Seria Maycon a

continuar a história...

- Foi horrível... Toda a população à nossa volta a grita e nós ali, simplesmente sem saber o que fazer, a chorar e chorar, a gritar... Quando aqueles homens perceberam que éramos filhos daquele casal decapitado, vieram contra nós para tentar nos matar. Por uma questão de milagre, dois rapazes, que deviam ter mais ou menos a vossa idade atual, apareceram e mataram os capangas um por um... Depois, colocaram-nos a nós numa carroça movida por cavalos, e levaram-nos para uma pequena cidade, que hoje é conhecida por Recécio. Um deles era o antigo Vice-Rei, Dodo. O outro era Paulo, da família Oculto... E deixaram-nos a ser criados por uma mulher com alguma idade que julgo ser avó do Paulo, mas não me recordo ao certo. Ela cuidou de nós como se fôssemos filhos dela, mesmo que às vezes fôssemos rapazes revoltados, tendo em

conta tudo o que nos tinhamos acontecido... E é isto... - Maycon e Lucka, após se sentarem, pareciam inconsoláveis ao se lembrarem de tudo isto... Até que de súbito a rainha Naila os chamou para o banquete da noite. Desde que o Rei Gaar havia subido ao poder, os banquetes realizavam-se semanalmente, com toda a fámilia real.

Naquela mesa em formato de U encontrava-se o Rei, a Rainha, os Vices-Reis e irmãos de Maycon, sendo eles Douglas, Lucka, Gabriel e Andrey e seus respectivos filhos. Sendo assim Vitor filho de Lucka, Sec e Yann de Maycon, Sochoski e Izaac de Andrey. Gabriel e Douglas eram homens mais "libertos", não tendo mulher e nem filhos. Encontravam-se também a mulher de Andrey, Mayra. A mulher de Lucka não se encontrava mais junto deste.

Eram sempre banquetes animadíssimos, com músicas, travadores e bobos da corte. Após o banquete, Maycon e os irmãos foram à taberna da cidade para beber e jogar um pouco de xadrez numa das mesas. Era muito bom passarem um tempo

todos juntos, sentiam-se felizes. Lucka e Biel eram os melhores a jogar e as suas estratégias de improvisações eram excelentes. Ali permaneceram, bêbados até de madrugada, quando foram todos para o palácio descansar. Teria Maycon de pensar numa forma de contar a Naila que havia colocado Sec no exército...

...

- Majestade, a sua carta da Dopácia chegou!

- Perfeito... - Assim que abrira o pergaminho, leu a carta em voz baixa:

" Saudações Gaar!

Aceitarei o empréstimo. Compreendo que a vossa situação esteja complicada ao nível de pessoas... Talvez assim consigamos dar uma melhorada na situação. Enviarei assim que possível dois Vice-Reis daqui, o Martan e o Petterson. Não deverão ficar por tanto tempo, mas o suficiente para dar uma ajuda."

Atenciosamente: Spy

- Perfeito... - Pensou para si mesmo. - Agora terei de convocar a corte para dar o aviso... - LUCKA!!! - Gritou.

- O que é? - Respondeu seu irmão ao longe.

- Convoca as cortes para este fim de semana!

- Sem problemas.

Maycon levantou-se e olhou pela janela, estava um belo dia de sol e sem nuvens, perfeito para um passeio. Vestiu as vestes reais, apressou-se a comer algo e desceu para montar o seu cavalo. Foi até as instalações do exército para se encontrar com Gabriel e Douglas, mas quando chegou, não os encontrou. Perguntou sobre os 2 à primeira pessoa lá dentro que encontrou.

- Viu o Grão-Duque Douglas e o Duque Gabriel?

- Ah sim majestade, a última vez que os vi, que deve ter à coiisa de uma hora, foram com mais alguns homens para a porta norte da cidade. O que lá foram fazer eu já não sei. – Assim que o homem lhe respondeu, montou novamente o cavalo e dirigiu-se a porta norte da cidade. Ao aproximar-se, viu que os grandes portões estavam fechados, então subiu a muralha em cima e logo pôde assistir uma grande luta entre dois forasteiros devidamente armados e equipados, com o brasão da Dopácia nas armaduras que possuíam em bronze. Lutavam de 2 para 2 contra Douglas e Gabriel. Ecoava o som das espadas a embater umas nas outras e os golpes e desvios eram

tão rápidos que se tornavam difíceis de acompanhar. O Rei então pousou a coroa e a capa no chão e desceu, mandando abrir os portões. Logo que se abriu uma brecha, Maycon correu até aqueles 4 que ainda lutavam intensamente, não mostrando cansaço, e colocou-se exatamente no meio, golpeando em frações de segundos a espada de um dos forasteiros e de Douglas para longe, agaixando-se de seguida para evitar um golpe do outro forasteiro. Agarrou no braço do Dopaciano em pleno movimento e, torcendo-o, fez com que este rolasse no ar e caísse já sem a espada na mão. O outro, enquanto viu Gaar de costas, tentou desiquilibrá-lo com um pontapé rotativo, que o Rei evitou com um salto de onde tirou um grande chute de pé direito em rotação, fazendo cair o outro forasteiro. Douglas e Gabriel ficaram de boca aberta, e todos os que estavam na muralha também. Era muito raro ver Maycon lutar, mas quando o fazia, não conhecia a derrota. E, calmamente lhes questionou:

- Vocês vieram da Dopácia, mas quem são vocês ao certo?

- Eu sou o Vice-Rei Pettersson... – Disse o que havia apanhado o pontapé, ainda a segurar a cara.

- E eu sou o Vice-Rei Martan!

- O Martan que foi um dos criadores da Dopácia? Mas és demasiado jovem... - Questionou Douglas.

- Não, eu sou o Martanzinho, o filho dele.

- Ah, faz sentido... - Murmurou Gabriel.

Rolavam grandes olhares de desconfiança entre os 4 combatentes iniciais, até que o Rei quebrou o clima.

- Venham os dois, vou orientar-vos pela cidade.

E assim fez uma tour com dois forasteiros dentro das muralhas daquela bonita cidade que era recécio.

Ao fim do dia reuniu-se com ambos numa sala do palácio, onde lhes instruiu aos métodos de Recécio, e também lhes questionou sobre a velocidade com que haviam chegado ali. Haviam sido eles mesmo a trazer a carta. Haviam de guardar mais três dias até o dia das cortes.

...

- Entrem! Sejam todos bem vindos! Sentem-se... - Recebia o Rei os convidados.

Assim que a nobreza se instalou (mais altas patentes no exército), Maycon pôs-se em pé e pousou a sua coroa:

- Meus amigos e companheiros, vou ter de me ausentar. - Instalou-se um clima de espanto – Como sabem, não andamos muito bem a nível de número de pessoas, então pedi ajuda ao

Spy, Rei da Dopácia. Ele decidiu enviar dois Vice-Reis, e um deles, que será um Regente, é filho do falecido Fundador da Dopácia, Martan. E quanto a mim, enquanto o Martanzinho e o Pettersson estiverem aqui, ficarei na Pegáess a treinar intensamente com o Daniel Jhimy, Rei desse "novo" reino. Espero que compreendam a situação e os recebam bem e com toda a ternura... - Um enorme murmúrio instalou-se. Martan e Petter, cheios de vergonha, nem foram capazes de falar. De súbito, Maycon pegou na coroa e colocou-a na cabeça de Martan, do seu lado, e todos ficaram boquiabertos. Lentamente, Martan levantou-se... E começou a falar:

- Ninguém vai perder nada, não se preocupem... Iremos atuar em prol de Recécio... - E saíram os dois da sala, deixando Maycon a falar.

- Partirei ainda hoje e já me havia preparado... Logo à noite no portão norte.

Até à hora da partida chegar, esteve com Martan e Pettersson a discutir alguns assuntos de cariz interno... Até que a hora chegasse.

Assim que se aproximava do portão, viu uma enorme multidão que lhe abriu caminho até aos portões, onde passou. Assim que se virou para a multidão, que o via agora com uma pesada armadura, começaram a gritar em coro:

- Gaar, Gaar, Gaar! - E quase chorou na frente de toda aquela gente, até que Yann e Sec vieram até ele:

- Volta rápido! - Exclamou o mais pequeno na inocência.

- Vê se não te magoas muito... Tentou Sec parecendo durão. Maycon riu e disse:

- Cuidem da vossa mãe, e Sec... Tens uma missão importante na próxima semana, apresenta-te amanhã nas instalações.

E assim se viu a partida do Rei a cavalo, vestido como um cavaleiro pronto pra batalha... E Recécio lamentava...

...

Aguardavam a permissão do novo Rei a partida para a sua missão.

Nos integrantes estavam alguns dos maiores nomes do exército como Lucka, Douglas, Gabriel, Mateus MTS, Skaars, Rafac, entre outros que aguardavam no portão este. Diziam ser uma missão de captura, mas somente a elite sabia exatamente do que se tratava. Sec e Vitor foram os últimos a chegar e Gabriel brigou com eles até verem o novo Rei a chegar com sua nova guarda – real, somente com homens da

Dopácia. Martan não confiava nos Rececianos de forma alguma. Assim que se aproximou do grupo, apenas disse:

- Podem ir, e honrem o brasão que carregam convosco. E logo virou as costas e deixou Petterson lá, que deixou todos com um olhar de desconfiança sobre ele, sorrindo de leve, e também virou as costas, partindo. Pôde ouvir-se umas dezenas de xingamentos baixinhos, que foram abafados pela voz de Lucka.

- Meus amigos, irei apresentar-vos os nossos recursos desta missão... Partiremos daqui para oriente, onde faremos paragens nos bosques para descançar e comer o que encontrarmos. A nossa paragem final será no monte Ton numa pequena aldeia. Temos cavalos à nossa espera do lado de fora, como já devem ter visto. Vamos lá! Sec e Vitor congelaram. Não tinham sidos

treinados a andar de cavalo. E agora? Teriam de pegar nos dois últimos cavalos que restavam, que eram ambos "crianças", tendo apenas pouco mais de um ano, e ainda estavam bastante dependentes de suas mães, éguas elas, que estavam também a ser montadas e já se haviam adiantado. Vítor subiu ao seu cavalo branco e desprendeu-o, resultando numa corrida desenfreada do jovem mamífero, que quando se cansou, foi controlado pelo adoslecente, que, quando o seu cavalo se acalmou, agarrou-o com todas as suas forças. Quanto a Sec, tentou manter o seu cavalo negro, ficando por trás dele, recebendo uma patada no estomago, que o fez cair. Não se teria conseguido levantar se a sua armadura fosse das mais pesadas, mas felizmente era leve. À segunda tentiva, e já pela lateral, conseguiu montar agarrando-se com tudo aí cavalo, depois de o soltar. Parecia um foguete pelo caminho abaixo em direção ao grupo, mas Sec também o conseguiu dominar assim que este se cansou... Fora que caíram algumas vezes inicialmente, mas com algum tempo e distância de viagem conseguiram aprender regularmente.

Entretanto em Recécio, Martan e Petterson mandaram anunciar públicamente que a capital do Reino se movia para Alambar, uma outra cidade próxima de tamanho médio, notícia que chocou toda a população, inclusive a Andrey e Mayra,

que agora eram os representantes da família real, na ausência dos restantes... E de fato nada demoraram até verem os dois Dopacianos partir pelos portões oeste, montados nos seus cavalos e com a sua guarda real atrás. Só restariam no palácio Andrey, Mayra, Naila e Yann, sendo que Sochaski e Izaac também haviam ido na missão. Talvez agora pudessem dormir descansados...

Quanto a Gaar, chegara no dia anterior à (Pegáess), sendo recebido pelo próprio rei Daniel que o havia enchaminhado diretamente ao centro de treinos, onde haviam já começado a treinar intensamente. Eram colocados num circulo da terra, coberta em redor de arbustos, de onde vários homens atiravam pedras e adagas às quais tinham os dois de evitar ou atingir, estando de costas um fora o outro.

Fizeram finalmente a primeira paragem na borda do limite territorial de Recécio, numa pequena floresta, onde prenderam os seus cavalos e colheram maças e morangos que encontraram. Usaram também as frutas para alimentar os cavalos e deram-lhes água num riacho próximo. Sec até que havia gostado do seu cavalo, que depois de o rapaz alimentar, já o seguia naturalmente. Passariam ali a noite, e ao anoitecer, fizeram uma fogueira para assar dois porcos que alguns homens haviam caçado... Sec e Vitor dormiram com a cabeça sob o dorso dos

seus cavalos, enquanto Lucka e Gabriel não dormiram nessa noite para ficarem de guarda. Ao amanhecer, os dois rapazes foram apressados para partirem todos juntos pra leste. Já sentiam o cavalo como uma extenção do seu próprio corpo... E seguiram a rota com o grupo já entre os extensos vales infindáveis que os levariam ao monte Ton.

Só pararam para descançar à noite, numa floresta no sopé de uma montanha, onde se estabeleceram para passar a noite. Enquanto Sec acariciava o seu cavalo, disse-lhe:

- Vou chamar-te de Alívion. E o cavalo relinchou como que em apreciação.

À meia-noite, em Recécio, Andrey acordou com um grito e logo acordou Mayra, e ambos vestiram uma armadura leve e pegaram na espada virados para a porta. Andrey iria à frente pelo corredor dentro, que se encontrava estranhamente vazio, até reparar no cadáver de um criado no chão, com uma enorme poça de sangue em seu redor que lhe deu uma certeza, haveria mais. De súbito,

ouviram um grito de Naila numa sala ao fundo do corredor, para onde se dirigiram a correr mas sem nunca baixar a guarda. Andrey abrira a porta e lá estavam apenas o pequeno Yann e a sua mãe Naila, já sem vida... Reparara que a janela estava aberta, e que Yann estava no centro do compartimento sozinho num choro profundo quase não audível... Andrey rapidamente se dirigiu para a janela em busca do assassino, e vira uma figura robusta com um manto cinza a descer a colina a andar. Não perdeu tempo. Disse a Mayra para lá ficar e apressou-se a sair do palácio apenas com o que tinha vestido e sua espada. Assim que se aproximou da figura, a correr, perguntou.

- Mostra-te assassino! - Mas não obteve resposta...

-Só vou repetir mais uma vez! Mostra-te assassino! - E novamente não obteve resposta... De súbito, a figura começa a correr como um relâmpago colina abaixo. Andrey seguiu-o sem descanço. Dirigia-se para a porta oeste da cidade que se encontrava aberta, o que não seria esperado, pela qual saíram a correr infindávelmente. Só pararam na floresta, num círculo entre árvores, onde o individuo retirou o manto e Andrey pôde reconhecer um homem, um só homem, o único cujo cabelo era azul-escuro, o mítico Rei da Dopácia, Spy. O Receciano ficara sem palavras, enquanto o olhava de costas. Porque estaria ele ali e porque mataria a mulher do Rei que lhe pediu

ajuda? Eram perguntas cujas respostas não viria. Spy virou-se, encarando Andrey, que estava agora numa mistela de sentimentos provocados pelo Rei da Dopácia.

- Não faz sentido, pois não? - E soltou uma longa risada, interrompida pelo Recéciano:

- Tu és um assassino!

- Julgas e condenas revoluções que não compreender... Já seria esperado do mais ingénuo da família real, não? - E soltou uma nova risada. O que eu fiz foi o início de uma revolução que não se dará em tempos próximos... Quem eu procurava não estava.

- Quem procuras bastardo? – Questionou Andrey

- Aquele cuja ação mobilizará todos nós e trará a paz a este mundo.

- Como é que se traz a paz matando?

- É tão simples... As mudanças apenas acontecem quando uma dor é inflingida, mas se essa dor for tão grande, gerará vinganças, e essas vinganças se tornarão num ciclo de guerra, mas não nestes.

- Nestes? Eu ainda não percebi o que pretendes, mas não vais levar daqui ninguém!

- Nem o pretendia – Sorriu Spy - Um dia irás aprender que só se cresce e se cria ódio quando nos é retirado aquele mais próximo que temos.

- Então o teu alvo é o Yann e o Sec?

- Não diria melhor, o meu filho informou-me bem.

- Não vamos perdoar-te por isto!

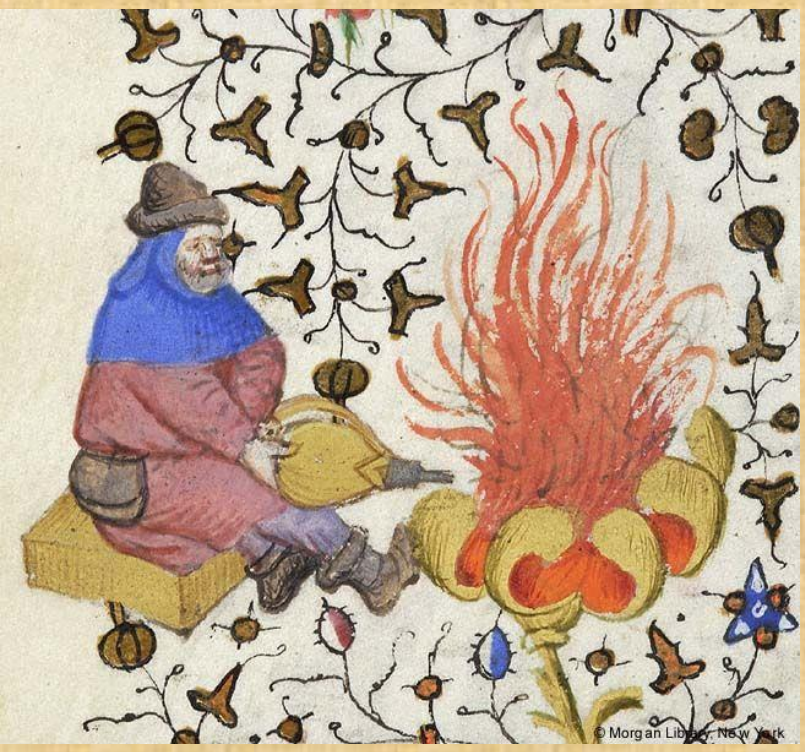
- Isto? Apenas matei um criado. - E soltou outra longa risada, que deixou Andrey pensativo, e um silêncio pesado se gerou. Andrey não sabia o que dizer...Teria Spy obrigado Yann a matar a mãe? Já que não havia sido ele a fazê-la? - Sim, ouviste bem, não fui eu, foi o pequeno rapaz. -E com uma rapidez sobrenatural, Spy desembainhou a espada e levou até à testa de Andrey, ande falou:

- Terei de te matar, é certo. - Mas Andrey não se deixaria ficar, e encheu-se de raiva e pontapeou a perna direita de Spy enquanto se baixou, tirando sua espada e afastando-se. Parecia ter sido demasiado fácil.

- Queres que lute a sério ou brinque contigo? - Questionou o Rei, o que deixou o Recéciano completamente furioso, lançando-se ao ataque com inúmeros golpes, todos eles desviados com a maior das facilidades por Spy, que nem se limitou a atacar de volta. Mas Andrey não parava... Lançava

golpes e golpes incensáveis, interrompidos quando o Dopaciano lhe agarrou no braço direito e lhe enfia a espada pela barriga sem dó, enquanto se olhavam nos olhos.

- És fraco, porque deixas sobrepôr as emoções à razão. - E retirou-lhe a espada, deixando-o cair de joelhos. Assim que vestiu o manto, Spy abanou uma árvore, mas depois de perceber que não teve o efeito pretendido, correu então para longe. Pegara em duas pedras, frixionando-as em folhas secas para as queimar. O efeito foi o surtido. Andrey pedecia na floresta que lentamente ardia... Mayra, do seu castelo, pôde ver o incêndio, sabendo quase certamente que o seu marido estaria lá. Saiu a correr colina abaixo e cidade fora... Vira-o deitado numa poça de sangue, ainda a respirar e capaz de falar e para resgatá-lo levou-o até o centro da cidade. Levou-o ao médico mais próximo, que teve de acordar para tratar do Duque que estava numa situação lastimável e talvez não sobrevivesse.



O dia clareava e todos se foram levantando e acordando os seus respectivos cavalos para se prepararem para nova caminhada, agora pelos longos planaltos de leste, inteiramente cobertos de flores e trevos, com vista secundária para toda uma cordilheira montanhosa longínqua que se confundia com o horizonte. Sec mirava a paisagem como um sonho... Era a melhor que alguma vez havia visto e haveria de ver.

Assim que estavam todos preparados continuaram a seguir viagem por tão maravilhosa planície. Lucka aparentava alguma preocupação no rosto, que constrangiu a calma que o marquês Rafc sentia:

- Lucka!

- Hmmm... Ah, diz! – Estava concentrado noutro assunto pelo que se notava.

- O que é que se passa? – Questionou preocupadamente Rafac.

- Não me agrada isto... Este pode ser um local muito belo, mas sinto-me preso... Lembra-te que o mundo é grande.

- Achas que podemos ser emboscados?

- É possível, mas fica atento, também pode ser que não seja nada.

Mas felizmente nada aconteceu. Estavam a alguns dias de viagem de chegarem ao monte Ton, mas o ritmo era bom.

Já em Recécio... Andrey mandou fazer um funeral para Naila, estando ainda de cama, em recuperação e com a mente focada no que Spy lhe havia proferido. E mesmo este tentando manter o sigilo dos ocorridos não conseguiu evitar que se espalhassem rapidamente pela população, que entrou em pânico. Andrey sentia-se na necessidade de comunicar o ocorrido ao "novo Rei", mas assim que se lembrava de onde este era originário, ficara quieto. Estava completamente sozinho em Recécio na administração. Mayra ia consolando o inconsolável pequeno Yann, que não dizia uma palavra desde aquela noite...

Relativamente à nova dupla real, pouco se sabia deles, apenas que estavam a apostar numa dinamização da agricultura, com novas técnicas e instrumentos introduzidos e também um reforço do comércio externo.

...

Um mês se passara, e pouco ou nada apresentava novidades. Andrey, que entretanto se havia recuperado o suficiente, continuou a gerir a cidade mesmo sabendo que não o poderia fazer. Yann permanecia totalmente mudado, nunca ria de nada, nem mesmo do que o bobo da corte Boing fazia, o que era desanimante.

Entretanto, na missão, estavam já há duas semanas instalados na aldeia do monte Ton e continuavam sem saber o que estavam ali a fazer. Sec e Vitor haviam entretanto feito um amigo, um rapaz de dez anos chamado Luan, que vivia com a avó e nunca havia conhecido os "falecidos" pais. Passavam dias a fio a brincar, até que um dia Luan levou Sec a subir a traseira do monte Ton, jornada que lhes demorou toda uma tarde... Encontrava-se perante eles uma gruta, não muito larga, que parecia descer longamente até ao infinito. Sec encontrava-se um pouco reticente, mas por ter trazido a espada alinhou.

Foram entrando devagar, e com Sec na frente com a arma em riste. Orientaram-se através do toque da espada nas paredes, e assim prosseguiram até encontrarem luz. Foram com calma até ao virar da esquina e...

Maycon chegara a casa depois daquele mês fora, depois de passar por Alambar e agradecer e dispensar os serviços de Martan e Petterson, que se mostraram um pouco indignados, visto o tempo reduzido que ali permaneceram, mas não negaram, e Martan devolveu a coroa. Foi recebido em ambas as cidades com gratidão e respeito, o que era o tratamento usual. Porém, em Recécio, enquanto entrava a cavalo, uma mulher gritou-lhe:

- Majestade, vamos vingar a morte da rainha – Maycon parara para escutar a moça e respondeu:

- Aconteceu alguma coisa?

-Não sabe majestade?

- Sei de quê mulher? – Questionou impacientemente.

- A rainha foi assassinada pelo rei da Dopácia enquanto esteve fora! - Maycon congelou, e todo o seu mundo parou. Todas as suas memórias de anos com Naila passaram-lhe à frente dos olhos, mas acordou e desatou a galopar colina acima para confirmar o assunto. Logo foi interceptado por Andrey, que o abraçou, e Maycon desfez-se em lágrimas que não

conseguira conter.

- Então é mesmo verdade? – Soluçava o rei.

- Sim... Eu lamento muito – E ali ficara num choro profundo que não era capaz de parar.

- Onde está meu filho?

- Ah... O que aconteceu foi pior do que pensas. Não foi o Spy quem a matou. Ele obrigou teu filho a fazê-lo. – Maycon imediatamente cessara o choro e perguntou-lhe:

- Onde está ele?

- Não sei. Ele não tem falado com ninguém... E saiu à pouco, não sei onde foi, mas desceu a colina.

- E o corpo da Naila, onde está? Preciso de vê-la.

- Isto já foi há um mês. Enterraram-na no átrio do jardim.

- Porra Andrey, não era para fazerem isso... – E chorava novamente, tentando limpar as lágrimas ainda antes de saírem, e desatou a correr para o seu escritório, onde quando entrou, fechou a porta e encostou se na mesa, caindo bruscamente até sentar-se num choro sustenido que parecia nunca ter fim. Como poderia isto ter-lhe acontecido? Eram imensos os pensamentos que lhe passavam pela cabeça naquela hora.

- Eu nunca devia ter-me tornado rei. A culpa disto tudo é minha. Como vou contar ao Sec quando ele voltar? Sou um péssimo pai e marido... – Levantara-se e fora até a secretária, onde, ainda em lágrimas, pegou num bocado de papiro e numa pena, e começara a escrever.

Querida Naila,

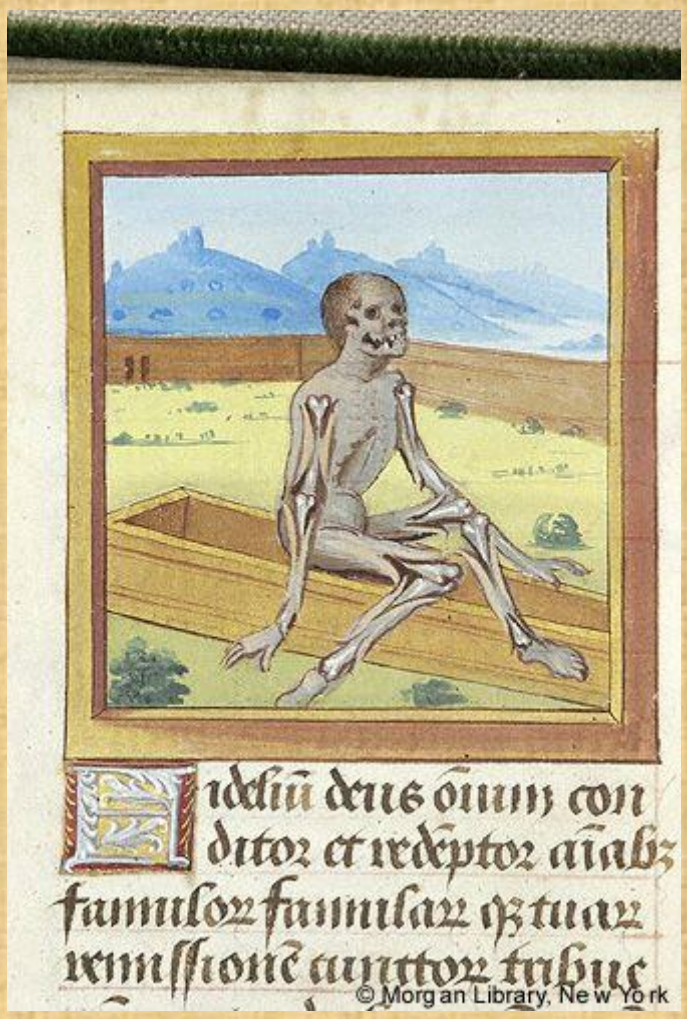
Foste tão cedo, tão de súbito, nem tempo me deste para te dizer adeus. Quero dizer-te então esta mensagem, sendo a minha última carta de amor para ti.

Foste a melhor coisa que me aconteceu. Nunca ninguém me conquistou como tu o fizeste. Toda minha vida antes de ti era pintada de cinza, tudo o que eu fazia era por fazer, mas tu deste-me uma motivação para toda a vida. Tu és a pessoa mais genial que eu algum dia conheci, por ti eu iria até o inferno se fosse preciso. Tu fizeste-me o homem mais feliz do mundo e muitas vezes eu não fui capaz de ver nem te dar valor. Arrependo-me hoje por isso, foste o meu sol e a minha lua, a luz eterna dos meus dias e a escuridão aconchegante da minha noite. Foste o meu céu e todas as estrelas que guiaram meu caminho, foste a vitalidade da minha alma e o fogo que me corre pelo sangue. Eu nunca te vou esquecer. Do teu toque. Do teu cheiro. Do teu olhar. Amo-te.

Para sempre teu.

Maycon.

A carta estava toda coberta em lágrimas, mas Maycon pegou nela e foi a correr para o átrio, onde viu a campa e olhou por breves momentos, até que pegou na pá e começou a escavar incansávelmente. Andrey observava-o da janela do salão, com uma lágrima no canto do olho. Nunca havia visto seu irmão assim, e, sentindo-se na necessidade de ajudar, nada podia fazer, sentia-se impotente. Não havia nada que pudesse fazer. Maycon escavou durante quase três horas, até desenterrar o caixão da sua alma gémea. Andrey aproximou-se e olhou-o de cima do campo, enquanto o seu irmão abria o caixão e se deitava junto ao cadáver, já em mau estado, e a abraçou, num choro inconsolável que doía assistir. Maycon foi beijando o rosto da sua amada... Até que se levantou, deixou a sua carta e fechou novamente o caixão, limpando as lágrimas. Andrey ajudou-o a subir e a



enterrar novamente... Maycon deixou Andrey e foi dar uma volta até fora das muralhas.

[...] Ao virar da esquina encontraram dois homens e uma mulher, totalmente reconhecíveis para Sec. Era Indes e Dodo! Sec correu para abraçá-los, como se ainda fosse criança. Estavam os dois ligeiramente mais velhos, e para Sec foi confuso vê-los ali.

- Eu pensei que o senhor havia morrido naquele dia! É tão bom ver que está vivo, já pode voltar para Recécio! – Indes sorriu de leve enquanto colocava a mão sobre o ombro do rapaz.

- Não posso, é por isso mesmo que estás aqui... A vossa missão de "captura" é por mim. Souberam que estou vivo, e por isso represento uma ameaça ao reino, mesmo não querendo voltar.

- Mas, isso é injusto! Foi o meu pai que mandou isto?!

Não sabemos filho – Respondeu Dodo.

- Mas como é que sobreviveu aquele dia, senhor?

- Ah... Não queria falar nisso, mas aqui vamos nós... Depois de me despedir de vocês e lá ficar, chegaram alguns inimigos que fui matando... Até que veio Max acompanhado do criador da Fébfa, Estevin e muitas tropas. Mas não me mataram. Lutei

punho a punho com o Estevin e ele deu-me uma coça. Espancou-me completamente, até quase me cegar. Depois só me lembro de estar preso numa cela no reino deles e de me fazerem perguntas sobre tudo e me torturarem mais e mais. Fui até posto à venda como escravo, foi assim que saí de lá.

- Quem o comprou senhor? – Questionou Luan, mesmo saber de quem se tratava.

- Esta moça. A mulher que amo, Letícia. Eu não acreditava em destino até ela entrar em minha vida – Sec recordava-se da cara dela de algum lado.

- Mas e agora senhor? Vai ficar aqui ou vai entregar-se?

- Filho, ajoelha-te à minha frente e dá-me a tua espada – Sec um pouco reticente sobre se deveria ou não confiar no antigo rei, seguiu sua ordem e pousou um joelho no chão.

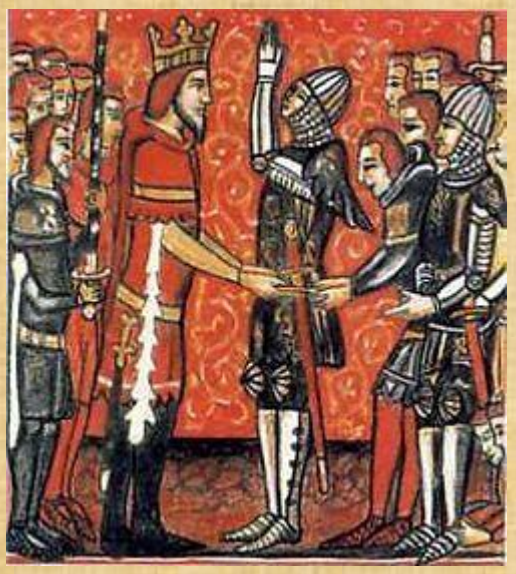
[...] Maycon, enquanto andava pela floresta viu alguém ao longe entre as árvores, e aproximou-se sem fazer barulho, ainda cheio de lágrimas nos olhos. Era uma criança encapuzada que tinha algumas adagas consigo. Repentinamente, atirou duas para o mesmo tronco que calharam exatamente no mesmo lugar e seguidamente o repetiu com outras duas. Pôde ver no chão um pequeno quadro. Era um retrato de Naila. Era Yann. Maycon limpou as lágrimas e aproximou-se do seu filho,

tentando-se fazer para de forte para com ele...

- Meu filho... Tirou o carapuço e ajoelhou-se. – Yann, sem dizer uma única palavra fez o que o pai mandou, desembainhando Maycon a espada.

E Indes fez-lhe uma cruz no corpo...

E Maycon fez-lhe uma cruz no corpo...



E Indes disse: Meu filho, tu serás o fruto de um grandioso passado.

E Maycon disse: Meu filho, tu serás o fruto de um grandioso futuro.

...

- Tio, vamos embora.

- Porquê rapaz? - Questionou Lucka.

- Esta missão não terá mais rumo.

- Porque dizes isso?

- Eu sei o nosso propósito aqui. – Disse Sec confiante.

- Entende, não podemos ir sabendo que ele representa uma ameaça...

- Eu falei com ele. Ele não tem interesse nenhum em voltar, nem em recuperar estatuto.

- Tens certeza disso?

- Sim senhor Lucka, eu estava lá! - Interpelou Luan

- Vou averiguar o caso então... - Baioco (Douglas), chegando-se perto, questionou:

- Onde estiveste o dia todo Sec?

- Eu... - Disse, receoso - Estive com um velho.

- Sem problemas, já que estás vivo... Ó Lucka, vamos ali beber um copo.

- Hoje não... Pergunta ali ao Biel, ele deve ir. - E afastou-se Lucka, entrando na sua barraca. Baioco, visto estar sozinho com os "miúdos" e visto não saber lidar com eles, disse:

- Então... Venham comigo, vamos até à taberna - Ao entrarem, viram Gabriel já sentado numa mesa, e lá foram ter com ele:

- Olá tio!

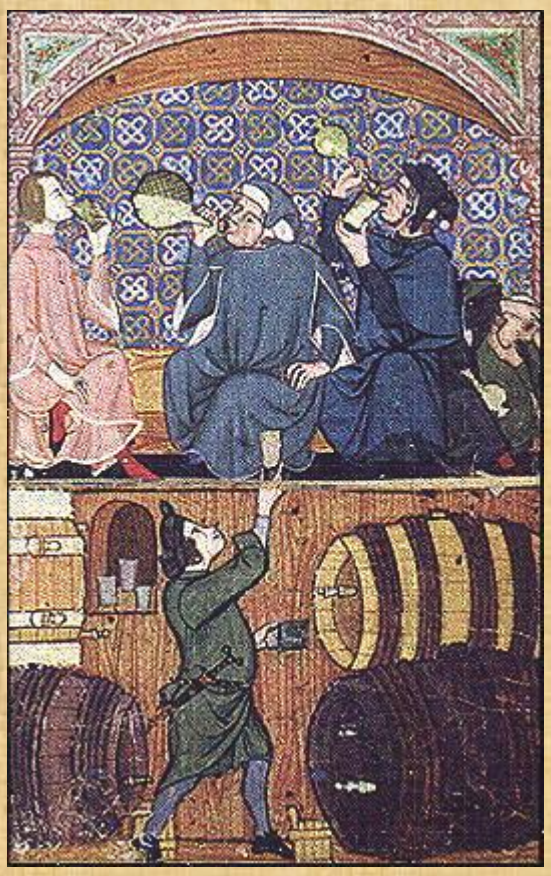
- Olá senhor! - Luan foi interrompido por Gabriel:

- Rapaz, já te vejo por cá há alguns dias, quem és tu?

- Ele é um amigo do Sec, relaxa.

- Ah, ok então... Sentem-se! - E assim que se foram sentando, Douglas pediu 4 cervejas ao homem do bar, dizendo:

- Vocês os dois vão beber connosco hoje, mas não abusem! -E assim que as bebidas chegaram, bebeu logo a sua de uma "golada" só, deixando os miúdos espantados:



- Uau! - Disseram em uníssono.

- Sempre o mesmo Baioco... - Riu-se Biel.

- E sabem porque é que bebo sempre assim?

- Não! - Novamente em uníssono.

- Então provem lá a bebida e vão perceber... - E soltou uma gargalhada... - Assim que provaram, detestaram, como era óbvio, e, não querendo beber mais, Baioco bebeu a deles. Lá permaneceram mais um pouco, até que Lucka entrou, e chegando à mesa deles, com um ar preocupado, afirmou:

- Amanhã de manhã partiremos de volta a Recécio. - Todo o grupo ficou com cara de espanto, e Sec no fundo sabia que

tinha sido por sua causa, mas achou cauteloso não o dizer. Assim que a notícia foi dada, Lucka saiu novamente.

- Nós vamos dormir então Luan... - E, levantando-se ambos da mesa, saíram, deixaram os dois irmãos a sós. A expressão na cara de Gabriel mudou-se automaticamente para uma séria. Ao encarar a face do irmão, disse:

- Prevejo uma guerra em breve... - Suspirou - Temos um exército da GOPH às portas do nosso território nacional, e um da GAOH ás portas de Rucrúcio.

- GAOH? Nunca ouvi falar dessa! - Interrompeu Baioco enquanto bebia mais uma.

- Burro, é a nossa organização de burgueses aliada! Ficam às vezes até uma semana no nosso território a fazer comércio com os locais, e o Maycon é amigo do Arthur, fundador do grupo.

- Calma, calma... E é isso que te faz pensar que vai haver guerra? O que referiste antes?

- Não só... Recebi uma carta à cerca de duas semanas, uma de Recécio, com a notícia de que a Naila foi assassinada pelo Spy, Rei da Dopácia, a outra...

- Espera, a Naila do Maykon?! - Interrompeu Baioco.

- Sim... Não sei como é que o Andrey pôde deixar isto acontecer. Deve ter entrado com ajuda dos outros atrasados da Dopácia.

- O Martan e o Pettersson?

- Sim, é o que suspeito...

- Meu Deus... Como é que isto pode ter acontecido...? - Exclamou Baioco, levando as mãos à cabeça em desespero.

- Eu não sei... A outra carta era da Bopénia, a dizer que tinham sofrido um ataque da Alfária. Já estou a antever o que vai acontecer... - Baioco, que se encontrava distraído, não pareceu escutar as palavras do irmão:

- E o Sec? Sabe disto?

- Não... – Mostrando preocupação no rosto Gabriel. – E não sei quando lhe hei de contar...

- Pensa nisso... Eu vou dormir também... – E saiu, deixando o irmão só, que depois também abandonou o local.

Maycon não dormiu aquela noite...

...

Sec caiu do cavalo, ficando para trás do grupo. Ninguém reparou porque estavam a ir à velocidade máxima atingível, mas rápidamente se voltaram para trás, trazendo o cavalo de Sec de volta.

- Estás bem Sec? - Perguntou Rafac.

- Sim, estou...

- Não estava a falar da queda... Mas calou-se assim que Skaarss lhe deu um murro o mando de Gabriel, que estava do outro lado. Sec percebera então que algo não estava bem, além do fato de Baioco ter querido levar Luan para Recécio. Assim que se pôs novamente no cavalo e o grupo andou, Biel ficou para trás e acompanhou o sobrinho lado a lado:

- Assim que chegarmos àquela planície, eu e tu vamos lá ficar.

- Porquê?

- Não faças perguntas, logo verás, lá falamos.

Assim que chegaram ao início da gigantesca planície, Gabriel disse alguma coisa a Lucka, e saltou do cavalo, gritando para Sec também saltar, o que fez com mais dificuldade, caindo de costas sobre as flores. O adolescente via aquele cenário com olhos brilhantes e para ele, era impossível associar tal lugar a coisas más. Gabriel aguardou que o grupo entrásse na floresta para então ali ficar com o sobrinho e discípulo. Era quase meio dia, e sobrevoava uma brisa leve que fazia todas aquelas milhares de flores arrosadas deambular. Sentaram-se com as pernas cruzadas no macio chão, frente a frente. Sec não fazia a mínima ideia do motivo de estar ali, mas lá sentia-se bem.

- Porque paramos aqui tio?

- Fecha os olhos e esvazia a tua mente.

- Ok.

- Pensa em todas as pessoas que já passaram pela tua vida. No seu impacto, na felicidade ou na dor que te causaram... Nos que mais te ensinaram e te fizeram mostrar um conceito mais aproximado do que é a vida. Para que um dia fosses ser tu a guiar novas gerações... Eu acredito em ti. A cada dia que passa vejo ti crescer mais e a te tornareis numa grande pessoa

com quem todos possam contar, eu diria mesmo que és príncipe por mérito quase. Agora... Hoje será um dia no qual terás de ser mais forte que a vida rapaz... E fez-se silêncio...

- Porquê? - Questionou Sec preocupado.

- A partir de hoje só tens o teu pai... A tua mãe foi assassinada... Eu lamento muito Sec. – O seu sobrinho deitou o tronco para trás e ficou a olhar o céu num olhar extremamente vazio, ao qual advieram lágrimas suaves, sem que o seu tio o ouvisse a chorar. Biel levantou-se e deu alguns passos para longe de Sec, que ali permanecia jorrado em sofrência:

- Vamos andando e conversando Sec...

- Não quero, pode ir mas eu não vou. Eu preciso de passar tempo sozinho para pensar. – Respondeu, sem nunca tirar os chorosos olhos do céu. - Mais tarde mandarei uma carta. - E assim observou a partida do tio, sem dizer qualquer palavra, e ali permaneceu, sozinho. Nada lhe passava pela cabeça. Simplesmente mirava o céu no meio daquela enorme e maravilhosa planície. Perdera o seu maior pilar nesta vida. O que seria feito de si mesmo agora?

Duas horas se passaram, mas Sec ainda não se sentia capaz sequer de levantar. O seu choro era incessante... Até que ouviu um ladrar infantil ao longe e logo se inclinou para ver

o que era, era um cão bebé que devia de ter vindo pela floresta. Levantou-se e foi até ele. Era muito pequeno, tinha o seu pêlo em tons de bege e estava demasiado magro, parecia não comer à dias. Sec imediatamente se ajoelhou e tirou algumas bagas que guardara numa bolsa que havia trazido. Assim que lhas deu, o pequeno animal pareceu criar uma afeição imediata, mas ainda precisava de comer muito mais, estava sub-nutrido. Sec pegara-o ao colo e fizera-lhe uns carinhos. O cãozinho lambeu-lhe a cara, limpando-lhe as lágrimas que haviam escorrido pelo rosto... Andou com ele até aos riachos da floresta, ande apanhou dois peixes, fez uma pequena fogueira e cozeu-os, tirando as espinhas e dando alguns bocados ao pequeno cão, que os comia quase sem engolir, tanto era a fome. Mal sabia cuidar de si mesmo, como tratara de um animal? - Pensava... Voltava agora para Recécia ou não? Lembrava-se das palavras do tio anteriormente, e era esta a altura de ser um homem... Mas sentia-se tão fraco, a mãe era tão importante para ele em todo o seu percurso de vida... Tentou então não pensar nisso e cuidar da fome do cachorrinho que encontrara.

...

Assim que a noite caiu, adormeceu junto a uma árvore com o cão bem aconchegado com o seu manto.

...

- Filho...

- Mãe? - Sec encontrava-se numa espécie de vazio, o qual não era explicável, estando à frente da sua mãe, Naila.

- Não penses no que aconteceu... Eu vou estar sempre aqui para te apoiar, nesta vida ou na próxima... – Sec não disse mais nenhuma palavra, simplesmente abraçou a mãe e chorou muito... Até que ela se tornou em pó, ficando apenas a sua mensagem...

Acordou com a luz solar e o ladrar do cão, tinha sido apenas um sonho... E fechara novamente os olhos, até que sentiu alguém a se aproximar, e quando olhou viu uma moça que devia ter a mesma idade dele, morena, com os cabelos castanhos, ondulados e compridos... Era tão formosa e era talvez das mais belas que já tinha visto... Estava de cócoras à sua frente a jovem, que logo lhe perguntou:

- Estás bem? - Sec nem conseguiu ter uma reação... Levantou-se e não disse nada, virando-lhe as costas. – Se

foges de mim assim imagino o que fazes aos teus problemas... - E o jovem soltou um sorriso... Havia sido desafiado? Era algo demasiado raro, tendo em conto que era príncipe. Talvez a rapariga não o soubesse... - Não respondes babaca? Vais ficar assim parado mesmo? Olha, o teu cão gostou de mim! - Sec virou-se e agaixou-se, chamando o cão com um assobio, fazendo-o sair do pé da moça que, também fazendo o mesmo, deixou o cachorro confuso, optando no fim pela jovem, que soltou um sorriso fechando os olhos, deslumbrando Sec:

- Vês? Ele até gosta mais de mim! - O Recéciano riu-se mas logo mudou de cara, lembrando-se do sonho que teve... A moça, notando que algo não estava bem com ele, veio até o seu pé e agaixou-se também, na frente dele. Sec levantou a olhar e olhou-a nos olhos com uma profundidade tal que parecera que o tempo havia parado por horas, dias, semanas, meses, anos... Não se cansou de olhar para aqueles olhos cor de avelã:

- Como é que te chamas? - Perguntou-lhe a jovem.

- Secódio, ou Sec, e tu?

- Diana, prazer em conhecer-te... Estás ferido?

- Não, tenho total percepção do tempo e do espaço, só não sei encontrar o meu caminho...

- Talvez alguém o encontre para ti, quem sabe? - E sorriu. Sec não queria mesmo estar fascinado por aquela moça, mas tornava-se inevitável. Levantaram-se, e Diana, que Sec já se tinha esquecido do nome continuou a falar com ele:

- Pelo que vejo és um guerreiro... De Recécio, mas tão novo?

- Sim os meus familiares achavam que eu já estaria preparado... - Até que ouviram uma voz feminina mais madura ao longe a chamar por ela:

- Eu já volto, ok? É a minha mãe, vou só entregar-lhe este cesto. – E, tirando de lá uma maçã, colocou-a na mão de Sec e foi-se embora. Vendo-a partir por entre as árvores, sentou-se encostado a uma árvore e com a sua adaga, cortou metade da maçã em frações e deu-as ao cão, depois comendo a restante metade pra si. E aguardou...

- Cerca de meia hora mais tarde a menina voltou, desculpando-se do seu atraso.

- Desculpa, a minha mãe estava mesmo chata... – Parecia uma bala no coração do Sec estas palavras negativas sobre uma mãe, mas não disse nada. – Anda, vamos dar uma volta. – E assim foram, por entre a densa floresta até a planície. Sentaram-se e ficaram a brincar com o cão um bom tempo, até que viram alguém a se dirigir a eles. Carregava um brasão

desconhecido e vinha a correr com a espada em riste. Sec disse a Diana para pegar no cão e ficar atrás, enquanto se aproximou do indivíduo, desembainhando a sua espada. Assim que chegara ao seu pé, desferiu um golpe descendente, o qual Sec bloqueou, contra-atacando com um murro esquerdo, outro da direita, fezendo-o virar e acabando com a sua vida com um golpe de espada nas costas, fazendo o invasor cair imóvel. Diana olhara para tudo isto com os olhos de terror, afastando-se do rapaz em repúdio da sua ação...

- Diana, não havia outra opção eu lamento...

- Eu detesto homens violentos!!!

- Mas eu não sou, ele ia matar-nos... – E, ignorando a resposta da moça, analisou os pertences do homem, não encontrando nada de muito relevante que lhe pudesse identificar de onde veio. Foram então ao riacho mais próximo, onde se sentaram numa enorme pedra que se estendia em altura. Sec tinha percebido a "mensagem" de Diana, e jogou a sua espada ao riacho, provocando uma boa reação na rapariga que sorrindo, disse-lhe:

- Isso é muito bom... Não acredito que fizeste isto por mim... Olha, eu vou ter de ir a casa um bom tempo... – A expressão de Sec entristecera – Mas não te preocupes, ao início da

noite eu volto, vou sair pela janela! Levantou-se e partiu, deixando Sec sozinho.

Entretanto, em Recécio, logo após a chegada das tropas, convocaram uma sessão solene no palácio para o final da tarde, com as mais altas patentes do exército e a família real. Ao comparecimento de todos no enorme salão, Maycon dirigiu-se ao centro e disse, por poucas palavras:

- Preparem-se, em algumas semanas ou menos partiremos para a guerra. A Naila foi assassinada na nossa ausência. - Baioco deu um passo em frente e respondeu:

- Foram aqueles canalhas da Dopácia, o Martan e o Pettersson!

- Não, mas eles podem estar envolvidos... Foi o Spy da Dopácia que obrigou o meu filho Yann a fazê-lo, e depois quase matou o Andrey, que já está mais ou menos recuperado... O Arthur Correia, fundador da nossa aliada GAOH enviou-me uma carta, a relatar vários outros problemas entre aliadas deles e da GOPH, já sabendo do assassinato da Naila. É inevitável, estamos só a espera da convocação. Ah - lembrando-se de Sec - onde está o Sec? Não foi convosco? - Gabriel deu um passo em frente e disse:

- Quando lhe contei o que havia acontecido, fugiu. Vou mandar alguém à procura dele.

- Ok. Espero que ele esteja bem. Preparai-vos amigos, treinem ao vosso máximo e aproveitem a vossa família. Darei notícias mais tarde. - Com isto, abandonaram o local, e os mais próximos da família ficaram em choque...

Finalmente Diana chegara, para ânsia de Sec, que não sabia se ficava feliz ou não...

- O que se passa? - Questionou a moça.

- Nada, porquê?

- Eu consigo ver que algo se passa... - E sentou-se ao lado dele.

- Enfim, já que queres saber... A minha mãe morreu... - E fez-se um silêncio pesado, enquanto se acumulavam gradualmente lágrimas nos olhos de Sec. Diana nada lhe disse, apenas lhe deu um abraço, onde ficou com algumas das lágrimas de Sec manchados no seu rosto. Assim que soltou, olhando para o céu disse:

- Não penses nisso, a tua mãe é mais uma nova estrela no céu...

- Mas Sec nem olhou, ficando cabisbaixo...

- Conta-me histórias da tua família que te alegrem.

- Hum... Eu tenho uma família grande, e o meu pai e os meus tios são grandes guerreiros que me ensinaram tudo o que sei.

- E quem são eles? - Questionou Diana, tentando dar alguma corda ao rapaz.

- Bem, o meu pai chama-se Maycon, e é um líder nato, mas muitas vezes não tem tempo para mim, quem "me educou" foi o meu tio Gabriel, que às vezes me mete medo pelo seu temperamento e por ser sério a maior parte do tempo. Tenho mais 3 tios, o Baioco, que é muito divertido e descontraído, o Lucka, que é muito dedicado aos outros mas que também não brinca muito, e o Andrey, que é relaxado e bastante atencioso. Ainda tenho o meu irmão mais novo, o Yann e os meus primos... E tu?

- Eu só tenho os meus pais, a minha tia e o meu irmão.

E ali permaneceram, a conversar, ao luar durante o resto da noite, até Diana ir para casa. Sec sentia algo de muito especial acerca desta moça que se lhe aparecera, que de certo modo é estranha.

No dia seguinte pela mesma hora da noite lá estavam novamente:

- Como estás hoje? - Perguntou Diana, sentando-se ao lado de Sec.

- Tentando levar... - E calou-se uns momentos, e também Sec.

- Sabes, não te disse nada, mas admirei muito quando me salvaste a vida, apesar de teres tirado a de alguém. - Sec riu-se, fechando os olhos em sinal de tranquilidade:

- Não foi nada demais...

- Claro que foi, se não fosses tu, já não estaria aqui!

- Esquece isso... - Disse, levantando-se e cruzando os braços.

- Não era o teu destino ficares por aqui.

- Porque dizes isso? - Questionou Diana incrédula.

- Porque foste capaz de em 2 dias de me encaminhares no sentido de me conhecer a mim mesmo. - Diana ficou envergonhada, mas em seguida riu-se, respondendo:

- Cala-te totó, não sabes o que dizes!

- Ahahahah, e quem te garante isso? - Desafiou Sec.

- Oh cala-te!

- Ficaste sem resposta por eu ter razão, eu sei! - E riu-se o rapaz.

Diana calou-se por uns momentos, fingindo estar amuada. Sec agaixou-se à sua frente, olhando-a nos olhos, disse:

- És uma mulher incrível. - Diana corou imediatamente, enquanto Sec se tornou a levantar e ficou ao seu lado. Fizeram-se uns momentos de silêncio, até que ouviram alguém a se aproximar. Diana escondeu-se imediatamente atrás de Sec, que logo tirou a sua adaga e tentou alargar os ombros para a

proteger. Fez-se um profundo silêncio, até que viu uma senta a vir na sua direção, bloqueando-a com a sua arma quase que por instinto, até que saiu alguém num cavalo de dentro da mata, era Dudu, cavaleiro de Recécio e conhecido de Sec:

- Sec! - Gritou com êxtase - Desculpa, não te reconheci de primeira!

- Então Dudu... - Disse Sec, baixando os braços - Quase me matavas...

- Sim sim, desculpa, tenho um recado importantíssimo para ti.

- O que é?

- Despoletar-se-há a primeira grande guerra real, e Recécio convoca-te para lutares pela tua honra e compromisso para com o Reino, não te esqueças que és o príncipe herdeiro. - Diana admirou-se, e perguntou a Dudu:

- Ele é príncipe de Recécio?! - Apontando

para Sec, que tentou justificar-se:

- Eu não quis dizer-te, podias encarar-me mal porque vi que não gostavas de violência... Eu não vou Dudu, lamento. - Fez-se um pesado silêncio, acompanhado pela voz de Diana, que ao tirar algo do bolso, disse:

- Vai... Tens um povo para proteger, eu acredito em ti e estarei contigo – E colocou-lhe nas mãos um mini retrato dela, que Sec guardou, e depois de alguns segundos a pensar respondeu...

- Eu vou... – E, virando-se para Diana, deu lhe um beijo tranquilizante na testa, que a deixou corada, sussurrando-lhe no ouvido:

- É bom que voltes vivo, afinal, "não era teu destino ficar por aqui". – E deu-lhe um longo abraço com os braços em volta do pescoço do rapaz, com o seu longo cabelo a brilhar ao luar... Assim que soltou, sec colocou-se em cima do cavalo, e olhou-a com tranquilidade e ternura. Assim qiue partiram, Sec e Dudu foram a conversar no caminho para recécio.

- Namorada nova?- perguntou Dudu na inocência

-Não... É só uma rapariga muito especial...

-Hahahaha, compreendo...

Dudu tinha menos um ano que Sec, e tinha vindo de uma família nobre também, da qual era um prodígio nato.

- Como está o ambiente entre as pessoas lá depois de saberem da guerra? – Perguntou o mais velho.

- Não está muito bom Sec... Toda a gente está com medo da morte... Não sei o que é que o teu pai vai fazer, mas tem de motivá-los...

- Quais são as facções da guerra?

- GOPH e aliados contra GAOH e aliados... O assassinato da tua mãe foi o ponto inicial para isto acontecer...

- Eu vou orgulhá-lo em nome do nosso reino... – Respondeu Sec com confiança. Dudu, com uma rapidez incrível, atirou duas adagas de três pontas para cima, o que surpreendeu Sec, que notou a queda de duas maçãs, as quais apanhou no ar e deu uma a Dudu:

- Fizeste isto de propósito? – Questionou Sec incrédulo com tamanha habilidade.

- Claro, tenho fome e assumi que também tivesses. – Respondeu Dudu na maior das normalidades, o que chocou Sec.

- Quem te ensinou essas habilidades?

- O Lucka, só que aperfeiçoou.

- Muito bom, tenho de aprender isso, vai ser muito útil na guerra...

- Haha, um dia destes ensino-te!

Ao chegarem, na manhã seguinte, apressaram-se a ir ao palácio para se apresentarem ao Rei Gaar, mas Sec nem o fez, apenas foi para o seu quarto e dormiu um longo sono.

Ao acordar, recebera uma notificação de que todo o exército de Recécio iria se reunir em preparações nas zonas rurais do país. Já haviam partido pela manhã, pelo que teria de se apressar para os acompanhar. Após alguns minutos encontrou um grupo, que logo o reconheceu, e juntou-se a eles. Em pouco menos de 2 horas chegaram ao seu destino, às longas planícies rurais. Sec nunca tinha visto tanta gente, estavam a cerca de 50000 soldados Recécianos, o que era um número absolutamente incrível. O seu pai e alguns outros de grande importância foram vistos no alto de um pequeno monte que ali se destacava. Pareciam estar a discutir sobre alguma coisa, até que se dispersaram e deram uma ordem a ser passada, que só chegou a Sec uns 20 minutos depois, de que deveriam formar grupos de aproximadamente 5000 homens, estando dispostos todos simetricamente para contagem

aproximada. Após mais de duas horas estavam dispostos 10 grupos, aos quais Maycon havia atribuído um comandante. Entre os que viram, eram estes 10 o seu pai, Andrey, Douglas, Gabriel, Lucka, Skaars, uma mulher loira que desconhecia, Rafac, Mateus MTS e Hyoga, este último que era de outra cidade do país. Foi ouvido ao longe alguém gritar silêncio.

Aproveitaram a sua altitude e localização de modo a usa o eco para chegar a todos os presentes. O rei começara a gritar:

- Recécianos! Juntamo-nos hoje aqui por uma busca de honra e glória, de orgulhar o brasão que carregamos! Esta será a maior guerra que alguma vez existiu! Temos aqui os 10 comandantes escolhidos para esta campanha! Eu, Gaar, Rei de Recécio, Gabriel, Duque; Baioco, Grão-Duque; Lucka,

Arquiduque; Andrey, Duque; Skaars, Marquês; Rafac Marquês; Mateus MTS, Duque; Hyoga, Duque; e Babyloira, Grã-Duquesa! Passei todas as instruções em guiões aos vossos comandantes. À carga povo! Honra e glória! - Logo em seguida os 10 comandantes desceram, cada um rumo ao seu esquadrão, ficando Sec com o tio Baioco, furando entre a multidão para ir ter com ele. Assim que avistou o sobrinho, chamou-o:

- Sec! Vem cá! – E assim que o sobrinho se chegou ao pé dele continuou – Não pensei que viesses para a guerra... Ainda és muito novo.

- Tenho deveres como príncipe...

- Bom... Transmitam a mensagem de que devem formar e seguir-me, Sec, vem comigo á frente. – Inicialmente ficaram atrás de 1 esquadrão, mas rumaram ao mar, o que causou uma certa ansiedade. Seriam o primeiro grupo a lançar um ataque, o que poderia ser algo de precipitado. Foram ao maior porto de Recécio, a porto de Dobina, que estava absolutamente carregado de suplementos alimentares. Já sabiam ali o que teria de acontecer. Baioco reuniu os 5000 homens em dois grupos de 2500 para passar a sua mensagem:

- Marcharemos pelas águas! Em nome da GAOH atacaremos Rucrúcio, aliada da GOPH por via marítima! Temos os melhores navios, equipamentos e suprimentos! Não temam a morte, porque nenhum de nós vai morrer. Mantemo-nos seguros e fieis sempre! Somos um e seremos um contra tudo e contra todos, até ao fim do mundo! – A mensagem foi deveras tranquilizante, mas restava a tática – Agora... Teremos inicialmente de passar pelas águas da Depêga, reino neutro, e a nossa única passagem será aí. Só pararemos novamente na cidade Holx em Rucrúcio, após a sua destruição. Foram treinados para qualquer tipo de terreno, então estamos serenos. – Esta era apenas uma das frentes de Recécio na guerra – Visualmente, distribuíram-se por todo o mapa:

Ao nível marítimo eram o único esquadrão de Recécio, e deveriam ser os primeiros a atacar, sendo que a Pegáess se fundiria com eles, assegurando-se da defesa de ambos os territórios. Os preparativos foram feitos no dia seguinte, dada a hora tardia a que chegaram.

Ao levantar bem cedo, Sec foi apressado pelos companheiros a ir buscar mantimentos às instalações portuárias para armazenar nos 500 barcos (Naus) que se encontravam lá estacionadas, o que levaria talvez um dia inteiro... Eram essencialmente carregamentos de pão e água, o essencial, mas também balas para os canhões.

Ao fim do dia encontravam-se exaustos e deixaram a partida para o dia seguinte.

Enquanto isso, a frente de Maycon e Hyoga estabeleceu-se na Pegáess algum tempo para planejar ataques com Danieljhimy. As frentes restantes ficariam estacionadas entre os territórios da Dopácia e Recécio.

Acordaram toda a tropa por volta das 10 da manhã, ainda cansada... Baioco convidou alguns para ficarem no seu barco, tinha até 10, Sec e Sochoski, filho de Andrey. Aquela nau era nova e enorme, nunca haviam visto nada assim. Ao entrar na

Nau, Sec sentiu uma certa insegurança, mas gostava do mar, era realmente um sentimento agridoce, misturado com adrenalina e medo. Eram os primeiros a partir, e quem comandaria dali seria Baioco aquela armada. Sec, como estava sem função por agora, antes da partida, encostou-se numa borda do navio, de costas, a mirar o infinito e vago céu azul, que no dia atual se encontrava com poucas nuvens. Ficara a pensar no que se seguia... Tirou o pequeno retrato de Diana e ficara a mirá-lo:

- A certeza dela ao dizer que o nosso destino não acabava ali... – Pensava para si mesmo – Será que revejo a mãe nela? Não! Para de pensar nisso, vais orgulhar a tua mãe e honrar a

memória dela sempre... Ou morres nesta guerra e vais ter com ela mais cedo... Quem sabe... – E os seus olhos encheram-se de lágrimas, quando sentiu uma mão no seu ombro, era o seu tio:

- Sec, não penses nisso... – Ao ver o pequeno quadro que o sobrinho tinha nas mãos, questionou: - E a namoradinha? – A pergunta clássica de todos os tios e tias, que este já esperava.

- Tio, não... Foi só uma rapariga que conheci e me afeiçoei... Mas não é nada de mais.

- Haha, isso lembra-me de quando eu era mais novo...

...

Douglas saíra para ir treinar com os seus irmãos na floresta... Era um jovem de 18 anos de idade muito divertido, mas que era desajeitado... Queria muito provar que era bom como os irmãos, mas acabava sempre por ficar para trás, sentido-se excluído. Sempre que eram falados os 5 grandes irmãos, diziam que Baioco era o pior, de longe... Até que um dia o conselho organizou um torneio de guerreiros, para o qual esteve a treinar intensivamente... Tinha um grande sonho de ser reconhecido e

respeitado por todos, sentia-se nessa necessidade... Assim que chegara à floresta, Gabriel gozara com ele:

- Ah, vais mesmo querer entrar no torneio? – E soltou uma risada.

- Ele vai... Assistir! – Respondeu Andrey, rindo também, o que fez Douglas sair dali a correr e a chorar pelo meio da floresta, sentando-se num tronco cortado. Sentiu uma mão suave nos seus ombros, mas nem se dignou a olhar, continuando num choro baixinho...

- O que se passa Baioco? – Reconheceu a voz, era a filha de uns vizinhos, que nunca soube o nome... Levantou-se do tronco, encarando-a de frente. Era ligeiramente mais baixa que ele, tendo cabelos longos e ondulados em preto, na mesma cor dos dele. Era branquinha e bonita, mas não ligava muito, já que toda a gente o evitava por não ser bom em nada, e respondeu.

- Eu sou uma vergonha para Recécio, todo a gente goza comigo e com os meus sonhos... Eu não sei o que estou a fazer neste mundo... – E baixou a cabeça... A moça, baixando-se e olhando-o nos olhos profundamente, disse:

- Eu tenho-te observado a vida toda... E eu acho-te incrível desde aquele dia em que levaste uma coça dos teus irmãos para me defenderes porque estavam a gozar comigo... Desde aí vivi a

observar-te... Ma nunca tive coragem de te dizer. Quando ias para a floresta à noite sozinho, eu também ia, e sentia a dor que sentias... Baioco soltou um sorriso leve e continuou a olhá-la nos olhos. Nunca a tinha visto daquela forma, apesar de a ter visto durante toda a vida... E perguntou:

- Achas mesmo que sou isso?

- Eu não acho, eu tenho a certeza. Tu nunca baixas os braços a nada, tentas sempre provar o teu valor, apesar de estar toda a gente contra ti. As pessoas não te compreendem, por isso julgam-te pelos padrões que elas acham normais... E o teu maior sonho é recriar padrões, torná-las tolerantes e a saberem admirar qualquer pessoa, não é? – E sorriu, fechando os olhos em serenidade, corando Baioco.

- Sim...

- Eu vou estar a ver o torneio, ganha-o por mim, eu acredito em ti! És o melhor! – E, levantando-se, virou as costas e voltou para a cidade, deixando o rapaz mais feliz e animado. Faltando apenas 3 dias para o evento, treinou como nunca, dia e noite, sozinho, até dormir o dia todo no dia que antecedia o torneio, para descansar.

O grande dia chegara, e quando acordou, já os irmãos tinham saído e estava, claro, atrasado. Para sua sorte, ao chegar na arena viu que era o ultimo a combater, por isso tinha tempo. No momento combatia o seu irmão Lucka na arena, com movimentos tão fluidos que parecia um elástico, derrotando fácilmente o seu adversário, que devia ter o dobro da sua idade. Procurava dali insanamente a moça do outro dia nas bancadas laterais do público, até que a viu, extendendo a mão ao alto e sendo correspondido, o que o deixou muito feliz.

Chegara a sua vez, e estava nervoso, tinha de impressioná-la. Ao sinal inicial do árbitro, correu para o adversário com a espada em riste, caindo com uma rasteira do oponente. Logo se levantou, cheio de gás. O adversário lançou-lhe um golpe com a espada de madeira na lateral esquerda, o qual bloqueou com sua arma, desferindo em seguida um murro no queixo do jovem, fazendo-o cair inconsciente. Tinha sido mais fácil do que ao que pensara. Na

pausa entre fazes, a moça foi ter com ele atrás do recinto... – Magoaste-te? Deixa-me ver este corte na bochecha... – E com muita delicadeza isolou a ferida e colocou uma espécie de algodão por momentos. – Por favor se tiveres de desistir desiste... Só não te magoes.

- Eu não vou desistir... Já agora, qual é o teu nome?

- Eu chamo – me Elizabete... – E corou de vergonha. Baioco repentinamente abraçou-a, fazendo-a sentir segura. Sentia-se feliz como nunca antes. Alguém o tinha aceitado pelo que ele era, e gostava dele mesmo assim. Só a largou quando chamaram pelo seu nome e foi até a arena. Mal podia acreditar, iria lutar com o irmão mas novo, Andrey, mas não temeu. Entrara de cabeça erguida, e à indicação do árbitro, aproximou-se devagar com a espada em riste. Logo Andrey, baixando-se, esmurrou-o no estômago, fazendo Baioco baixar-se, seguindo-se de um pontapé rotativo em cheio na face, que o fez cair para trás com alguma violência. Baioco levantou-se com dificuldades e Andrey, sem perder tempo, lançou-lhe um golpe de espada à direita, ao qual se baixou e, agarrando no pulso ofensivo do irmão, lhe lançou uma série de murros, tanto no estômago quanto na face, fazendo-o desmaiar, vencendo-o, algo que nunca antes tinha acontecido. Desta vez a pausa era mais reduzida e não teve tempo para estar com Elizabete, que

continuava a observá-lo com um olhar de receio... Estava já nas meias-finais, e quase que por milagre, o seu oponente das quartas não estava em condições de lutar. Observava a primeira mão das semi-finais, entre os seus irmãos Lucka e Maycon. Eram absolutamente formidáveis, compreendiam tão bem os movimentos um do outro... Desviavam-se de todos os golpes opostos, lançados com uma velocidade impressionante, não admirava que ali estivessem. Só depois de uns bons 10 minutos de luta intensa conseguiu Maycon cansar Lucka e desferir-lhe uma série de golpes que não conseguiu evitar, vencendo. O combate seguinte seria o de Gabriel com Baioco. Gabriel aparentava-se super confiante, ao contrário de Douglas. Ao sinal do árbitro, Biel nem se mexeu inicialmente, permanecendo de braços cruzados. Baioco atirara então a sua espada para a cabeça do seu irmão, que foi em linha reta, à qual Gabriel, com uma rapidez absolutamente incrível, afastou a cabeça e agarrou-a na pega, assim que esta chegou à sua linha corporal, virando o corpo e numa só rotatividade relançou a espada na direção da barriga do irmão, que conseguiu desviar-se a tempo. Sem perder tempo, Biel lançou-se na direção de Baioco, lançando-lhe uma serie de murros aos quais tentara desviar-se. Porém, ao tentar ver Elizabeth no público, levou um murro em cheio na cara, quase caindo mas lançou um pontapé à articulação do joelho

esquerdo do irmão. Fê-lo baixar-se, dando-lhe uma joelhada na face, partindo lhe o nariz, mas Gabriel não desistiu. Levantou-se e tentou ignorar a dor, atacando o irmão com uma serie de pontapés e rotativos aos quais Baioco já estava a conseguir reagir bem e desviar-se, golpeando o irmão entre os rotativos na face, fazendo-o cair inanimado. Nunca havia lutado assim antes, mas teria de preparar-se para o irmão mais velho, Maycon, no final. Na paragem foi ter com Elizabete, que o abraçou com muita força em volta do pescoço. Ao largá-lo, olhou-o nos olhos e disse apenas:

- Eu acredito em ti – Beijando-o longamente. Algo que Baioco de facto não esperava, mas acompanhou com vontade. Logo que ouviu chamarem pelo seu nome, soltou o beijo e foi a correr cheio de vontade até encarar o irmão Maycon, que parecia totalmente confiante e sereno. Ao ser dado o sinal de início, Maycon correu para o irmão mais novo. Algo inesperado, ao que Baioco reagiu pontapeando o na perna esquerda, enquanto Maycon o esmurrou no meio da cara, deixando-o quase inanimado. Douglas pensava para si mesmo: - Não posso desistir agora... Por ela! – E o futuro rei pegou no irmão pelo pescoço e levantara-o no ar, esmurrando-lhe a barriga incessantemente e em seguida, largando-o no chão.

-Ela está a olhar para mim, não posso ficar por aqui... - Pensou Baioco que, com muito, muito esforço levantou-se, fazendo Maycon lançar-lhe um pontapé na cara, o qual bloqueou. Em seguida um soco fora lançado contra si, mas agarrara-lhe nos pulsos e deu lhe uma cabeçada no nariz, seguido de um enorme pontapé na lateral do tronco e por fim um fortíssimo soco de baixo para cima no queixo, resultando com Maycon a dar um pulo involuntário para trás. Ficara quase inconsciente, cheio de sangue. Mal acreditava que tinha vencido o torneio e era agora o melhor guerreiro de Recécio.

Elizabete invadiu o estádio e abraçou-o eternamente, seguindo se de um longo beijo que deixou os outros quatro irmãos em choque. Nem quis receber o prémio, saiu a correr com ela para o mesmo local onde estiveram três dias antes. E namoraram durante seis anos...

- E depois, tio? O que aconteceu? – Baioco ficara reticente, respondendo apenas uns momentos depois.

- Nunca soube o que aconteceu. Ela deixou me uma carta de despedida enquanto estava grávida, extremamente fria, dizendo que ia viver com a irmã, o cunhado e a filha deles na floresta. E disse para não a procurar – E os seus olhos encheram-se de lágrimas. – E caso eu morra sem encontrar o meu filho, encarrego-te a ti de o fazeres Sec. E sabes?! Eu entendi que

há uma enorme diferença no nosso interior quando lutamos por alguém que amamos. É como se todas as nossas qualidades escondidas viessem de cima. Tornamo-nos capazes de tudo pelo bem dessa pessoa, e não nos importamos pelo quanto sofreremos, desde que ela esteja bem. A nossa felicidade torna-se no sorriso dela e nada mais importa para nós. Hoje passados mais de 10 anos, ainda devoto o meu amor a ela. E nada vai ocupar o vazio que ela me deixou aqui dentro. Mas, felizmente fiz vários amigos que me ajudaram a superar essa dor. E adotei o Luan porque sinto que tenho alguma ligação com aquela criança, gostei bastante dele. - Fora interrompido por um soldado que lhe pediu uma instrução de comando. Quando regressou, retornou a conversação.

- Cuida dele – E voltou a se dirigir ao convés.

Enquanto isso, uma outra frente se movia também, a frente Skaars, mas por terra. Passava agora pelas áreas montanhosas que antecedem o monte Ton. Era uma frente liderada por Skaars e Victor Castilho, dois nobres do reino.

- Não tarde chegaremos ao Ton – Comunicou Castilho com o seu líder, que parecia deveras reticente.

- Sim. Teremos de calcular a posição deles em relação à nossa. Mas, temos de ser rápidos à chegada – Castilho não questionou e seguiram caminho.

Entretanto, no acampamento principal, reuniram-se os líderes para a discussão das eventualidades na tenda principal, onde lá estava Arthur, da GAOH, a explicar o plano geral numa enorme mesa redonda, onde abriu um mapa do mundo.

- Ok, os nossos dois primeiros ataques serão lançados, um por Recécio em Rucrúcio por via marítima e outro terrestre, da Bopénia à Fébfa. - Foi interrompido por Maycon.

- E o terrestre de Recécio a Rucrúcio? – E expressou alguma preocupação.

- Enviei uma carta há pouco tempo sobre isso, não receberam?

- Merda! – E esmurrou a mesa – O que continha?

- A informação de que a zona onde o ataque passaria, o vale do silêncio, estará fortemente vigiada. – Respondeu com alguma preocupação Arthur.

Maycon não perdeu tempo.

- Lucka, envia alguém atrás deles, rápido!

- Já ia fazer isso. Calma. – Respondeu com pressa o irmão.

Maycon estava preocupado e ninguém se atreveu a dizer nada. Até que Daniel, rei da Pegáess entrou na tenda com uma má notícia.

- Amigos, um batedor meu confirmou um ataque a chegar à Pegáess por parte da Dopácia.

- Mas já? – Questionou Andrey incrédulo.

- Eu vou. – Interrompeu Maycon – Pode ser que seja o Spy a comandar. – Gabriel colocara o braço à frente do irmão, bloqueando o seu caminho:

- Um primeiro ataque a um estado onde se sabe que todas as forças estão reunidas nunca seria feito pelo principal líder, e possivelmente será uma diversão para outro grande ataque noutra localização. Eu vou. – Após alguns momentos a pensar, o rei Gaar concordou com o seu irmão, dando-lhe instruções para levar mais um esquadrão, e Babyloira, mulher de Daniel e Rainha da Pegáess ofereceu-se para a missão:

- Eu vou contigo Gabriel. – Daniel não gostava do fato de a sua mulher ser guerreira, nem muito menos que viesse para esta guerra:

- Querida, tens mesmo de ir? – Pôs Daniel em questão, aproximando de Camila.

- Sim, é o meu dever proteger o nosso Reino, de quem mais seria para esta função?

- Tudo bem. – Suspirou Daniel - Vou reforçar o teu esquadrão com mais 5000 Pegáessianos, ok ?

- Prepara-os rápido, não temos tempo a perder! – E saiu juntamente com Gabriel, a correr numa chamada pelos seus esquadrões, que rápidamente se prepararam para a arrancada, e quase de imediato se juntaram também aos 5000 da Pegáess que Daniel enviara, que estavam estacionados ali perto. Tencionavam apanhá-los antes de entrarem em território aliado. A maior parte daquelas terras era constituída por peneplanícies, sendo de fácil movimentação. Partiram assim que todas as tropas já se encontravam posicionadas, e a todo o gás. Iam os dois líderes na frente com Vitor, que tinha feito recentemente 18 anos, e Matheus, o Lord de apelido ou Medeiros. Vitor havia querido ir por vontade própria, não suportava o fato de não ter ido para a armada. Seria um

percurso de cerca de 6 horas, e se fossem rápidos... Não havia tempo para conversas, já que andavam num passo acelerado, mas Vítor e Lord conversavam:

- Estás com medo rapaz? – Questionou Lord, que tratava o nobre num sentido de minoridade, apesar de só ter mais 7 anos que este.

- Um pouco, mas somos muitos, torna-se quase impossível de eles serem mais.

- Tens razão, mas não podemos dar isso como garantido.

- Ah, uma coisa... Porque é que o tio sempre foi assim sério e calado? Sei que o conheces há bastante tempo e nunca ninguém me quis explicar isso. Mas alguma coisa aconteceu... – Lord ficou pensativo.

- Sabes da história dos teus avós?

- Essa eu sei. – Respondeu com assertividade Vítor.

- Além dessa houve outra. Mas poucos sabem. Tornou-o demasiado frio e calculista.

- E qual seria?

- Hum... Lembraste daquela missão especial a Fébfa à alguns anos atrás?

- Sim, ele foi, mas voltou...

- Depois de voltar, andou desaparecido uns meses, e quando voltou contou-me essa história:

- Uma vez... Enviaram-me uma carta vinda do Max, o rei lá da Fébfa a pedir um duelo, que havia ficado com vontade de me matar, e como não recuso desafios decidi procurá-lo. Saí de Recécio sozinho. Levei toda a minha armadura leve debaixo de um manto com um largo capuz, para não ser identificado. Só lá cheguei umas duas semanas mais tarde. Ao olhar para aquela cidade toda queimada fez-me pena. Via isto enquanto estava num planalto ali próximo. Assim que cheguei às portas da cidade e não ouvia nem uma mosca, estavam abertas mas não estava lá ninguém, o que foi um cenário devidamente terrificante, e cheguei a hesitar. Mas claro que acabei por entrar... Estava tudo queimado e não se via ninguém. Cheguei a entrar em várias casas, mas não havia sinais de atividade recente, apesar de Max ter combinado comigo ali. Fui pela rua principal até à entrada do castelo, e como previa, estava tudo aberto e sem sinais de atividade recente. Por momentos, passou-me pela cabeça que estivesse nos seus aposentos, no alto do castelo, e decidi voltar àquele lugar, mais de 1 mês depois. Subi as enormes escadarias sem fazer qualquer barulho, e ao olhar para as paredes vi que já não haviam

quadros, nem qualquer mobília. Parei no segundo andar, tentei entrar em algumas portas, mas estavam todas trancadas. Tive de voltar abaixo e tentar todas as restantes, mas estavam todas cerradas, andar por andar. Até que cheguei àquele último, e não havia nenhuma tocha no interior. Era tão escuro este andar que parecia noite, apesar de ser dia. Prossegui com a minha adaga empunhada enquanto me aproximei da porta que conduzia àquele aglomerado de salas. E abri-a sem problemas... Mas a partir daí não me recordo bem do que me aconteceu. Só me recordo de acordar num local completamente negro e de estar amarrado ao chão com algemas de ferro nos pulsos e nos tornozelos, e de não ouvir nada de nada. Até que chegou ao meu pé uma mulher ligeiramente mais nova que eu, que me curou umas feridas e ficou ali comigo. Ela sabia o que estava a acontecer mas insistia em não me responder.

Passaram-se muitos dias. Essa mulher trazia-me comida e água, e ficávamos a conversar, mas nunca me respondia em relação ao porquê de eu estar ali. Até que num dia mais à frente, a mulher não veio. Em vez dela, apareceu um homem com o meu manto e com a cara coberta, que parou ao meu lado e sacou a minha adaga, enfiando somente a ponta na minha barriga... Que dor infernal... Grunhi e gritei, mas não

adiantava... Rasgou-me a pele do peito de cima a baixo, desenhando este símbolo (mostrou-me o tronco dele).

E jogou-me água salgada, o que ardia quase eternamente... Mais tarde a mulher foi lá aplicar pontos às feridas... Mas a marca ficou. E foram-se passando dias e dias... Já tinha perdido as esperanças em sobreviver... Mas aquela mulher... Fui me afeiçoando a ela. Eram dias tão negros que nem quero falar muito sobre isto, mas fui acordado à verdadeira realidade do mundo com isto...

- Como assim? - Questionei eu

- Verás. Vou mudar este mundo. Mas continuando... Depois de muitos e muitos dias comecei a ouvir uma voz masculina, que parecia velha e grave, a falar durante horas e horas em monólogo, numa língua desconhecida. A voz só parava quando a mulher aparecia. E eu estava totalmente perdido... Era um autêntico inferno que eu não sabia se iria sair algum dia, Até

que uma vez houve um dia que a mulher apareceu com uma espada, sem dizer uma palavra. Com os meus olhos eu vi-a a enfiar a espada na sua barriga, retirá-la, e cair imovél no chão. Não me lembro de muito mais, mas quando acordei ela já não estava mais lá... Agora eu sentia que era o fim. Nunca, mas nunca tinha-me custado tanto uma perda como aquela... E passou-se algum tempo, precisava de água, mas não havia mais ninguém, e desisti. Deitei a cabeça, fechei os meus olhos, e esperei a morte...

Fui acordado com um estrondo que abriu a parede e começou a verter água a um ritmo alucinante, e segurei a respiração, mesmo sabendo que era o meu fim, mas não foi. O peso da água fez o compartimento desabar sobre um átrio interior enorme poço cheio de água ao centro no qual, ainda com os pulsos presos a um bloco, consegui nadar para a berma, e deitei-me para descansar. Parecia ter o corpo meio podre e pesado... Consegui levantar-me, mas estava demasiado fraco, e tive de ir andando apoiando-me nas laterais. A água tinha parado de cair de cima, e não era audível qualquer ruído no átrio. Fui andando até uma porta centralizada que havia do outro lado do poço, de onde se via um longo corredor com uma mesa de banquete toda recheada, mas que estava vazia. Assim que lá entrei, vi uma biblioteca em redor da sala, a mesa de

banquete ao centro e um trono ao fundo, atingível através de uma pequena escadaria, e dos lados do trono nova escadaria que se extendia para ambos os lados que conduziam a um andar cheio de livros. Comecei por sentar-me na mesa e comer tudo o que me aparecia pela frente, nem me importando se estava envenenada ou não, só quis alimentar-me, e ali fiquei. Tinha de tudo, e a comida ainda estava quente. Eu sabia que havia alguém que me controlava ali, mas eu não fazia a mínima ideia de quem seria, só aceitei aquele destino. O resto não posso revelar, mas mudou-me completamente e vai mudar o futuro.

- E foi isto que ele me contou, não te sei dizer mais Vítor. – Respondeu Lord.

-Humm... Entendo... E achas que ele vai lutar pelo que disse?

- Enfim, vamos acelerar o passo – E, gritando para trás, disse – Vamos acelerando o passo! Avisem quem está atrás

Ao fim de mais de 5 horas chegaram ao local assinalado e espalharam-se ordenadamente à espera de comandos. Era uma monumental planície com planaltos ao redor. Do lado oposto ao qual se encontravam, Biel deixou babyloira no comando de umas 1000 tropas e mandou que se espalhássem alguns pelotões pelas redondezas e pelo planalto. Tinha a vantagem de conhecer o terreno. Ali aguardavam pela chegada

das tropas inimigas que era iminente... Aqueles momentos antes da batalha eram realmente terrificantes para Vítor que já transpirava de nervoso.

- Esta vitória vai ser nossa pessoal, não temam! - Gritara Gabriel, tranquilizando alguns dos soldados que o ouviram. Só cerca de uma hora mais tarde veio um enchame de tropas no horizonte de trás dos planaltos. Eram muitos, talvez mais que eles, o que desmoralizou as tropas, e Gabriel, ao ouvir isto, não correspondeu para com o sentimento do exército:

- Vamos tropas! Juntos são um só, se morrermos, morreremos juntos, mas lutaremos pela vitória e pela criação de um mundo melhor! Somos e seremos imortais, e aqui nos campos de Delákopi provaremos que nem a morte nos parará! – E o aglomerado de tropas juntou-se, quase que em falange grega, à espera da aproximação do inimigo. Ao sinal de Gabriel, os da frente, atiraram as suas lanças contra os atacantes, resultando em centenas de mortes inimigas, que atrapalharam a movimentação de quem vinha mais atrás, que estavam a ser comandados por um infame líder:

- Lord, não o reconheces? – Perguntou Biel.

- É o Hantaro não é? Um dos criadores da Dopácia... Talvez devêssemos ter mais cuidado.

- Não é motivo para recuar agora! Vamos! – E com enorme graciosidade a enorme falange se movimentou aos milhares, compactos como um diamante, derrubando todos os milhares que se lhes faziam frente. Hantaro, com os poucos que restaram, recuaram em fuga, sendo capturados. Gabriel matou-os um a um, a sangue frio, com a excepção do criador da Dopácia.

- Força Recéciano, mata-me! – Exclamou o invasor.

- Não... Estás livre para ir. – Respondeu Biel, deixando todos em choque.

- O quê? Mas esta é a nossa oportunidade! – Ripostou Lord.

- Chega, confia na minha decisão.

- Vamo-nos arrepender disto... - E ao longe observavam Hantaro a fugir a correr no seu cavalo. Voltariam ao campo principal para comandarem as próximas operações, o que demoraria algumas horas.

Enquanto isso, o esquadrão de Baioco permanecia na travessia marítima. Sec encontrava-se numa borda do navio a mirar o céu em admiração. O mesmo céu que lhe parecia calmo e pacífico seria o mesmo céu que se encheria de sangue e se tornaria negro na hora da sua morte? Pressentia que o seu fim estava próximo, mas não o queria... Não se havia despedido direito de ninguém, e estava com medo, muito muito medo. Não duvidava das suas capacidades de batalha e de facto não estava ali sozinho... Tinha de zelar também pelos seus companheiros.

Chegaram à Depêga daí a duas horas, e estava receoso de alguma possível armadilha. Avistaram à distância um forte enorme, mas quase isolado, parecia até fantasma. Atracaram toda a armada aos poucos, para abastecimento e em troca deram um saco cheio de moedas de ouro maciço. Passaram ali a noite, onde não existiu de fato nenhuma emboscada, o que os deixou mais descansados.

Na manhã seguinte, partiram a todo o gás mar fora para rumar a Rucrúcio. Chegaram em dois dias ao porto de destino que, se tudo corresse bem, estaria quase vazio e sem defesas. Enquanto navegavam, o esquadrão de Skaars movia-se por terra com o mesmo destino, mas notava-se um estranho ambiente entre o comando, que optou por ir por uma rota diferente, o que estranhou a tropa.

Ao chegarem ao centro de operações, foram saudados com grande felicidade. Daniel logo foi ter com a sua mulher e a beijou intensamente. Estava mesmo receoso do pior. Gabriel fora descansar e toda a tropa também. Foram congratulados pelos reis Gaar e Daniel que se demonstraram deveras satisfeitos pela vitória, e prepararíam nova frente de assalto.

No outro lado, o avistamento de terra era iminente, e o nervosismo batia forte, muito forte. Pegaram nas suas armas e equiparam-se. Ao avistarem o porto, nada se estranhou, e prepararam-se para atracar, um de cada vez, mas havia uma poeira estranha no ar. De súbito, surgiram centenas de homens de dentro das casas do forte, queimando toda a costa. A tripulação, em pânico, tentou fugir, esquivando-se para norte. Alguns dos barcos foram sendo invadidos por nadadores invasores na travessia, causando um nervosismo insano nos homens. Sec estava com medo, muito medo. Quanto a Baioco,

estava nervoso, mas vacilar para com seus não era opção. Manobrava o mastro com maestria, e toda a tripulação lhe seguia apesar do medo contrastado nos seus rostos. Cada vez mais invasores subiam os navios, e mais aliados caíam para o mar, mortos. Estavam a pouco de conseguirem virar o cabo, mas do outro lado havia outra ameaça, cerca de duas centenas de caravelas inimigas se dirigiam contra eles. Era o fim na mente de Sec. Mas continuaram em frente e prepararam-se para se defenderem de um assalto ao seu navio. As caravelas rucrúcios estavam sobrecarregadas de homens, que logo que

conseguiram saltaram para os navios recécios com o intuito de os matar na totalidade. Baioco, ao ver o seu navio ser assaltado pegou nas armas e fez toda a tripulação lutar de volta. A sua preparação (pelo menos naquele navio) era boa, e conseguiram matar os primeiros assaltantes com facilidade, não aparentando quaisquer ferimentos aqueles 10 homens. Já nada passava pela cabeça de Sec, só queria matar tantos quantos conseguisse... Já no terceiro assalto sentiram algumas dificuldades, e cada vez mais caravelas surgiram... Douglas, ao ver cada vez mais inimigos entrarem no barco, fez-se a eles, enfrentando quatro de uma vez... Não contou com que atacassem os quatro ao mesmo tempo, e sofreu dois golpes, sendo um deles nas costas, atravessando-lhe todo o corpo, o que resultou em todos os restantes avançarem em ataque, mas Sec segurou no tio, que sangrava pela boca e pelo estômago... Deitou-o no chão, a chorar, enquanto os seus companheiros lutavam ferozmente sem dó. Baioco, com muita calma na voz, falou a Sec, que chorava insanamente.

- Não temas... Foge daqui... – Fez uma pausa – Tu e o Sochoski são as vontades futuras para atingir o verdadeiro sonho de felicidade e paz comum... Encarrego-te este meu sonho... E... Cuida do Luan por mim. – Sec, limpando as lágrimas, empunhou a sua espada e pegando no braço do seu

primo, atirou-se para a água com ele. Ao olhar para trás viu dois invasores a cortarem a garganta do seu tio, mas tinha de ser forte. Nadaram por entre as caravelas até atingirem uma pequena praia depois do cabo, a partir da qual viram toda aquela matança... E era algo que doía realmente, os seus compatriotas morriam um a um e nada podiam fazer. Ficaram ambos deitados no leito da praia a chorar, tinham medo, muito medo... Aquilo não era um treino, eram as suas vidas que ali estavam em risco, e estavam no meio do nada, em terras inimigas. A qualquer momento se podia dar a sua morte. Mas adormeceram de cansaço.

Assim que Sec acordou, viu o primo de pé ao seu lado, a mirar o mar, cheio de madeira a flutuar. Tinha no seu rosto um cansaço e ar de tristeza tão grande. E perguntou-lhe:

- Estás bem? – Mas não obteve resposta... Em vez disso, o primo deu meia volta e parou em frente da floresta.

- Vamos partir em busca de água e comida, levanta-te. – Sec, com alguma dificuldade, pôs-se a pé, tentando esvaziar a cabeça de qualquer pensamento negativo... Enfrentou assim seu destino, floresta dentro em território inimigo e desconhecido. Era uma floresta densa e cheia de plantas arbustivas, o que dificultava a passagem. Sochoski ia na frente a limpar caminho enquanto Sec o seguia atrás, de espada em

riste e olhos bem abertos aos seus arredores... A imagem do tio a morrer não lhe saía da cabeça, primeiro a mãe e depois o tio... E sua cara enchera-se de lágrimas, fazendo com que o primo parasse para dar algum apoio.

- Sec... Eu sei que isto está a ser difícil para ti, mas se parares de caminhar agora serás derrubado mais tarde... O tio tinha sonhos, honra-os com a tua vontade... Ele é já uma lenda, mas nós ainda temos muito que fazer até chegarmos a esse patamar. Limpa a cara e vamos! Ao levantar-se, Sec lembrou-se do que o tio Baioco havia lhe dado, tirou de um bolso, um amuleto metálico, que ao abrir pôde ver que continha num lado, um mini retrato do tio e do outro lado de Elizabete, sorriu, mas logo acompanhou Sochoski. Até ao ponto não parecia ali viver ninguém, era só floresta. Aproveitaram para retirar as insígnias que os identificavam como guerreiros de Recécio, o que de fato era uma manobra inteligente. Ao fim de algum tempo escutaram alguns ruídos bem ao longe, já fora dos limites da floresta e puderam ver algumas pessoas a se deslocarem numa mesma direção. Esconderam as armas e misturaram-se com elas, ainda com um grande medo de serem descobertos, e prosseguiram por aquele caminho no meio da floresta, até se depararem com uma diversa multidão em várias barracas, tratava-se de uma feira, um evento não muito comum em Recécio, sendo que exigia

sempre a outorgação de cartas de foral e claro, um organizador em questão. Ao entrarem no recinto, aperceberam-se de que não se tratava de uma feira pequena... Deviam estar mas imediações de cerca de duas mil ou mais pessoas, pelo que se sentiam mais seguros. Compraram alguns trapos com o ouro que ainda tinham para esconder as armaduras e se passarem

por cidadãos comuns. Aproveitaram para dar umas voltas e ver o que se vendia nessas lojas e barracas. Mas entres essas

destacava-se uma que não vendia qualquer objeto comum, e sim pedras. Eram todas aproximadamente do mesmo tamanho. Cobriam uma mão inteira e eram arrendodadas. Sochoski, na curiosidade, questionou o velho vendendo aquelas pedras:

- Desculpe, mas o que é isto? - O homem riu, e respondeu:

- Não é para qualquer um. – Sec e Sochoski entreolharam-se por momentos, e foi o mais novo a perguntar desta vez:

- Como sabemos se podemos saber?

- Temo que seja preciso uma prova... Mas poucos são os que conseguem passar, muito muito poucos.

- Como fazemos esse teste? – Continuou Sec, sendo levado pela curiosidade.

- Estão a ver aquele monte gigantesco, que se ergue acima das núvens? – Disse o velho apontando para o norte.

- Sim. – Responderam em uníssono.

- No topo encontra-se um planalto com um templo solitário.. Ninguém se atreve a lá ir porque foram poucos os que lá passaram e saíram vivos, dizem que lá o céu se funde com a terra... Querem ir ainda assim?

- Não.. – Disse o Sochoski - Sec, não podemos perder o nosso tempo com isso..

- Eu vou – Disse Sec muito assertivo.

- Então vais sozinho... E virou as costa, misturando-se por entre a multidão, algo que já esperava Sec, já que nunca haviam sido muito proximos, e agora estava completamente sozinho... O velho pegou em 7 pedras no seu formato igual mas com a inscrição diferente, e dispô-las no balcão:

- Terás de escolher, por intuição, uma que aches que se enquadra contigo jovem, e irás com ela até ao templo no planalto. Se a escolhida por ti for a da tua alma, obterás um conhecimento eterno. Caso não seja, não sobreviverás. – Sec engoliu a seco, mas não tinha nada a perder, perdera a mãe e o

tio tão depressa, e estava sozinho no meio de território inimigo na guerra...

- Vou escolher a de cima da esquerda. – E ao pegar na pedra, sentiu que era mais densa que uma comum. Pagou algumas pepitas de ouro ao velho e foi comprar mantimentos a outras barracas, assim como uma sacola para as costas. Partia ao início da tarde rumo àquele monte, cuja escadaria começava já cá em baixo, perto da feira. Era toda ela em pedra já desgastada, e até ao topo parecia interminável e solitário, ninguém se atrevia a fazer aquela travessia.

...

Algumas horas depois, encontrou um jovem que parecia ter a sua idade, e aproximou-se com a mão na adaga, escondida nas vestes. O jovem, apercebendo-se da presença de sec, virou-se e sorriu.

- Olá.. Vejo que és meu inimigo, mas não anseio a morte de ninguém. – Sec ficou em choque com a incrível reação do rapaz, sendo que estava coberto por uma manta, e atrapalhado, respondeu:

- Pois, quem és tu? – Perguntou-lhe, estendendo-lhe a mão:

- Prazer, Well da casa Real de Rucrúcio, filho do Rei Thi.

- Prazer, Sec da casa Real de Recécio, filho do Rei Gaar.

- Quererá dizer isso que Vamos os dois ser Reis? – Questionou o jovem Well.

- É possível, e é o meu sonho... Mas o que estás a fazer por aqui?

- O mesmo que tu, suponho...

- Eu estou aqui para arriscar aquilo lá das pedras...

- Ah. – Suspeitou Well – A Profecia de Metatron?

- Não tenho a certeza se é isso, mas vamos andando até lá. – E continuaram a conversar pelo caminho.

- A profecia de Metatron diz que só os escolhidos pelas pedras respectivas terão acesso às lendárias armas do anjo guardião dos céus e dos infinitos. Até hoje ninguém saiu vivo do templo, mas caso não seja um dos escolhidos, consigo sair de lá inteiro, estive a planear tudo. Qual é a tua pedra Sec? – O Recéciano, mostrando-lhe, pôde ver também a de Well, que se tratava da de cima da direita, com o símbolo de cor índigo.

- Sabes oque querem dizer esses símbolos?

- Ainda não, mas tenciono descobrir... Mas afinal, estás num território nosso apenas por isto? – E Sec, entristencendo o rosto, respondeu.

- Vim na guerra... Fazia parte da armada que foi destruída por Rucrúcio... O meu tio morreu e disse que queria que eu e meu primo nos salvássemos, e viemos para a terra, mas o meu primo quis voltar e eu quis ver o que era isto das pedras... Não tinha nada a perder mesmo, se morrer, morro mesmo sem ter de pisar mais cadáveres dos meus camaradas...

- Compreendo... E lamento por isso... Na guerra tudo é possível.. – Foi interrompido quando Sec avistou o planalto da montanha e o fim da escadaria. Ao pisarem no planalto, foram banhados por uma neblina leve, tornada cinza pelas escúras acimas. Era desértico. Era gigante e só havia no fundo um templo de médias dimensões cujos pilares se erguiam bastante em altitude. Além disso, não havia sinais de presença humanas na área. Colocaram as suas espadas na mão direita e as respectivas pedras, na mão esquerda. Foram andando em direção ao templo, enquanto a atmosfera se tornava mais pesada. O templo tinha paredes, mas não telhado, pelo que puderam ver da parte de fora. Não ouviam qualquer ruído nas imediações e o suor começava a escorrer pelos seus rostos de nervosos:

- Vamos entrar de costas com costas, é mais seguro. – Sussurrou Well. À medida que se aproximavam cautelosamente da entrada, puderam ver que o templo estava quase completamente destruído, com algumas estátuas e tudo fora do lugar. Sobressaíu-se um pilar pequeno com uma mesa em cima, que pararam para mirar. Continha um desenho em padrão, que Well reconheceu.

- É o cubo de Metatron. – Foi onde tudo começou e tudo acabará! – Puderam observar que os 6 circulos em volta e dois

deles brilhavam, um com a cor verde, outro com a cor indigo. Well, em intuição, colocou a sua pedra sobre o buraco indigo e o Sec sobre a verde, com os símbolos para cima, o que causou uma estranha reação nas duas pedras, que começaram a adaptar a cor do brilho e a exorbitá-lo intensamente. Ao fim de alguns segundos o brilho parou, e ao pegarem nas pedras, notaram uma mudança na sua composição, tornando-se ambas da cor do seu brilho. Não tinham a certeza se seria seguro tocar-lhes, mas foram surpreendidos pelas suas espadas , que também elas começaram a brilhar em comunhão com as pedras, quanto mais se aproximavam os dois objetos, maior era o brilho.

- Será que colocamos fé nas espadas? – Questionou Well.

- Vamos pegar nas pedras e ver. – Ao levantarem as pedras cintilantes, puderam ver que se abriu uma fissura nos locais onde foram estas estavam depositadas antes de as levantarem, que brilhava intensamente. Só faria sentido uma única coisa:

- Vamos coloca-lás la dentro, já sei oque vai acontecer!- Exclamou Sec enquanto lá depositava a sua espada na ranhura, que a recebeu na perfeição. Seguiu-se Well, e após alguns segundos as duas pedras, já nas suas mãos, começaram a brilhar, e foram retirar as espadas cuidadosamente, saindo estas no mesmo material dos respectivas pedras, com as arestas todas cobertas de uma camada de diamante, o que lhes

atribuía um valor intrínseco por si só. Tornaram-se ambas, como seria de se esperar, muito mais pesadas, exigindo ambos os braços para a levantar. Enquanto as apreciavam junto àquele altar, foram surpreendidos por uma voz suave de um homem atrás deles:

- Então são vocês... Esperava-vos há algum tempo... – O homem tinha uma aparência jovem, por volta da casa dos 20 e um cabelo ondulado da cor castanha, que se alongava até os ombros. Estava todo vestido de branco e possuía um brilho invulgar. Sec e Well, em choque, nada conseguiam dizer, temiam o pior, até que o homem os tranquilizou:

- Não estou aqui para vos fazer mal, fiquem descansados... – Suspirou – Vocês são dois dos 7 escolhidos a tornar a terra no lugar que sempre foi, em tempos... – Sec e Well entreolharam-se, confusos com as palavras do homem, que continuou o seu discurso. – A natureza, o homem e todos as outras espécies ocupam este espaço, mas a gânancia do homem sempre se sobressai em todas as suas ações. A civilização que aqui préviamente habitava extendeu as raízes da sua gânancia e de tal forma se auto-destruiram, mas ainda é possível para vós a mudança do rumo da vossa civilização. Existem 7 escolhidos espalhados por este mundo, jovens como vós, e com tamanhas qualidade e virtudes que vos permitam

fazer o bem ao mundo. Todos eles inevitavelmente sucederam ao máximo na sua vida desde jovens, é uma questão de procurarem por eles e os instruírem ao percusso que vos trouxe aqui. Foi- vos concedida uma arma lendária partindo das vossas espadas, que devem ser usadas com vista à paz, não para alimentar guerras... – De súbito, fez-se um brilho intenso que quase os cegou, seguidos das ultimas palavras do homem – Eu, Metatron, conto convosco.

Acordaram ambos de sobressalto, com suas armas lendárias e as pedras Nas mãos , e entrelham-se em espanto:

- Isto aconteceu mesmo ? - Questionou incrédulo Well.

- Também não sei , mas não me esqueci do que ele disse ...

- É este o nosso destino ?

- Sim, e temos uma guerra para acabar , vamos!

Sochoski caminhava pelos prados incessantes, cansado e com alguma fome, até avistar alguém no horizonte. Parecia estar a cambalear, ferido, na sua direção e ao aproximar-se reconheceu o seu irmão Izaac. Correu para este, e, colocando o seu braço por cima da sua cabeça, disse:

- O que aconteceu? Questionou Sochoski

- Fomos emboscados, alguns dos nossos homens eram contratados pelo inimigo para lhes dizerem a nossa rota de ataque. Poucos sobreviveram e o Marquês Skaarss está desaparecido!

- Onde é que se deu a batalha ?! – Izaac suspirou:

- Ainda está a decorrer Lucas, mas desta vez com o Barão Castilho a comandar. Poucas tropas contra um exército de mais alguns de Rucrúcio.

- Consegue fazer um último esforço? – Questionou o seu irmão, enquanto olhava um agromerado de tropas no horizonte.

- Vamos lá... Eu aguento-me... E Sochoski carregou o seu irmão às costas até onde decorria a batalha. Pelo olhar pôde identificar pelo menos 2000 aliados, contra o dobro de inimigos... Chegaram a junto das tropas e imediatamente procuram por Castilho, que se encontrava montado num cavalo e com um arco. Izaac gritou por ele e mandou- o bater as tropas em retirada, comportamento que provocou também uma retirada dos exércitos inimigos. Passaram ali algumas horas em descanso até retomarem a batalha. De Skaarss nada se sabia...

Ao ser ateado um sinal de fogo no acampamento inimigo, foi dado o sinal de ataque, fazendo as tropas de ambos os

reinos correr frente a frente para a batalha. Sochoski e Izaac partiram nas linhas da frente, com Castilho ficando mais atrás no comando dos movimentos dos seus guerreiros. Lutariam os dois irmãos costas com costas assim que se deu o embate, e rápidamente se fornou um círculo de inimigos em volta deles. Um a um caiam novos inimigos para as suas espadas, que começaram a abrir um círculo em redor. Tinham sempre o cuidado de, nos seus golpes, ao invés de se esquivarem, para protegerem o irmão. Até que vieram dois inimigos em conjunto, e com um golpe de baixo para cima e outro de cima para baixo,

um de cada lado... Tentou bloquear os dois, mas o da direita parecia impossível, e fechou os olhos anseando a morte... O que não aconteceu. Ao abrir os olhos viu a espada do seu adversário partida por uma espada verde cintilante, era Sec na hora certa! Logo em seguida, com movimentos rápidos, enfiou a espada no solo e, apoiando-se nela, atingiu três adversários ao redor com um só pontapé rotativo. Ao pousar no chão, ergueu a sua espada e começou a atacar com golpes incessantes os seus inimigos, que não tinham resistência suficiente para a sua espada. Repentinamente, fez-se sombra em cima de Sec, e ao olhar para cima viu Well de espada em riste para atacar, e bloqueando-lhe o golpe, criou uma onda de choque que se sentiu em todo o redor:

- Sec! É suposto pararmos a guerra ou pelo menos não nos envolvemos nela! - Gritou Well enquanto ambos aplicavam força no embate das espadas.

- Não vou deixar camaradas meus morrerem! – Respondeu assertivamente Sec.

- Então tudo bem, procuraremos os restantes membros em separado, e a guerra continua... – Separaram as espadas e bateram em retirada para os seus reinos respectivos. Sec partia na frente com Castilho e os dois primos, que se admiraram muito com a nova espada do primo:

- Como conseguiste? E porque que é aquele tipo do outro reino também tinha uma? – Questionou Castilho.

- É uma longa história, mas digamos que o destino as colocou nas mãos...

- Espera aí – Interrompeu Sochoski... – Tu subiste o monte e conseguiste?

- Bem – Atrapalhando-se Sec – Sim... É feita de um material desconhecido e as arestas são todas em diamante puro... Eu e o Well temos por objetivo encontrar os outros 5 escolhidos para as restantes 5 espadas, e o mundo ficará em paz.

- Em paz? Como tens tanta certeza? – Perguntou Izaac, pondo em causa a palavra do primo.

- Julgo eu... Não sei de nada...

- Mas espera aí... – Interrompeu Castilho. – O que aconteceu para não estarem no mar?

- Ah... Disseram ambos Sec e Sochoski em uníssono.

- Fomos emboscados e toda a armada morreu, inclusive o meu tio Baioco... – Os olhos de Izaac encheram-se de lágrimas, assim como os de Castilho, que era um grande amigo do falecido Grão-Duque. Sec também não resistiu e começou a chorar novamente, fazendo com que alguns soldados os

viessem acudir e consolar. Não esperavam uma perda tão importante em tão pouco tempo...

Ao chegarem ao campo de comando, já todos haviam sabido da perda, e Sec viu pela primeira vez o seu pai a chorar e sem saber o que fazer... Lucka tomou a dianteira:

- Não nos podemos prender a esta perda... Sabemos que a vida segue o seu rumo e teremos muitas mais perdas nesta guerra. Temos de honrar a memória dos falecidos mas também temos uma guerra para ganhar, não podemos falhar agora. Maycon levantou-se e limpou as lágrimas:

- Queros todos os pelotões que ainda não lutaram, comigo. Vamos atacar a Dopácia e vingar a Naila. Um grito de guerra ecoou pelos milhares de soldados presentes, que se colocaram a postos para a partida. Os líderes foram-se posicionando entretanto na frente... Iriam muitos desta vez, era um exército de cerca de 40.000. Estavam preparados e marchariam Gabriel, Andrey, Mateus, Hyoga, Babyloira, Maycon e os jovens Lord, Sec, Sochoski, Izaac, Vitor e Castilho. Demoravam cerca de 36 horas até chegarem à Dopácia pelo caminho mais rápido. Maycon enviou um mensageiro a cavalo para enviar a Spy a mensagem de onde se iriam encontrar ambos os exércitos, queria uma luta na máxima força. Só cerca de uma hora depois deram a partida. Seguiam os líderes à frente e os

mais jovens ligeiramente atrás, à frente das tropas. Dudu, que estava atrasado, apressou-se a vir para a frente, e juntou-se. Conversavam os adultos à frente e os jovens atrás.

- Não vai ser mais fácil. - Disse Hyoga. - Estive a estudar o exército deles à algum tempo, mas foi me dito que reformularam tudo antes da guerra.

- Isso quer dizer que já estavam preparados para isto? - Questionou Mateus.

- Exatamente... - Respondeu Gabriel. - Mas temos uma vantagem...

- E qual seria? - Questionaram.

- A espada do Sec... É capaz de partir qualquer coisa com que embata, é de diamante.

- Bem visto Gabriel... Nem tínhamos visto nem nada... - Prosseguiu Andrey em provocação.

- Como é que ele a obteve mesmo? – Pôs em questão Maycon.

- Não faço a mínima idéia irmão... - Repondeu-lhe Gabriel. - Enquanto isso, mais atrás...

- Parece que já não precisas de aprender os meus truques Sec, agora tens uma arma melhor...

- Oh Dudu, trata-se de afirmar capacidades de combate. Ainda quero aprender isso e vou tornar-me ainda melhor que tu. - E riu.

- Vamos lá ver os limites dessa tua nova espada! - Exclamou Izaac. E seguiram caminho rumo à Dopácia pela rota estabelecida.

...

Ao chegarem à planície desértica foram capazes de ver no horizonte toda uma linha de soldados a se dirigirem a eles. Estabelecer-se-iam e mandariam um mensageiro ao campo inimigo para lançar um aviso a mando de Maycon, aviso este que a todos surpreendeu. Ao seu retorno, Maycon lera a resposta apenas para si e dirigiu-se ao seu filho Sec.

- Empresta-me essa espada.

- Mas foi... - Respondeu Sec com algum receio...

- Já! - Exaltando-se Maycon.

- Ok... E entregou a espada lendária ao seu pai, que caminhou sozinho para o centro daquela planície desértica, sendo seguido pelo mesmo movimento de Spy do outro lado que, ao que parecia, também tinha uma espada lendária, mas vermelha,

que assim como a de Sec, reluzia ao sol. Ao se aproximarem um do outro não fora emitida qualquer palavra. Miraram-se por momentos, mas Spy partiu ao ataque com um golpe inferior, que Maycon desviou com um salto, respondendo ainda no ar com um golpe de espada de cima para baixo, o qual o Dopácio bloqueou com um rápido movimento corporal. Ficando de lado, com uma rotação apenas, soltou um pontapé ao peito do Recéciano, o qual desviou e se afastou. Denotou um rapaz no horizonte a correr na direção dos dois, com o cabelo azul-escuro, semelhante ao de Spy, e este por sua vez viu Sec a correr na direção de ambos. Enquanto isso, no acampamento

discutiam algumas coisas enquanto observavam a batalha atentamente.

- O Maycon está louco... - Exclamou Hyoga em desespero.

- Morrer ele não morre, estou confiante disso. - Respondeu Andrey.

- A verdade é que esta luta é apenas dele e ele não quis arrastar ninguém pra ir. - Proferiu solenemente Gabriel. - E também, o Sec não o deixava morrer, cabe-nos a nós ficar a ver...

Maycon, ao notar que o seu filho estava muito perto e a se aproximar em corrida, soltou a espada para trás de modo a que o seu filho a apanhásse em corrida, manobra esta que Spy também tinha em mente e efetuou com o seu filho, baixando-se ambos os reis. Com um salto subtil, ambos os príncipes, apoiando-se nas costas dos pais com o pé direito, projetaram-se no ar com a espada em riste, prontos para desferir um golpe no outro. No momento do impacto, ambos os corpos foram projetados para o sentido oposto de onde haviam vindo e um enorme estrondo foi ouvido em todo o campo de batalha. Assim que se recompuseram foram surpreendidos com a aproximação rápida de Lucka, que sussurrou com Maycon:

- Foi-nos enviado um pedido de ajuda pela Deásp, estão completamente cercados na península por tropas da Bopénia, acho melhor nos retirarmos desta frente por agora...

- Hum... Talvez seja melhor, mas isto não fica por aqui! - Exclamou para Spy, que virou costas e retrocedeu para as suas tropas, porém, o seu filho ficou e dirigiu-se a Sec.

- Não esperava que nos voltássemos a encontrar desta forma...

- Josiel! Não fazia idéia que fosses natural de cá... E pelos vistos também és importante...

- Tenho de perguntar-te uma coisa, essa espada... - Fez uma pausa e suspirou de alívio. - Também falaste com Metraton?

- Sim... – Respondeu-lhe Sec com algum receio.

- Temos que nos juntar todos... Já escontraste alguma outra pessoa como nós nas tuas travessias além-mar?

- Sim, o infante de Rucrúcio, o Well, com a espada índigo, e tu?
- Encontrei foi o infante de Céciot, o Razengo, com a espada laranja...
- Isso é excelente, já estamos quatro, mas como vamos encontrar todos os restantes que andarão por aí isolados?
- Não sei... Nem sei se isso vai ser possível de todo... – Respondeu Josiel com algum pessimismo expresse no rosto.

- De qualquer das formas tenho outras campanhas pela frente, por isso vemo-nos por aí, mas se precisares envia-me uma carta. – E despediu-se do velho amigo do tempo de criança com um aperto de mão, que foi mal interpretado por alguns. Sec, ao chegar para junto das suas tropas, foi imediatamente questionado:

- Aquele é o Josiel verdadeiro? – Questionou Dudu

- Sim, é ele, também fiquei assim... – Respondeu-lhe Sec com um sorriso. – E aparentemente o destino também o escolheu...

- Como assim Sec? Que queres dizer? – Questionou Castilho.

- Isto – Disse, enquanto tirava a espada das costas o jovem príncipe. – Mas vamos voltando para o quartel-general, acho que isto vai complicar daqui para frente. – E ao verem que o exército da Dopácia se retirava, procederam ao mesmo.

...

A meio do percurso tiveram de tomar uma urgente decisão, visto que a situação na Deásp estava crítica, culminando com a separação dos esquadrões de Lucka e Rafac dos restantes, estes que se dirigiam até o território

aliado em auxílio. Tornava-se quase uma obrigação para Sec ir, apesar de ter saudades de seu irmão e de Diana, a qual temia nunca mais ver. Além dele, apenas iam mais 3 jovens, Germano, Gabrielvid e Carlosvin. Gabrielvid era considerado um prodígio daquela geração, detinha uma inteligência tática e estratégica fora do comum, como já havia provado em exercícios de treino anteriormente. Em 5 dias, se fossem rápidos, estariam em território aliado, se não mais. Um possível problema seria atravessar o estreiro que fazia fronteira com Céciot, aliada da GOPH, mas provou-se não vir a ser um quesito a se preocuparem.

A viagem foi tranquila, e ao entrarem em território pertencente à Deásp, não detectaram qualquer anomalia.

Anoitecia enquanto se aproximavam da capital, e puderam observar uma enorme nuvem de fumo negro vinda da cidade, e talvez já fosse tarde demais, mas ainda assim avançaram. Lucka imediatamente dividiu os seus homens. Desciam o vale até as portas traseiras, que permaneciam fechadas. Ao que parecia, os invasores haviam entrado fazia pouco tempo, o que lhes facilitava a tarefa. Lucka e Rafac liderariam um ataque traseiro, forçando-os a sair da cidade pelas portas da frente. Deixava apenas aqueles 4 jovens no cimo do vale e planejar uma estratégia, mas Sec foi teimoso e insistiu em ir com o resto das tropas, deixando Gabrielvid no

comando dos restantes dois, que se mostravam entusiasmados. Na aproximação à porta traseira, puderam observar um pequeno exército da GAOH, que derrubava a porta com um aríete, não lhes dando qualquer trabalho com esse quesito. Quase toda a cidade estava em chamas e via-se morte por toda a parte. Gritos de crianças e mulheres em aflição enquanto morriam queimadas dentro das suas habitações, sons de espadas a colidirem umas com as outras, sons horrendos de homens moribundos a se desvaiarem em sangue... Lucka imediatamente liberou todos seus homens pela cidade para

auxílio da população e expulsão dos Bopénios invasores. Com efeito, os homens da GAOH espalharam-se ao longo das

muralhas que circundavam a cidade, todos equipados com bestas. Os Recécianos, ao se espalharem, puderam ver um foco de concentração de tropas invasoras na grande rua que ligava o portão frontal ao castelo central. Foram-se acumulando e reagrupando os Recécianos em volta do castelo principal, estando numa vantagem de cerca de 5 para 1, manobra que forçou a retirada das Bopénios pelo portão principal. Sec, que observava a sua retirada do pé da colina do castelo, viu uns troncos enormes em chamas descer o vale e atropelarem completamente os invasores, que, ou esmagados ou queimados, não tiveram qualquer hipótese de fuga. Lucka comentou com Rafac, que estava demasiado empolgado:
- Aquele Gabrielvid nunca decepciona, que rapaz génio!
- Isto é tudo muito bonito, mas ainda temos de sair daqui e levar o resto da população... – E procederam à evacuação da população restante o mais rápido possível, mas Sec sabia que talvez ainda houvesse alguém no castelo, que aparentemente parecia vazio por completo, mas as portas pareciam abertas. Entrou a correr com sua espada magistral em riste, e olhou ao redor com precaução. Estava tudo virado do avesso, mas se havia sinais de que havia alguém, seria nos pisos superiores. Subia cautelosamente degrau a degrau, e mesmo tentando abrir alguma porta, encontravam-se todas trancadas. Chegando ao topo, pôde ouvir uma conversa ao espreitar para

o terraço principal do castelo. Observava dois jovens, com aproximadamente a sua idade, um deles com uma coroa real, médio/alto e com um cabelo arrosado; o outro, com um cabelo mais curto, para o cinza, e ambos tinham as mesmas espadas que ele, decidindo assim aparecer. Ambos se surpreenderam com a sua aparição vindo do nada, assustando-os:
- Quem és tu? – Questionou o de cabelo rosado a Sec, enquanto mirava a sua espada à cabeça do recém-aparecido.
- Eu... Sou o príncipe de Recécio e chamo-me Sec... – Fez uma pausa – E ao que parece estamos 3 no mesmo barco não é?
- Parece que sim... – Respondeu o outro – Eu sou infante da Bopénia, e chamo-me Júnior, filho do Rei Atucky.
- E eu Matheus, Rei da Deásp. – Interrompendo Júnior. - Mas...Rei? Tão novo?

- Sim, este reino foi unificado por mim e era todo ele preenchido de provincias independentes que se juntaram. - Sec reparou que a sua espada era roxa e a de Júnior amarela, e teve de interromper Matheus, que parecia gostar de falar bastante.

- Sabem porque temos estas espadas não sabem?

- Sim - Responderam ambos em uníssono.

- Então não temos tempo a perder... Se os meus cálculos baterem certo sei exatamente onde vai estar o último. Vamos por um fim nesta guerra, venham comigo.

- Como assim último? Tens a certeza de que tem as outras? - Perguntou Júnior com algumas dúvidas.

- São 7, eu tenho a verde, tu tens a amarela, o Matheus roxa, o Josiel da Dopácia a vermelha, o Razendo da Céciot a laranja e Well de Rucrúcio a indigo, resta uma...

- Eu sei quem a tem! - Exclamou Matheus. - É uma infanta da Pegáess chamada Sabrina e tem a azul clara! Há alguns dias atrás ela esteve aqui com algumas tropas a fazer uma ronda.

- Não temos tempo a perder então... - Disse Sec confiante.

- Mas e o reino? Vou ter de deixar mensagem ao meu irmão para reger na minha ausência. – Mostrando-se preocupado Matheus.

- E eu ao meu pai. – Respondeu Júnior descontraído.

- Façam isso rápido, eu trato dos mensageiros, mas depressa! Está tudo em ordem lá em baixo! - E com pressa, correram todos para o escritório real, onde esreveram uma carta o mais rápido possível, incluindo Sec, que mandaria uma para Josiel, outra para Well e outra para Sabrina, que se deviam dirigir

para o quartel-general de Recécio e Sec entregou as 5 cartas a 5 cavaleiros diferentes, que logo seguiram seu rumo. Ao apresentar os outros dois a Lucka, Rafac e os restantes das tropas, pôde ver que a população seguia a GAOH no sentido oposto, levando-os a outra cidade, a mando de Matheus, e seguiram o seu rumo para oeste, até à Dopácia, onde buscariam Josiel, que já deveria estar com Razengo.

Não encontraram qualquer resistência pelo caminho e fizeram uma calma travessia, mas sempre em silêncio, o que se tornava constrangedor.

Ao chegarem a junto da fronteira da Dopácia, Sec, Matheus e Júnior separaram-se do resto do pelotão e seguiram rumo à capital, onde supostamenten se encontrava família real Dopácia. Era de facto um território muito hostil, estando todo o reino rodeado por uma vasta planície desértica, uma proteção natural. Ao se aproximarem das portas foram abordados por um grupo de soldados em patrulha, que depois da explicação, se apressaram a escoltá-los para dentro da cidade. Era absolutamente gigante, e assentava no sopé de uma pequena cordilheira monstanhosa atrás. Banhava-se por uma suave brisa desértica e ao fundo avisatava-se um enorme castelo que se cobria todo o diâmetro das muralhas, ao qual foram encaminhados através de uma longa e larga rua, que se

extendia por cerca de 2km. Na sua aproximação à fachada da fortaleza, avistaram ao segundo plano Josiel e Razengo, com as suas espadas ao ombro, equipados e pronto para partir:

- Sec! - Gritou Josiel, enquanto corria na direção dos 3 forasteiros, acompanhado de Razengo, que vinha a andar e parecia ter uma postura mais séria. Apertando as mãos, apresentaram-se aos demais com alguma pressa, tendo em conta que o anfitrião havia-lhes mandado preparar um banquete:

- Venham, vamos entrar, vou levar-vos à nossa sala de jantar, devem estar com fome, presumo.

- Mas... - Tentou interromper Sec.

- Sem mas, vamos lá, se não a comida vai ficar fria, e não temos muito tempo. – Exclamou o Dopácio, e Júnior, dando um toque em Sec, disse-lhe ao ouvido:

- Já tínhamos o Matheus para falar, agora temos mais um. - E riram-se baixinho para que ninguém se apercebêsse.

O *hall* de entrada era magnífico. Concebia um espaço enorme, com uma enorme fonte central, com uma estátua de Spy em cima, numa pose vigorosa de combate. As paredes estavam cobertas de um linho avermelhado, que garantia algum conforto, enquanto que no chão havia um enorme tapete de seda. A sala

de jantar era acessível para uma porta frontal ao *hall*, ande já havia uma mesa posta. Sentaram-se e começaram a comer nas calmas, com a exceção do anfitrião, que se apressou a levar tudo a boca. Foram interrompidos pela entrada do Rei Spy,

que começou a ralhar com o seu filho pelas suas maneiras à mesa. Uma raiva insana começou a encher a mente de Sec em nome da sua mãe, e levou a mão à espada. Manteve-a por debaixo da mesa, enquanto o soberano dava uma volta ao compartimento. Assim que passou perto de Sec, este, com um movimento instantâneo, tirou a espada debaixo da mesa e lançou um golpe ao pescoço de Spy, que, com uns reflexos sobre-humanos baixou a cabeça ligeiramente e foi capaz de dar

um toque no meio da espada enquanto esta estava no ar em movimento, lançando-a acima da sua cabeça e agarrando Sec pelo pescoço em seguida:

- És muito fraco e juvenil ainda. - E largou-o, ficando Sec assustado com tal habilidade de Spy. Ficou completamente sem reação, e observou o soberano a abandonar o salão. Todos os outros ficaram em choque com o que tinha acabado de acontecer, levando Josiel a quebrar o silêncio:

- Eu sei, ele é extremamente veloz, mas é assim que têm de ser os reis, não é a realeza que lhes traz reconhecimento, mas é o reconhecimento por parte dos outros que lhes garante a realeza, e é este o nosso futuro amigos...

- Mas porque é que atacaste assim Sec? Eu sei que estamos em guerra, mas ele recebeu-nos aqui de bom grado. – Comentou Júnior.

- É porque... – Suspirou – Ele matou a minha mãe, a raínha de Recécio. – E com isto levantou-se e abandonou o salão em direção ao exterior, resultando com todos os restantes a o seguirem, onde, passados do portão principal, seguiram para Recécio.

Já com algumas horas em cima, chegaram ao seu destino, o centro de comandos, onde Sec convidou os restantes a se

acomodarem, enquanto procuraria pela tal Sabrina, que de facto se encontrava nas imediações e realmente tinha uma espada lendária. Apresentações mútuas feitas, ficaram os 5 rapazes a comentar sobre a moça, que era demasiado bela e formosa para alguém que era combatente. Só faltaria Well para terem o seu objetivo quase completado. Foram, antes da partida, contemplados com outro banquete, desta vez oferecido por Maycon, que nem se mostrou aos visitantes.

...

Estavam a entrar já em território Rucrúcio quando foram surpreendidos por um conjunto desconhecido de tropas, às centenas, que se dirigia na sua direção a lançar gritos de guerra e com as armas em riste. Prepararam-se para o combate, estando os 6 em linha, com um espaçamento de cerca de 2 metros de modo a evitar golpes indesejáveis uns dos outros. Júnior e Matheus, que se encontravam na ponta esquerda, foram à frente, seguidos dos restantes, que massacraram o inimigo por completo, partindo as suas espadas com a maior das facilidades. Matavam qualquer um que se lhes enfrentásse, mas distraíram-se. Deixaram Sabrina para trás, sendo esta

agarrada e ameaçada com uma faca ao pescoço:

- Queremos as vossas espadas, ou ela morre! – De súbito, uma lança vinda do nada atravessa a cabeça do homem de lado a lado, fazendo-o cair imóvel no chão e soltando Sabrina. Tratava-se de Well que, ao longe, se aproximava a toda a velocidade e levou a moça para junto dos companheiros que acabaram com o resto dos inimigos. Deviam-lhe esta.

Após algum merecido descanso, partiram juntos para aquela mítica montanha uma vez mais, com Well na dianteira, por ser o anfitrião. Tinham noção de que algo de extraórdinário estava por acontecer e que teria um gigantesco impacto no mundo, e temiam isso. Ninguém proferiu qualquer palavra até ao topo da escadaria, com a excepção de Júnior e Matheus, que ao que parecia, tinham começado a se dar muito bem um com o outro. Sabrina, ao avistarem o final da escadaria, virou-se para os parceiros e, após um suspiro, falou:

- Aconteça o que acontecer, já chegamos aqui e fomos escolhidos para isto. Vamos lá! – E, em conjunto e com as espadas em riste, avançaram em direção ao templo. Ao adentrarem, debruçaram-se sobre o altar e observaram um brilho intenso provindo de todas as 7 entradas para as pedras nos círculos, onde se abriu uma nova fissura para colocar as espadas. Distribuíram-se ao redor e respectivamente

colocaram as suas armas, desencadeando um tremor de terra algo intenso. Emergiram do solo em volta deles 7 ovos gigantes, do tamanho do tronco de uma pessoa, cada qual com as cores respectivas das espadas. Não sabiam o que diabos sairia dali, mas sacaram as espadas e ali permaneceram a tentar entender o que se estava a passar. Conseguiam ouvir uma espécie de grunhidos vindos de dentro dos ovos, que começaram a rachar lentamente. A pouco e pouco, e para espanto de todos, saíram de lá de dentro dragões bebés, o que os deixou completamente preplexos. Tinham uns olhos enormes em relação ao resto do corpo e tinham todos cores diferenciadas, mas eram semelhantes as suas características. O de Well era preto e com os olhos avermelhados; o de Sabrina verde claro com os olhos brancos; o de Júnior castanho claro com os olhos da mesma cor; o de Josiel vermelho, tanto no corpo como os olhos; o de Sec azul marinho com olhos pretos e o de Razengo roxo com os olhos negros. Eram extremamente dóceis, mas ainda demonstravam alguma incapacidade a caminhar e a coordenar o seu movimento de asas. Enquanto se distraíam, apareceu uma vez mais aquela mítica figura, denominada Metatron, e todos se viraram em direção àquele brilho intenso:

- Parabéns jovens! Foram capazes de chegar a este ponto. A

harmonia planetária poderá retornar, mas ainda assim dependerá de vós. Cada um desses agora pequenos guardiões será um dia gigantesco, e cada um deles protege um elemento: Tenebris, a escuridão (Well); Motus, o subsolo (Júnior); Lumen, a luz (Matheus); Ignis, o fogo (Josiel); Caeli, a energia (Razengo); Categis, os céus e os ventos (Sabrina); e por fim Aequor, os mares (Sec). Cada um de vós tem sobre os vossos ombros o peso de um destino de milhares de anos. A tão aguardada paz está agora ao vosso alcance. O resto é convosco. – E repentinamente desvaneceu-se com o ar, deixando todos os presentes com um sentimento de felicidade inexplicável. Sentiam-se realizados ao máximo dos máximos, mas não poderiam ficar ali em cima para sempre. Well convidou-os a todos para irem a uma taberna que ficava no sopé da montanha e, pegando em cada um dos seus dragões ao colo, desceram e claro, não se esqueceram de tirar as espadas.

Por onde passavam eram olhados por toda a gente, que pensava tratarem-se de peluches o que carregavam nos braços, porque dragões não existiam de facto. Entraram na taberna e dispersaram-se por uma mesa redonda, com os seus meninos ao colo:

- Well, conhecem-te aqui? – Perguntou Razengo.

- Sim claro, não vamos ter problemas com isso.

- Outra coisa, por curiosidade, o Nabas já não é o Rei de cá pois não?

- Bem, para contar essa história tenho de voltar muito atrás no tempo, ao tempo dos estados civis, ou seja, pré-reinos. – E prosseguiu o seu discurso Well. – Nabas, meu tio, quando tinha cerca de 18 ano, decidiu fazer algo mais da sua vida. Provinha de uma família de nobres que dominava quase toda esta região, com excepção de algumas áreas, estas que estavam sob o controle da família rival, no qual Nabas tinha um amigo de infância, chamado Holx. Já aos 16 anos o meu tio já tinha um castelo próprio dele que se situava relativamente próximo da fronteira com os rivais, e tendo ido viver para o seu novo espaço, convidou Holx para se lhe juntar a este, e alargaram muito o castelo. Em apenas 4 anos, e com centenas de trabalhadores, conseguiram fazer um castelo nunca antes visto, que é o da nossa atual capital. As respectivas famílias, ao verem que este sistema unitário era beneficiário tanto para a economia como para a paz, começaram a fazer tratados e acordos entre ambas, e mais cidades se criaram de raíz. Em pouco tempo Nabas foi aclamado Rei e Holx Vice-Rei daquele jovem reino, ao qual haviam apelidado de Rucrúcio, a minha pátria. Com alguns anos de diferença, o sistema de reinos espalhou-se por todo o continente, apesar da Fébfa ter

sido fundada pelo Estevin por volta da mesma altura. Foram assim obtidos muitos anos de paz e prosperidade, envolvendo ainda alguns confrontos ao nível local e interno. Nabas e Holx eram esforçados, mas tomavam muitos dos lucros da coroa para si mesmos, esbanjando-o em coisas do mais fútil. Como é óbvio, levantaram-se revoltas contra estes, o que os fez abdicar do poder há alguns anos atrás, sucedendo-se-lhes o meu pai, o Rei Thi, irmão mais novo do Nabas, e o primo do Holx, o Vice-Rei Rafael. Mas acho que o meu pai não vai permanecer no poder por muito mais tempo, ser Rei não é nada fácil como fazem transparecer.

- Compreendi agora... – Respondeu serenamente Razengo. – E ao Well acabar a sua fala, o seu dragão cuspiu uma pequena chama negra para uma vela que se encontrava no meio da mesa, e esta acendeu-se com a chama ainda negra. Em resposta, o dragão de Sec cuspiu uma porção de água que imediatamente apagou a vela. O dono do estabelecimento, com receio que as pequenas bestas lhe queimássem o local, convidou-os a abandonar, o que não levaram a mal de todo, com a excepção de Júnior, que teve de ser puxado por Razengo e Matheus:

- Você é um mal educado! É assim que trata todos os seus clientes? Vou convidar a sua cabeça a sair do seu corpo, animal! – O homem nem respondera.

- Calma Júnior, só estás a estragar a tua imagem! – Gritou-lhe Matheus ao ouvido, o que o fez acalmar e partir. Pelo caminho, já sem Well, que havia lá ficado, iam conversando:

- Como é que vocês não se conheciam e são aliados há tanto tempo? – Questionou Razengo, dirigindo-se a Sabrina e Sec.

- Bem... – Responderam em uníssono. – Não sei. – Sec acabaria por se dispersar do grupo e ir ao direto encontro do reino, onde tencionava passar pela casa de Diana para lhe contar tudo o que se havia passado até ali.

Enquanto isso, no centro de comandos...

- Maycon, é demasiado perigoso! Vamos perder muitas vidas por lá desnecessáriamente! Deixa a sul quem é do sul!

- Lucka, tu não consegues perceber que não têm homens suficientes para vencerem lá?! – Gritou o Rei com o seu irmão.

- Pronto, é a tua decisão. Eu não me responsabilizo por nada, já perdemos o Baioco e o Skaarss devido a ataques sem o devido planeamento, e tu queres continuar assim?

- Eu acho que algo que não fazemos ideia aconteceu nesses casos... – E suspirou profundamente Maycon.

- Já ninguém sabe sequer contra quem está a lutar! Tanto a Déasp como a Bopénia são aliados da GAOH, no entanto

entreatacaram-se, isto vai de mal a pior.

- Ainda assim...

- Não achas que deveríamos pensar melhor neste ataque? – Disse Lucka com assertividade.

- Muito bem então. Vamos organizar um plano em detalhe. Preciso que mandes chamar o Gabrielvid para ir contigo, além de quem já viajou por aquele território da Alfária.

...

- Gabrielvid! – Gritou Lucka. De imediato, o jovem se dirigiu ao Vice-Rei e apresentou-se:

- Senhor? Em que posso ser útil?

- Segue-me, temos um trabalho de máxima importância para ti junto do Rei. Chegados àquela longa mesa redonda, só viram presentes ambos e o Rei, que nem deu tempo ao jovem de se apresentar:

- Gabrielvid, rapaz... Por tudo o que já me contaram e pelo que vi, posso afirmar em primeira mão que és dos elementos mais essenciais que temos connosco, e que sem ti e a tua estratégia

muitos homens irão morrer. Dar-te-hei a ti a responsabilidade de capitaneares dois batalhões num ataque de pilhagem a algumas cidades da Alfária, que se encontra vulnerável. Temos de evitar as perdas ao máximo. Estás apto a esta tarefa?

- Hum... – Ficara o jovem a pensar. – Eu acho que sim senhor... – E Gaar, chocando um punho com a sua outra mão aberta, gritou:

- Vamos lá!

- Calma irmão, não me lembro de te ver assim tão excêntrico há algum tempo...

- É porque eu também vou Lucka! Não vou conseguir ficar aqui parado. Ficas tu aqui no comando!

- Eu? No comando? - Os olhos de Lucka ressaltaram um brilho...

- Sim! És até capaz de fazer um trabalho melhor que o meu, e como vou lutar, vou deixar o ceptro, a coroa e a capa real contigo até eu retornar... E já agora, que é feito do Gabriel e do Andrey ?

- Bem... O Gabriel foi para o sul não sei fazer o quê, ele não explicou direito, mas já saiu há alguns dias atrás. O Andrey foi a Rcécio e já volta... Mas tenho de te dizer que quero mesmo ir

a esta missão... Deixemos o Andrey no comando, por favor. - Sem problemas... Os restantes comandantes estão disponíveis?

- Sim, não estão a fazer absolutamente nada no momento. De súbito ouve-se um grito de Hyoga da rua:

- Eu ouvi isso! - E riram-se ambos da situação. Maycon, apesar das tristezas que havia passado, conseguia sempre manter a sua postura de rei firme, tentando não se envolver demasiado com as pessoas ao seu redor.

- Ok Gabrielvid, ficarás aqui com o Lucka e os restantes que conhecem o terreno, eu vou me preparar para a partida, isto tem de estar mais ou menos pronto em duas horas... - E, ao sair daquela tenda, dirigiu-se a outra mais à frente, onde retirou de um enorme baú a sua armadura feita em prata e banhada em ouro, mas que não era com tão completa, de modo a garantir-lhe uma elevada mobilidade em combate e até fora, e vestiu-a.

Ao sair, afastou-se do complexo e foi até à falésia de onde se viam longos campos de cultivo de cereais, onde humildes camponeses se esforçavam para pagar as suas rendas aos nobres a quem as terras pertenciam.

- Se pudesse... Faria a vossa vida melhor... – Pensava, observando-as de longe. - Sem se aperceber, Hyoga chegou-

se ao seu lado e ficou também ele a observar o ambiente. Era uma manhã tranquila, banhada por uma brisa leve que atenuava o calor:

- Já estás mais recuperado? - Perguntou-lhe, olhando-o com um sorriso leve. - Maycon mirou-o por momentos. A aparência do seu amigo, que tinha quase a sua idade, era bastante aparatosa. Hyoga era loiro e tinha um cabelo encaracolado, mas de tão grande que era, tornava-se inevitável não lembrar de espaguete. Eriu-se:

- Hahaha, acho que sim... - E fez-se um silêncio momentâneo que logo foi quebrado por Maycon

- Sabes... Acho que já atingi tudo o que tinha para atingir. Encontrei Recécio como uma cidade de madeira e deixei-a numa cidade de mármore, mas continuei a falhar...

- A falhar?!

- Sim, como pai. O Sec tanto se cansou de tentar que lhe desse atenção que foi educado pelo meu irmão, o Gabriel, e o Yann encontra-se numa fase muito difícil e não posso estar lá para o apoiar, mas que raios de pai fui eu?

- Fizeste o que estava ao teu alcance, agora é demasiado tarde para arrependimentos...

- Ah... - Respirou fundo Maycon - Tenho que tentar manter a cabeça erguida, apesar de tudo.

- Não te martirizes! - Colocando Hyoga a mão no ombro do seu amigo - ... E continuou:

- Ainda tens um longo reinado pela frente, e a cada momento da vida que passas é uma vitória diferente.

- Talvez tenhas razão... - E voltou para a tenda principal.

...

Chegava finalmente à floresta e dirigia-se para casa de Diana, onde parecia não estar ninguém... Estava o demasiado cansado para pensar, e adormecera junto a uma árvore com o seu dragão.

Mal acordara, viu que Aequor já estava bem maior do que no dia anterior, mas bem maior mesmo:

- Então parceiro... - Enquanto lhe acariciava a cabeça - Já estás quase maior do que eu, cresces bem rápido. E foram beber água ao riacho ali próximo.

Após uma inspeção à casa continuou a ver que não estava

ninguém lá presente, e decidira voltar para a cidade de Recécio para vir ver o irmão.

...

- Está tudo pronto, Lucka? Gabriel?

- Sim, sua majestade - Respondera Gabrielvid.

- Menos mal, já nos atrasamos quatro dias! Quatro dias! Imperdoável! - E fora Maycon de súbito interrompido por um vulto gigante no horizonte, que batia asas. Todos pararam em observação. Nunca haviam visto tal coisa, e prepararam lanças em defesa. Ao se aproximar mais conseguiram ver direito. Era o dragão com Sec em cima, que já estava absolutamente gigante, com cerca de 200 metros de comprimento da cabeça à cauda, e o seu rosto era simples, com dois pares de chifres alongados para a frente e um olhar sereno, que transmitia tranquilidade.

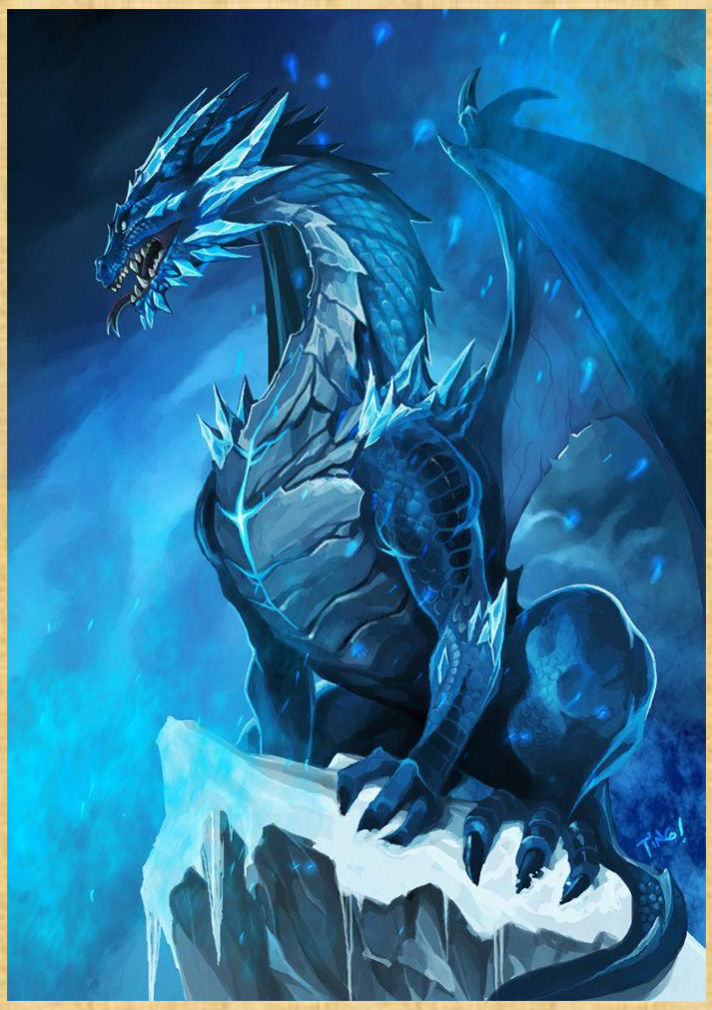
- Baixem as armas! É o Sec! - Ordenou Lucka. O dragão pousara num espaço vazio entre tendas, e Sec pôde descer. Foi recebido por todos com um espanto enorme daquela criatura de dimensões abismais, que se pensava ser algo

dos mitos e lendas antigas. Dirigira-se ao seu pai:

- Onde está o tio Gabriel? - Perguntou assertivamente.

- Não sei... Onde tencionas ir agora? - Vou descansar, se quiseres podes carregar o dragão, acho que reconhece que és do meu sangue... - E entrara na tenda principal sem ouvir a resposta do pai. Maycon deu a indicação às tropas de partirem com Lucka e Gabrielvid, enquanto ficaria a tentar dociliar Aequor, que já estava bastante amigável. Enquanto isso, os dois comandantes conversaram pelo caminho:

- Já tens tudo deliniado na cabeça, rapaz ? - Perguntara Lucka.



- Depende, estou a pensar em que é que a possível presença do dragão pode ajudar-nos...

- Não improvises o que não és capaz de manter, tem sempre em conta a escassez. É assim... Esperamos o melhor, preparamo-nos para o pior e tudo o resto é lucro que advém.

- Mas senhor Lucka... - Demonstrando algum receio Gabrielvid:

- Gostava de perguntar-lhe uma coisa!

- Sim, claro, diz!

- Qual é o seu sonho? E o que é que está disposto a fazer para que isso aconteça?

- Interessante... O meu sonho realmente era a paz entre Reinos, mas não uma paz como pausa entre guerras, algo a longo prazo.

- Mas... - Interrompera o jovem - Paz? Quando estamos a fazer isto?

- Sabia que irias perguntar isso... Assim como o nosso caráter humano, o mundo não poderá nunca conhecer o que existe de melhor sem conhecer o que há de pior. Se tudo o que nos rodeia fosse perfeito, nunca teríamos objetivos e acabaríamos por desvalorizar tudo... Não está ao nosso alcance atingir uma verdadeira paz sem antes cairmos no maior desespero e nas mais profundas dores. É irónico realmente, mas é algo que só nós humanos somos capazes de fazer, a busca do sofrimento e da dor com vista a um futuro promissor. Cuspir sangue enquanto se fala de paz... É algo realmente fora da nossa compreensão, mas esta é apenas a minha visão... E Gabriel riu ao de leve.

- Eu acredito nesse futuro, mas quem será capaz de o trazer?

- Não sei rapaz... Qualquer um poderá concretizar essa profecia, num futuro próximo ou longínquo... Mas não perco fé.
- Acho que no fundo é isso que todos querem... Esta guerra dura há tão pouco tempo e já haverão tantas perdas, inclusive o seu irmão, não foi?
- Uhum... - Concordou Lucka abanando a cabeça em afirmação. Mas é o destino miserável que temos de enfrentar, e querendo ou não, o tempo não para, porém, só cura alguma coisa quando nós nos habilitamos a essa mesma cura. Nada resolve incertezas e arrependimentos, e quanto maiores forem, mais nos matam conforme o tempo passa.
- Mas arrepende-se de alguma coisa?
- Sinceramente... Acho que não. Vivi o que tinha a viver, apesar de ainda ser meio "novo", mas segui o nossa essência...
- Qual essência? – Questionou-se o rapaz.
- A da água. Nós, que já estamos lá em cima somos meros pingos de chuva que um dia caem, mas essa água por ventura dará lugar a novos pingos de se evaporarem e se tornarem em nuvens. Vocês são tais pingos que tenho de preservar e proteger, mesmo que isso me custe a vida. É algo precioso o suficiente para que esse sacrifício seja feito...
- Entendo, mas talvez eu ainda não o perceba bem o suficiente....

Enquanto isso os restantes líderes conversavam tranquilamente junto a uma fogueira onde estavam a assar um leitão:

- Castilho! Foste tu que o caçaste? - Perguntara alto Mateus.

- Sim! Porquê? - Respondera o jovem no mesmo tom.

- Ainda tem uma ponta de seta aqui dentro! Quase comi isto!

- Vais chorar?! - Provocou Castilho.

- Vou, para a próxima vou eu lá! - E riram-se todos. Olhando para Morosini, que estava ao seu lado, Carlosvin sussurrou:

- Queres ver o Mateus a ficar mais irritado ainda?

- Manda ver, eu faço contigo. - Respondeu empolgado.

- Atiramos um bocado de carne à cabeça dele e dizemos que foi o Castilho.

- Vai, vai, vai! - E num clique atiraram os dois um bocado de carne, que calhou em cheio nas costas de Mateus, que se virou, enfurecido:

- Quem fez isto?

- Foi o suspeito do costume! - Exclamou Monosini, apontando para Castilho que, estando distraído e mais afastado, levou com o coração do leitão no rosto, ficando sem reação. Andrey observava-os, rindo-se das brincadeiras, tentando esquecer as mágoas da morte de Baioco...

- Tio! Tio! - Chamava Vitor por ele.

- Ah sim diz, desculpa, estava a pensar numas coisas....

- Ah, esqueça.

- É uma boa vida, não Morosini? - Perguntou Carlosvin.

- O quê?

- A nossa, demente!

- Ah sim. - Suspirou Morosini - Que nunca mude!

- E que nunca nos mude a nós! - De repente, chega Dudu por entre as tendas com um espeto enorme e a comer um bicho esquisito:

- O que raios é isso Dudu? - Perguntara Carlosvin.

- Acho que um... – Mas não terminou a frase. - Mas isso agora é irrelevante.

...

Três dias se haviam passado, e o esquadrão de Lucka aproximava-se do território da Alfária tranquilamente, ao início da noite, quando avistaram ao longe alguns monges locais a fugir aos gritos em todas as direções. Correu Lucka até um deles e perguntou o que se passava:

- O que é que aconteceu?

- Fuja! É o cavaleiro negro! – Gritou, recuperando o fôlego.

- Quem é ele?

- Ninguém sabe! Mas há notícias de que derrotou um exército de 300 homens sozinho! Agora veio ao nosso mosteiro, e ainda deve estar lá dentro! Alguns monges ficaram a combater contra ele!

- E em que direção é o mosteiro?

- Ali ao fundo! – E fugiu a correr e a gritar por perdão a Deus. Lucka dera a indicação às tropas de que ali ficassem. Traria consigo apenas Gabrielvid e Rafac. À medida que se aproximavam do enorme mosteiro não ouviram qualquer barulho no interior e nos arredores...

- Rafac e Gabriel, vão dar uma volta ao local para ver se há outra entrada além da nave central. – Colheram uma tocha da parede, deram a volta sem problemas, e de fato não havia mais nenhuma entrada. Estava tudo intacto, sem estragos à primeira instância.

- Vamos entrar? – Perguntou o jovem com muito receio.

- Vamos! – Exclamou Lucka, colocando a espada em riste. Entraram pela nave da igreja, e não haviam quaisquer sinais de danos, porém, viram um corpo de um homem atrás do altar, que ainda respirava. Correram na sua direção e tratava-se de um monge moribundo, que tentava falar, mas só sangue lhe saía da boca, acabando por se engasgar e morrer nos braços de

Lucka. Os olhos de Gabriel encheram-se de lágrimas... Nunca havia experienciado a morte desta forma.

- Jovem! – Chamou Rafac com a sua voz efeminada – Limpa as lágrimas, ainda só agora aqui entramos. Vai correr tudo bem. – E Gabrielvid assim o fez, tentando ganhar coragem em si mesmo enquanto Lucka deitava o cadáver e lhe fechava os olhos. Dariam a volta aos três andares do mosteiro, começando pelo jardim central e o átrio em redor, onde não haviam quaisquer cadáveres à vista. Não se ouvia um único ruído no silêncio da noite, absolutamente nenhum, o que estava a terrificar o jovem Gabriel, que permanecia atrás dos outros

dois. Algumas das portas que tentaram abrir encontravam-se

trancadas por dentro, com a exceção de uma, pela qual entraram. A vista para o corredor interno era horripilante. O silêncio mantinha-se, e não haviam danos nenhuns, nem quaisquer cadáveres, o que os motivou a ver o restante do corredor em volta, que por sua ocasião estava intacto. Ao final haviam escadas para o andar de cima, onde não se via luz alguma, ao contrário do andar de baixo, onde haviam ainda algumas tochas. Subiram sem fazer qualquer barulho, e a vista do corredor piorara. Viam-se corpos encharcados em sangue aqui e ali nos dormitórios. Lucka verificou o pulso de todos eles, mas sem qualquer efeito positivo. Gabrielvid olhara pela janela com vista para o jardim central, e reparara na existência de um alçapão em pedra junto à fonte central do átrio.

- Olhem! – Sussurrou – Os monges usaram aquela passagem, ou ele, sabendo da aproximação nosso exército. E até faz sentido ele ter tentado escapar pela igreja, mas vendo as nossas tropas ao longe, teve de procurar outra opção, por isso é que o monge na igreja ainda não estava morto, deve tê-lo feito quando tentou fugir pela igreja...

- Faz todo sentido! Vamos! – Sussurrou Lucka.

- Por que é que ainda estamos a sussurrar? – Perguntou Rafac.

- Não faças perguntas, vamos! – Sussurrou o comandante novamente.

Apressaram-se a descer e a ir ao átrio central, onde, quando abriram o alçapão, viram uma espécie de túnel arredondado que se prolongava em duas direções. Entraram com cuidado, e seguiram na direção do túnel contrário ao das suas tropas, porque não seria inteligente da parte do fugitivo ir em direção a elas. Sentiam o ar humedecido e os pés molhados. Aquela água estagnada cheirava a fezes com dezenas de anos e parecia tratar-se de um sistema de esgoto primitivo. Avançaram, escuridão adentro, com receio do pior, de armas em riste, e Lucka com uma tocha na dianteira. Assim, ao caminharem cautelosamente pelo túnel depararam-se com uma mudança de cenário: paredes em pedra com entradas cobertas de corpos em esqueleto rodeavam-lhes por ambos os lados. Tratava-se de um caminho único, o que não era comum neste tipo de galeria subterrâneas, que se tratavam normalmente de autênticos labirintos. Pareciam ouvir passos de longe, pesados e vagarosos, o som metálico não enganava.

- Só pode ser ele, e agora? – Pensava para si mesmo o Vice-Rei

- Vamos morrer? – Sussurrou Gabrielvid

- Cala-te! - Gritou Rafac, resultando num aceleramento dos passos que ouviam ao longe. Não podiam continuar apenas a andar, e desataram a correr catacumbas fora atrás dos passos. Chegando a certo ponto o ruído subsidiu e depararam-se com dois caminhos, um para direita e um para a esquerda.

- Vão vocês dois pela esquerda, mas se virem que se vão perder, não hesitem em voltar para trás. Eu vou sozinho pela direita. - E não contestaram a ordem de Lucka, partindo imediatamente a correr. Ia o comandante sozinho pela escuridão, cheio de receio, o que não era nada comum, e sentia-se vulnerável por não poder se livrar dessa praga momentânea. Não teve de caminhar muito para ver luz, e entrou numa sala de altura considerável, rodeada de pilares, grossos e esculpidos. No seu centro, junto a uma fogueira, encontrava-se imóvel um cavaleiro, de sua armadura completamente negra e um capacete completo, com dois chifres para as laterais, que se riu:

- Conseguiste chegar até aqui, mas mais não passarás. - A voz era familiar, mas talvez fosse coisa da sua cabeça. Lucka, de imediato, atirou uma adaga à cabeça do cavaleiro, mas sem efeito. Nem amassou a armadura. O homem saiu por uma porta de pedra, deixando o Recéciano a olhá-lo sem saber o que se estava a passar, que continuou imóvel. Fora surpreso por uma brecha enorme que vertia água da parede em enormes

quantidades. A porta de onde havia vindo havia-se fechado, e logo entrou em pânico estando lá preso. À medida que a água lhe subia o corpo, tirava a armadura, para ao menos conseguir nadar. A tensão crescia, e pensava nos seus arrependimentos da vida, nas suas histórias, nos seus sonhos, e nadava... Já pouco espaço lhe restava, mas persistia a respirar. Num último suspiro a água começara a ser sugada por um grande alçapão redondo, e Lucka caiu no chão da sala, desnorteado. Ficou surpreso por ver Rafac e Gabrielvid a segurar o alçapão que ligava a um enorme poço subterrâneo. Ficara tão, mas tão aliviado... Na sua mente já estava convencido que se encontrava condenado à morte, mas haviam lhe dado a oportunidade da vida novamente. Os outros dois haviam provindo aparentemente pelo outro caminho, que dava a volta ao recinto. Não podiam mais perseguir o cavaleiro, e resolveram regressar para onde as tropas se encontravam estacionadas, onde já haviam criado um acampamento, e comiam. Lucka nem lhes deu tempo para se recomporem, e atribuiu-lhes uma ordem.
-Todos de pé, temos pressa! - Afirmou impetuosamente, resultando na formação quase imediata das tropas, deixando alguns cair a comida no chão. Não estavam muito longe da cidade destino de ataque, por isso apressaram-se. A cabeça de Gabrielvid não parava, e apesar de terem um plano traçado,

já pensava em qualquer coisa contraditória que lhes poderia acontecer.

...

- Estamos quase a atingir o ponto de encontro.

- Encontro – Questionou o jovem Gabrielvid.

- Sim! Afirmou o comandante.

- Mas encontro com quem? - Troçou Rafac .

- Calma aí que vamos manter a cordealidade porque estamos em missão ...

- Desculpe senhor! – Troçou novamente, mas Lucka ignorou.

- Com o nosso informador de cá da Alfária.

- E quem é ele? – Perguntaram em um uníssono.

- Um velho conhecido, a quem devo tudo.

- Hmm, e quem seria?

- Acho que já deves ter ouvido falar dele. É o Paulo Oculto.

- Acho que sim, mas o que ouvi não foi muito bom...

- Como assim não foi muito bom? – Exclamou um estranho vindo do meio de uns arbustos, e ficaram a mirá-lo por momentos. Era alto e elegante, apesar de parecer pelo menos ter cerca de quarenta e poucos anos. Vestia o típico traje nobre da Alfária, branco e negro, sem qualquer armadura envergada. A sua grande barba parecia abafar a sua voz, e o seu cabelo acinzentado fazia-o parecer mais velho. Possuía

ainda um chapéu arredondado preto, com uma pena na lateral. – Ora ora, se não é o jovem Lucka e os seus súbditos! – E com um aperto de mão se apresentou ao Recéciano:

- Hehe, ele é assim aparatoso mesmo. – Sussurrou para Rafac.

- É, estou a ver o começo da palhaçada. – E riu-se.

- O que é que andam para aí a sussurrar jovens? Temos trabalho a fazer! Vou ganhar pelo menos conde na GAOH por este bonito serviço! Hehe. – E, depois de uma pausa no discurso, continuou Paulo: – Os meus contactos já estão a tratar de vos abrir a porta!

- Paulo! Era suposto ninguém saber disto! Estás doido?

- Não estou não, eles são de confiança, relaxa!

- Não sei se é bem assim, tens de ter cuidado com esta merda, ou andamos aqui a brincar com vidas?! – Exaltando-se Lucka.

- Calma jovem.

- Como se pode ter calma?!

- Arranje-se, vamos andando. – E seguiram caminho, sendo surpreendidos por uma enorme sombra acima de si, que se tratava de Maycon a montar Aequor, e nem pararam, seguindo estes diretamente para a cidade. Sem perder tempo, o dragão

lançou enormes jatos de água que foram destruindo até as muralhas citadinas. Fora uma devastação de tal dimensão e em tão pouco tempo que os chocou a todos. Até Paulo tomou uma postura séria:

- O que raio é aquilo?! – Perguntou, incrédulo.

- São os teus contactos a se afogar. – Troçou Lucka. E todos os que escutaram se riram. Nem o comandante sabia o que fazer naquela situação que era de facto peculiar. Maycon, ao retornar com o dragão, ordenou que regressassem a Recécio, pois a missão estava mais que cumprida.

...

- Recebemos uma carta ó zé Maycon! – Exclamou Andrey, entregando-lha na tenda principal. Continha um selo com o brasão de Rucrúcio, e abriu com cuidado.

"Boas Reis e Soberanos,

Envio-vos esta carta a vós, todos os Reis, de modo a vos convocar a um concílio geral entre nós. Assim que esta mensagem for recebida devem dirigir-se à capital de Rucrúcio. Pormenores serão divulgados mais adiante. Não tragam exército.

O Rei de Rucrúcio

Sua Majestade Thi."

Maycon admirou-se. Não era nada comum existirem estas "reuniões" entre Reis e nunca havia participado numa. Teria assim de iniciar as suas preparações e levar uma guarda pessoal consigo. Haviam recebido também outra carta, mas tratava-se de um pedido de arrendamento de um feudo a Lucka por parte de um agricultor, o qual teria de atender o quanto antes, dada a urgência da reunião entre Reis. Apresentavam-se também perante estes, dois irmãos que compraram o título nobiliárquico de Duque:

- Apresentamo-nos a vós, majestades! – Era um mais velho do que o outro, tendo o mais velho cerca de menos cinco anos que Lucka. Maycon chegou-se à frente com a sua espada na frente, ajoelhando-se os dois irmãos:

- Não vos vou batizar nem nada disso, tenham calma. – E levantaram-se novamente. - Digam-me os vossos nomes outra vez...

- Igor Lima, majestade. – Afirmou o mais velho.

- Igor Patric, majestade. – Afirmou o mais novo. Tinham aspetos semelhantes, na medida em que o seu tom de pele era igual, moreno, e os seus cabelos negros e curtos. Eram de média estatura, porém magros.

- Tudo bem, estão liberados. – E abandonaram ambos.

Cerca de uma hora mais tarde, já com a maior parte dos preparativos feitos, mandara Maycon chamar:

- Lucka, Hyoga, Mateus e Gabriel.

- Tranquilo irmão, chamarei os outros 3 e partiremos imediatamente. Queres que avise o Andrey de que ele fica no comando? – Questionou o Vice-Rei.

- Sim, por favor.

- Ele já deve é de estar habituado! – E riu-se Lucka.

...

A viagem estava a ser tranquila, mas estavam com um mau pressentimento. Resumiu-se a viagem com todos a conversar com a excepção de Gabriel. Chegaram à capital por volta das 4 horas da tarde, com um calor infernal. Foram recebidos em clima de festa por parte da população, que previa um tratado de paz e o final da guerra. Avistaram mais à frente o rei da Depêga com os seus cavaleiros, o que era de estranhar tendo em conta que se consideraram um estado neutro:

- Depêga? - Questionou Mateus para o ar. – O que será que andam a tramar? - Pensava Maycon, com algum receio por apenas se encontrar ali com 4 unidades. O povo abria caminho

para permitir a sua passagem e aplaudia fortemente, embora a grande maioria nem soubesse quem eles eram de fato. Hyoga e Mateus iam nas pontas, onde se encontravam duas linhas enormes de tropas Rucrúcias em proteção dos visitantes. Ao fim do caminho, encontravam-se os atuais soberanos, o Rei Thi

e o seu cabelo cinza jogado para trás, porém curto, e o vice-rei Rafael, de cabelo negro, também curto. Saudaram afetuosamente toda a comitiva de Recécio como se nem fossem inimigos e levaram-nos a um salão gigantesco dentro do castelo, onde já se encontravam alguns dos sobernaos e as suas equipas. Havia a loirinha, rainha da Alfária; o Paco, rei da Assfarc; Max, rei da Fébfa; Atucky, da Bopénia e Magnet, rei da Depêga. Evitaram misturar-se com as aliadas da

GOPH, e assim se criaram dois grupinhos grandes de pessoas. Notou-se uma leve alteração no estado de espírito de Gabriel, devido à presença de Max. Thi reuniu-os a todos e declarou que lá iriam ficar instalados os reis, e que Rucrúcio se assegurava de todas as defesas.

Chegada a hora de jantar, foram encaminhados a um banquete, onde como seria esperado, ficaram aliados da GAOH num lado da mesa e os da GOPH no outro. Havia de tudo naquela mesa, desde as comidas mais tradicionais, como leitão e milho, como comidas mais extravagantes como camarão, sardinha, etc... Maycon e Hyoga deliciavam-se com os peixes e mariscos, que se encontravam bem tostadinhos e absolutamente deliciosos. Pareciam acabados de sair do mar. Supreenderam-se foi com a figura de Atucky, que comia sem parar e acabou por repetir o seu prato duas vezes. Um dos seus camaradas, ao reparar no espanto de todos os presentes, tentou amenizar:

- É sempre assim, gastamos fortunas de comida lá no reino com sua majestade. - E riu de leve, mostrando algum receio da reação do seu soberano, que com uma perna de frango na boca, parou de mastigar e lançou-lhe um olhar de morte, resultando num riso coletivo:

- Como é bom este ambiente de paz entre reis... Sussurrou Hyoga para Maycon, que continuava a rir.

Passariam a noite em dormitórios, todos num mesmo salão gigante, onde beberiam até cair. Barris e barris de cevada eram trazidos a cada 20 minutos. Tentaram não exagerar o princípio, mas foram deixando levar-se e riam uns com os outros, especialmente com piadas de Paco, monarca da Assfarc, que tinha muito senso de humor. Acabaram por adormecer e só acordar no dia seguinte:

- Acordem! Está na hora do almoço camaradas, e o Spy acabou de chegar, acompanhado do Daniel da Pegaéss. Tenho uma atividade para nós de tarde. - Anunciava Thi, que de imediato desceu em direção ao salão de banquetes.

...

Chegados os monarcas e respectivas elites à sala de banquetes, admiraram-se de a mesa estar vazia e sem comida alguma. Thi não se encontrava na sala nem na cozinha, e estranharam. Quem os veio receber fora o vice-rei Rafael que, com um ar preocupado e num tom baixo os abordou:

- É... - Parecia nervoso.- O Thi foi lá fora receber os nossos fundadores...

- Holx? - Perguntou Atucky, com um tom desafiante.

- Sim, e o Nabas principalmente, que nunca sai à rua.

- Mas porque estás tão assustado? - Questionou Magnet na dúvida. - Eles ainda mandam alguma coisa aqui?

- O Nabas sim, sempre. Tudo isto lhe pertence, e mesmo trocando a realeza, as ordens máximas provêm dele. - Fora interrompido por alguém que entrava no salão. Trava-se de um homem negro, de barba e cabelo cinza, e toda uma vestimenta branca, de cabeça aos pés que entrou e sentou-se, mesmo com todos os convidados em pé:

- Rafael! - Exclamou. - Onde está a comida para os convidados?

- Bem... - Hesitou. - É que tivemos um problema...

- Que problema?! - Gritou o homem.

- Fomos assaltados durante a noite e estamos sem comida senhor Nabas... Nabas, irritando-se, bateu com a mão na mesa e continuou a berrar:

- O quê? Que raio de vergonha vem a ser esta?! Só tenho um nome para isto: irresponsabilidade vossa! Nos meus tempos

nunca isto haveria de acontecer! - E dirigiu-se a passos largos para a porta de saída, onde, como uma folha caída, veio dos céus um homem, de armadura toda negra, semelhante à do cavaleiro negro, mas sem capacete, loiro e de olhos azuis, com a sua espada em riste e pronto para cortar Nabas ao meio, que ficara sem recção. Por milagre, o atirador, por mau voo, caiu para trás, rebolando escadas abaixo. O criador de Rucrúcio não fazia ideia do que se havia ali passado, e momentos mais tarde, todos os convidados se juntaram a este. O invasor, após uns segundos a se recuperar, levantou-se e não aparentava medo algum.

- Quem és tu jovem? – Perguntou Nabas, incrédulo.

- Eu chamo-me Kanarinho e sou um dos demolidores.

- Isso é de comer? – Questionou novamente.

- Venham! – E com um sinal apareceram do nada uns 7 indivíduos, todos com suas armaduras negras e sem capacetes.

- Convém se apresentarem... – Recomendou Thi, que aparecera vindo do interior sem que ninguém se apercebesse.

- Eu sou o Afonso. – Afirmou um dos indivíduos de cabelo negro e barba curta.

- Eu sou o Toko. – Disse o possuidor de um cabelo arroxado.

- Shaman! – Exclamou o de cabelo alaranjado.

- Valmir aqui. – Este, que dos 4 anteriores parecia o mais normal com seus cabelos curtos, negros e sem barba.

- Marcelo aqui...

- Marcelo? – Questionou Lucka – eu sabia que havias desertado, mas ser um destes?

- O que é que te aconteceu, ó Marcelo Moreno? – Perguntou Hyoga. Por estranho que parecesse, Maycon e Gabriel não se admiraram.

- Eu sou o Bruno Maro... – Afirmou o que parecia ser o mais novo entre eles.

- E eu sou o Bruno Santos. – Afirmou por fim, um loiro.

- Dispersar! – Gritou Afonso para os restantes, que desataram a correr em todas as direções, forçando Nabas a

chamar por guardas que ainda os tentaram perseguir, mas sem sucesso.

Voltaram os soberanos ao castelo, onde se fecharam, enquanto novos carregamentos chegavam pelas traseiras. Permaneceram na sala de jantar a conversar enquanto a comida não chegava:

- Algum de vós tem informações sobre este grupo? – Perguntou Spy, que assim como Daniel já lá se encontravam.

- Não há razões para preocupações, são apenas um bando de revoltados que querem ganhar fama... – Interrompeu Loirinha.

- Não é bem assim também, foram capazes de entrar e sair sem ninguém se aperceber... – Refletiu Paco.

- Eu tenho informações! – Exclamou Magnet. – Há boatos que falam da criação de um grupo de salvadores do mundo que 'nos' vão livrar do domínio de reis e monarquias. É capaz de ser o mesmo.

- Também me chegara isso aos ouvidos... – Afirmou Max.

- Que crentes, meu Deus... – Comentou Lucka com Maycon.

- Vamos ignorar este ocorrido... Possivelmente já foram apanhados pelos guardas. - Afirmou Thi, ainda com alguma desconfiança na sua voz.

...

- Rafael, podes ir lá chama-los por favor? – Questionou em forma de pedido Thi. – Vamos finalmente dar início a isso, chama apenas os reis.

- Ok. Vais desejar mais alguma coisa? – Troçou Rafael, mas o seu amigo ignorou. Dirigiu-se para o dormitório o mais rápido que pôde, e para dentro gritou.

- Começaremos agora o nosso concílio, convoco apenas os reis para isto! – E um a um foram abandonando a sala e descendo as escadas até ao salão. Um clima de tensão instalou-se no ar após todos os reis tomarem os seus lugares. Thi fechou a porta e nem Rafael conseguiu entrar. No salão constavam precisamente 11 pessoas, os soberanos de cada reino e mais ninguém. Nenhuma alma viva se atreviu a proferir uma palavra que fosse, até Thi fazer uma introdução.

- Ora bem... Sejam bem-vindos ao primeiro conselho entre reis, convocando por nós, Rucrúcio. O primeiro assunto que aqui tenciono abordar é, como todos devem saber, a existência dos míticos dragões. – E fora interrompido por Magnet:

- Acho que nem deviam ser usados na guerra, tendo em conta que só alguns reinos os têm.

- São sempre armas... mas de fato não se torna tão justo. – Afirmou Spy.

- E quem controlaria se são usados ou não? – Perguntou Loirinha.

- Isso era o que ia falar agora, mas não me deixaram terminar... – Continuou o anfitrião. – Acho que está na altura de criarmos uma entidade regente da fé cristã que tanto está presente no nosso mundo de hoje.

- O quê? – Ouviu-se num canto do salão.

- Que absurdo! – Proferiram alguns em uníssono.

- Não julguem antecipadamente, deixem-no terminar. – Pediu na maior calmaria Atucky.

- Obrigado... – Agradeceu Thi, retomando o seu discurso. – Pensem comigo. Encontramo-nos na maior guerra da história. Temos os Demolidores a aterrorizarem mosteiros e vilas... As populações não se sentem mais seguras, e já nem procuram a igreja para as salvar, perderam a fé, portanto. A minha sugestão é de criar um novo reino, liderado não por um rei, mas por um papa. Um novo estado, que contará com o nosso apoio

militar e conselhos. Este papa, que organizará um contragolpe no meio desta guerra e reformar os fundamentos da nossa fé, voltando a atrair fiéis para fazê-los sentirem-se seguros nos nossos reinos. O que acham?

- E como nomeariamos tal pessoa? - Pôs em questão Max.

- E onde se situaria esse reino? Perguntou Shipps.

- Isso aí deixo a vosso critério para decidir... - E interrogando-o Paco, levantou-se:

- Eu canditato-me a papa. - E todo salão conheceu um enorme burburinho, que pressionou Paco, que não desistiu: - A Assfarc já não se consegue aguentar por si só, e gostava de organizar esse contragolpe... Aproveitariamos o território atual para transforma-lo nos estados papais.

- Sim! - Escutou-se por toda a sala, seguido de um silêncio quebrado por Thi:

- Produziremos um bastão ainda esta semana em ouro maciço. Peço-vos que passem a palavra aos vossos súbditos sobre esta eleição e novos poderes... Não vai ser fácil nem rápida esta implementação...

- Acho que consigo dar conta do recado. – Respondeu Paco a medo.

- Ora bem... Depois ajustaremos mais pormenores... - Afirmou Thi, sendo interrompido por Shipps, rei de Céciot:

- Ainda não chegamos a um consenso em relação aos Dragões... - E ecoou um silêncio pela sala, seguido de uns entre olhares suspeitos por parte dos reis. Atucky levantou-se e bateu com a mão na mesa, em alguma ira.

- Calma Bopénio! - Exclamou Max do outro lado daquela mesa em forma de U.

- Não posso ter calma numa hora destas. Concílios destes em clima de guerra não vão resolver nada!

- Eu concordo. - Disse Matheus, levantando-se também.

- É verdade, cada um vai lutar com as armas que tem, independemente do que aqui fique decidido - Complementou

Spy, levantando-se e juntando-se aos restantes reis. De súbito, quase todos os restantes tiveram o mesmo comportamento, instalando-se um burburinho enorme na sala, que acabou com um enorme estrondo numa das laterais do salão, de onde foi possível verificar um buraco no papel de parede, pelo qual começaram a sair dezenas e dezenas de ratos, grandes e pequenos. Os soberanos, naturalmente, colocaram-se em cima da mesa, e Loirinha em especial mostrava-se aterrorizada perante tal situação:

- O que é isto?! Tirem-me estes bichos daqui, façam-se homens?! Fora interrompida por uma visão de espadas grosseiras a perfurar a parede de cima, exatamente perpendiculares à mesa onde se encontravam os soberanos, atingindo alguns nos braços. Mas não se tratavam apenas de espadas a cair, e todo o teto ruiu, mas sem feridos graves e sem ninguém em cima. Correram para a porta que se encontrava trancada por fora, e teve de ser Maycon, o mais robusto, a abri-la com um encosto. A adrenalina subia, a tensão estava ao rubro, e os ratos não paravam de correr pela sala a chiar, o que os assustava mais ainda. Ao arrombar da porta, todos se apertaram para tentar sair o mais rápido possível, ecoando guinchos dos pequenos mamíferos ao serem esmagados pelos soberanos. Dois a dois, com muita dificuldade, conseguiram

sair para o hall de entrada, ficando em alerta a qualquer ameaça. Algumas coisas não batiam certo: além do ocorrido, nenhum dos soldados de cada rei se encontrava presente, e o palácio parecia algo desértico. Os roedores rápidamente se espalharam por todo o primeiro piso do castelo, e os soberanos reuniram-se em volta de Thi, sempre de armas em riste.

- Foi algum de vós a planejar isto? - Questionou o anfitrião, não se esquecendo de que ainda se encontravam em guerra. Não obteve resposta, tomando atitude. - Não podemos ficar aqui parados, vamos ver se algo se passa lá fora... - E ao abrir os portões depararam-se com o verdadeiro caos: Toda a cidade ardia e era possível ver alguns mercenários estrangeiros desconhecidos a lutar contra tropas locais. De imediato Thi virou-se para os seus companheiros da soberania dos reinos e delegou ordens:

- Vamos dividir-nos. Atucky, és o capitão do esquadrão que vai proteger a parte Este da cidade, leva o Matheus e o Daniel Jhimy contigo; Shipps, és o capitão do esquadrão que vai proteger a parte Oeste da cidade, leva contigo a Loirinha, Maykon e o Max; o ultimo esquadrão liderarei eu, que vasculhará este castelo, Magnet, Spy e Paco fiquem e venham comigo.

Este

- Matheus, Daniel, sigam-me camaradas! - Gritou Atucky enquanto corria para leste, sendo de imediato seguido pelos outros dois. Seguiram por entre as ruas, onde gritos ecoavam de dentro de algumas casas, correndo estes em auxílio destas gentes. Grupo a grupo perguntavam onde se encontravam os líderes dos invasores, mas ninguém o sabia concretamente. Foram de encontro a uma larga praça mais à frente, onde diversos grupos de homens lutavam, e também onde puderam observar dois cavaleiros negros, que ferozmente chacinavam qualquer um que se lhes atrevesse a enfrentar. Tratavam-se de Valmir e Shaman, que riam à medida que iam matando e empilhando corpos:

- Valmir, vamos profanar uns corpos de mulheres a seguir?

- Tu és doente Shaman, já te disse?

- Já ouvi muitas vezes... Ei, aqueles não são... Reis? – Perguntara Shaman, apontando para o grupo dos 3.

- É... É... - Respondeu Valmir, baixando o tom. é melhor fugirmos, formação Delta?

- Poder ser, mas ainda quero profanar umas moças...

-Para de ser doente! - E tapeou Shaman na cabeça, começando a correr por entre as casas em chamas, a ser seguido pelos 3 reis, que pouca armadura tinham, aumentando desta forma a sua velocidade face aos fugitivos, que mesmo assim eram super rápidos. Entraram por uma apotecaria junto às portas da cidade, deitando todos os químicos pelo chão, que resultou em náuseas nos soberanos, que se viram forçados a parar e a se afastar, deixando os dois cavaleiros negros escapar pelas montanhas gélidas de Rucrúcio

Oeste

- Loirinha, Maycon e Max, sigam-me! - Exclamou o sábio Shipps, enquanto corria pela avenida central até à parte ocidental da cidade. Iam ajudando pequenos grupos de combatentes contra os mercenários que se lhes opunham, quando Max viu uma seta passar-lhe à frente dos olhos e atingir um dos defensores rucrúcios exatamente na cabeça, caindo este imóvel. De imediato se refugiaram os quarto junto a

uma banca e procuraram escudos pelo chão, chovendo seta a seta para perto deles, até ouvirem uma voz provinda de um telhado.

- Não gastes as setas todas que ainda nos comprometes! - Exclamou Toko.

- Não quero saber, não esperaram por mim para fazer apresentações e agora queixam-se? Eu, Tiravéditos, não saio daqui sem matar pelo menos um deles! - Exclamou o cavaleiro negro.

- Vamos mas é fugir que isto está a ficar mau...

- E os outros Toko?

- Eles safam-se, agora para de gastar setas! - E ouviram os seus passos pelos telhados ainda no chão, decidindo correr atrás deles, mas pelo chão. Os cavaleiros negros corriam por grandes vigas entre os edifícios, e Loirinha, retirando a sua espada, atirou-a em direção ao fim da viga por onde corriam os invasores, mas falhou por centímetros, exclamando:

- Raios! - Ao avistarem ao fundo as muralhas, sabiam que não havia para onde os dois cavaleiros irem, rondando o último edifício por todos os lados.

Aguardaram... e não os viam nem ouviam qualquer ruído vindo de lá de cima.

- Fwuuu! - Assobiou Toko incrivelmente alto, o que fez Shipps e Maycon entrarem pelo edifício. Subiram os compartimentos. e, em baixo, avistaram ao longe dois cavalos negros a cavalgar na sua direção e, ao olharem para cima, avistaram os dois invasores a se atirarem do topo do edifício e caíram em cima dos cavalos em movimento, saíndo da cidade.

Castelo

Tornaram os quatro a adentrar na fortaleza, onde agora apenas se ouviam os ruídos da rua:

- Fecha as portas, não? - Perguntou Spy com toda a sua ousadia.

- Dopácio, modere as suas palavras, não? - Retrucou Magnet, com todo a sua avareza.

- Podes tratar-me por tu, Depêgo.

- Tudo bem. - e bufou Magnet, como que impaciente.

- Povo, vamos focar... – Apelou Paco.

- Para quem não consegue manter um reino, até falas demasiado - E soltou uma gargalhada Magnet, causando raiva em todos à volta, tentando Thi amenizar.

- Com calma senhores, não se esqueçam da tarefa que temos em mãos... Por favor... - E assim se calaram os restantes, seguindo-o até à porta, que fecharam, não ouvindo quase nada nas imediações:

- E agora? - Perguntou Paco com um pouco de receio

- Já com medo? Incrível! - Troçara novamente o Depêgo, mas Paco ignorara, e seguiram Thi até o fim do corredor, que ligava a umas escadas subterrâneas. Spy abriu o alçapão de espada em riste:

- Cuidado! - Exclamou Paco, causando uma má reação no Dopácio.

- O que é que queres? Queres ir tu à frente?!

- Isso é medo Spy? - Riu Magnet.

- Parem!!! - Exaltando-se Thi. - Parem com esta merda! Acham certo vocês, soberanos de tantos povos, estarem a ter atitudes destas? Vocês são os ídolos das crianças de hoje, e todas elas vos olham como verdadeiros mestres de todos os ofícios, verdadeiros sábios da ação... Não têm vergonha de estarem a

agir desta forma? Orgulhem os vossos povos que sofrem para que vocês cá estejam. - E fez-se um silêncio, seguido de um pedido de desculpas de cada um.

- Desculpem lá... - Pediu Magnet sinceramente.

- Foi mal, desculpem. - Disse Spy em seguida.

- Também me desculpo. - Pediu por fim Paco, abrindo Spy o alçapão e mergulhando pela escuridão somente possuindo consigo uma tocha. Tratava-se de um longo corredor com espaço para só um passar de cada vez, indo o Dopácio na frente, com a espada alongada ao comprido para não ter nenhum precalce. Passo a passo caminhavam, sempre a descer, sem ser audível qualquer ruído. Até que, ao fundo, começaram a ouvir alguns sons, que foram abafados por um grito:

- Calados!!! - E apressaram-se, sem fazer ruído, a descer até um compartimento com luz, onde estavam todos os auxiliares dos reis, vendados nos olhos e na boca e com os braços atados nas costas. A sala não era muito larga, e possuía apenas duas tochas nas laterais, que consumiam todo o oxigênio do compartimento. Haviam ainda duas saídas na frente, que ligavam a um salão com saída para fora das muralhas da cidade, para o norte, nas gélidas montanhas cobertas de neve. Thi e Paco soltavam cada um dos presos, enquanto Spy e Magnet

procuravam os invasores, que quando abriram as portas, os foram avistar já a descer para o vale de uma montanha a cavalo. Eram 5 cavaleiros negros.

...

- Senhores, declaro esta conferência encerrada. Até mais, segue guerra! - Anunciou Thi e lentamente se observaram os pequenos grupos com os seus soberanos a se dispersarem.

O grupo de Recécio comentava entre si o ocorrido:

- O que ficou decidido, Maycon? - Perguntara Hyoga.

- Nada de muito relevante, só a passagem do estado da Assfarc para um estado católico papal responsável por organizar o catolicismo pelo mundo. E a vós o que vos aconteceu?

- Foi muito estranho. - Respondera Mateus. - Quando ouvimos todos aqueles ruídos no andar de cima, levantamos todos as espadas e do nada todo o chão levantou, tratando-se de uma rede que nos apanhou a todos de surpresa, e deixamos cair as armas... Parecera tudo muito planejado com antecedência...

- Achas que o Thi e o Rafael podiam estar envolvidos? - Questionou Lucka.

- É capaz, não sabemos... - Interrompeu Hyoga. - Mas Maycon, que investidas tencionas agora fazer? - Questão esta que deixou Maycon super pensativo:

- Ainda terei de pensar direito nisso.

- Queres uma sugestão?

- Diz, Hyoga.

- Podíamos dividir os pelotões e atacar em várias frentes ao mesmo tempo, subdividindo para a família real o mapa no norte e no sul.

- Vamos ver... Se o meu pensamento estiver correto, a guerra vai sofrer agora uma fase de reorganização e pausa. Vou tentar reunir com a GAOH e os aliados o quanto antes.

- Já tens convocação? - Perguntou Lucka.

- Mais ou menos.

- Como assim?

- Não foi bem uma convocação, mas sim um apelo a que nos procurássemos reunir entre aliados... E saliento que perdemos um reino aliado, a Assfarc.

Mais adiante avistaram um vigiante a cavalo que aguardava pela aproximação do grupo, e preparam as suas armas.. Mas com uma visão mais ampla e alarmada, Maycon reconheceu Paulo, o Oculto, que lhe sorria ao longe:

- Baixemos as armas, é o Paulo... - E assim o fizeram os 4, sem hesitar. À medida que se aproximaram, o sujeito dirigiu-se a Maycon, e não estava com boa cara:

- Maycon, meu querido! Ah - Reparando nos restantes. - Olá Lucka, Gabriel, e o resto... - Troçou. - Tenho umas novidades não muito agradáveis para ti meu amigo...

- Oh! - Exclamou o rei, já estava à espera de más notícias. - Diz lá.

- Sabes quem é o Coraggio?

- Não, eu não conheço essas personalidades do teu tempo.

- Eu sei quem é. - Proferiu Gabriel, solenemente. - Ele foi o criador de uma organização antiga, a PMU, que se encontra desativada.

- Precisamente, jovem! - Continuou Paulo. - O Coraggio e a sua força de elite mercenária andam pelos territórios do sul em busca de minas, e chegou me a informação de que encontraram várias minas de ouro, prata e algumas de diamante.

- Ou seja... – Fomentou Hyoga

- Estão a produzir muitas espadas e armamento com estes metais para aliados da GOPH ou até a vendê-los e a enriquecer com isso. Fala com o Arthur, ele achou uma boa ideia fazer uma investida a estas minas de modo a termos o seu monopólio. O que achas? – Fizeram todos um olhar suspeito, e Lucka perguntou:

- E o que ganhas tu a ajudar as forças aliadas nisso?

- Eu só quero 15% dos lucros de vendas dessa mina.

- Ok Paulo! Já percebi tudo, pensou. – Tentando o rei despachá-lo. - Vamos embora.

- Pensa bem, não perdes nada... – E cavalgou na direção oposta.

- Este homem não muda... Comentou o vice-rei, decepcionado.

Mais à frente, cavalgavam na dianteira Maycon e Hyoga, lado a lado:

- Hyoga.

- Sim?

- Posso perguntar-te algo?

- Claro, Maycon...

- Já te conheço à bastante tempo, principalmente de companhas militares, mas permites-me que te questione sobre teu passado? Pareces ter algo escondido que te incomoda.

- Hum... Bem... Eu nasci numa aldeia próxima de Céciot, e o meu pai era um cavaleiro desse reino... – Tinha eu 3 irmãos, e um dia, quando tínhamos 12 anos o meu pai... – E bloqueara.

- Hyoga? Acorda! O que se passou?

- Uma vez a minha mãe mandou-me sair de casa para comprar umas coisas, e quando voltei para casa, vi o meu pai matar toda a minha família, e espetei-lhe uma faca no pescoço sem ele aparecer, e morreu, claro...

- E essa cicatriz que tens na cara, advém desse dia? – Perguntou o rei, olhando para o rosto do amigo.

- Ah, isto, não, foi de uma vez que enfrentei um bobo. – E riu-se. Foram interrompidos por Gabriel, que deu o aviso de que iria partir para um compromisso, e desviou-se da rota original.

...

- Encontraram Gabriel na cave gélida que ligava a um palácio subterrâneo e teve a impressão de já ter estado ali. À medida que descia, pôde observar ao fundo aquela mítica biblioteca onde passara meses de sua vida preso, e pensara para si mesmo:

- Já me esquecia, foi aqui... – Atravesaram toda a biblioteca que ligava a um salão negro, apenas iluminado por velas, onde se erguiam em círculo 10 pódios em prata, onde encontravam os restantes 9 membros dos cavaleiros negros, que saudavam Gabriel. Ao alinhar-se no pódio, Toko começou a falar:

- Meus amigos, temos vários contratos mercenários pela frente.

- Cinco, para ser mais preciso. - Complementou Afonso.

- Obrigado. - Agradeceu Toko num tom de ironia. - Por isso, a partir de agora, organizaremo-nos em duplas, executando claro, grandes missões.

- O primeiro contrato. – Interrompeu Valmir. - Foi pedido pela GOPH, e trata-se de um assassinato de um dos grandes oficiais da GAOH, e a dupla encarregue será eu, Valmir, e o Shaman.

- O Segundo foi requisitado pela Assfarc, agora estados papais, de assassinar Paulo, o Oculto, e estarei encarregue eu, Afonso, e o Kanarinho.

- O Terceiro... – Iniciou o discurso Gabriel. - Foi requisitado pelo Magnet, da Depêga, com o objetivo de assassinar a Dezakf, antiga raínha de Rucrúcio e prima do Nabas, e irei eu e o Marcelo.

- O Quarto foi pedido pela GAOH e é de aniquilar as forças do Coraggio das novas minas do sul, e irei eu, Toko, e o Tiravéditos.

- E o quinto – interpolou Bruno Santos. – Foi requerido pela Dopácia, com o objetivo de matar o rei de Recécio, o Rei Gaar, e irei eu e o Bruno Maro. – E Gabriel riu-se.

- A sério que o Spy foi pedir isso?

- Não coloques o pessoal aqui no meio parceiro... Disse-lhe Marcelo com um sorriso rasgado.

- Jamais... – Continuou Gabriel, agora dispersêmo-nos.

- Esperem! – Exclamou Tiraveditos. – Atacamos o que houver pelo caminho?

- Como assim? – Questionou Valmir.

- Tipo... Cidades, vilas, aldeias etc...

- Uns cadáveres de mulheres... – Interrompeu Shaman.

- Para de ser doente! – E bateu-lhe Valmir na cabeça. – Claro que sim, desde que, implique ter um poder absoluto no que toca a esses territórios, atacamos. E dispersaram-se pelo esconderijo, saindo depois com as suas duplas.

...

- Estou a ver alguém... Castilho, acorda! – Exclamou Igor Lima.

- Hum? – Retrucou o amigo, sonolento. – Deixa-me dormir!

- Olha! – E empurrou-o com o braço. – Eles voltaram do concílio!

- O quê?! - E levantara o tronco o jovem Castilho, surpreendido, mas fora interrompido por alguém atrás de si:

- Acordam cedo rapazes... - Disse Regina Monte, condessa, com o seu lindo cabelo ruivo a esvoaçar na frente do seu pálido rosto com feições definidas. Ambos se viraram a contemplar a beleza da condessa e os seus olhos cor de avelã. - Ficaram mudos? Manifestam-se, vá. - Mas continuaram ambos boquiabertos com a sua beleza, até virem alguém chegar por detrás da moça:

- Eu estou-vos a ver, seus gordos... - Disse o homem, que se tratava do namorado de Regina, o conde Sean, igualmente com o seu cabelo ruivo a pairar ao vento. Eram ambos tão jovens e tão semelhantes que à primeira vista pareciam irmãos.

- O quê Sean? - Questionou Castilho. - Não sei do que falas... - E riram-se os quatro, até chegarem os nobres que acompanharam o rei, e o rei:

- Bons dias... Viram o Andrey por aqui? - Perguntara Lucka.

- Sim senhores! - Respondera Regina. - Está na tenda principal a descansar. - E para lá se dirigiram Maycon e seu irmão, com pressa. Ao adentrarem, deparam-se logo com Andrey estendido no chão, a ressonar, e acordaram-no:

- Andrey, Levanta-te! Tu e o teu pelotão vão avançar!

- Maycon?... Lucka?... O quê? Já?

- Sim, vou explicar-te o plano, anda. –E estendendo um mapa na mesa, começaram a explicar ao irmão: - Vais avançar até o grande planalto do sul e conquistar aquelas minas de ouro, prata, e pedras preciosas que estão a ser vigiadas pelo grupo de mercenários do Coraggio...

- Ah, devem ser poucos, tarefa fácil.

- Cuidado, - Interrompeu Lucka. – Tratam-se de uma autêntica elite, não são para brincadeira. – E continuara Maycon.

- Ok... Terás de estudar muito bem o terreno, e com muito cuidado. Podes escolher alguns nobres para levares contigo. Ah, por falar nisso, o Sec e o seu dragão?

- Sei lá, acho que foi ajudar os pescadores nas suas atividades pescatórias com ele.

- Hm, tudo bem. Pensa rápido em quem vais escolher, têm de partir daqui hoje!

- Está bem, vou levar o meu filho Izaac, o Dudu, o Hyoga e o Igor Patric, aquele novo.

- Não achas que é pouco? – Pergunta Lucka, preocupado.

- Pronto, levo também o Sean.

- Está decidido.

Sec,na verdade, deixara o seu dragão se divertir debaixo de agua e fora à casa de Diana, no entanto a mesma não se encontrava lá. Aproximou-se do interior da floresta e pôde vê-la a colher maçãs, toda alegre e contente. Obserserva-a enquanto enquanto se escondia atrás de um enorme carvalho.

- Que linda... – Pensava para si.

- Ei! Eeeiii!! – Gritara Diana. – Sec?! - E largaram ambos os objetos que carregavam de modo a correrem um para o outro e se abraçarem longamente... – Eu sei que é estranho, mas senti tantas saudades tuas! - E Sec quase chorava, mas não a largou. - Terrível... Não fomos atacados em nosso território ainda, mais muita gente tem morrido, inclusivamente o meu tio... – E ali refletira para si mesmo: - Será que é isto a que chamam de amor verdadeiro? – E lembrara-se de umas palavras que o seu falecido tio Baioco lhe havia dito:

- Na tua vida tudo será negro desde o princípio até ao fim. E sabes, por muitas vezes vais achar que nada vale a pena, e que nenhuma pessoa vale alguma coisa. Vais desesperar num recanto em solidão. Verás tudo à tua volta a cair e a tua esperança de que algo mude também se vai desvanecer. Mas é

aí que alguém entra na tua vida e te marca para sempre de uma forma tal que nunca mais te vais querer envolver com mais alguém. E... - Suspirara. – Queixamo-nos que o amor só dói e nos trás infelicidade, mas é precisamente o contrário; é o amor que faz valer toda a dor e sofrimento pelo qual passamos em busca desse sentimento. Quando amares verdadeiramente alguém, nunca, mas nunca vais hesitar em demonstrá-lo, e nunca a dúvida para com isso estará presente, porque essa pessoa tornará um mundo catastrófico num paraíso cintilante, por isso onde há dúvida, não há amor... - E vertera uma lágrima ao recordar-se do tio, que não passara despercebida por Diana:

- Oh... Para com isso se não eu choro também... - E, afastando-lhe os ombros, deu-lhe um beijo, que Sec não esperava de jeito algum. Sentaram-se então, a conversar:

- Então...

- A guerra como está a correr? – E Sec encarara um ar pesaroso.

- Terrível. Não fomos atacados no nosso território ainda, mas muita gente tem morrido.

...

- Chegamos à primeira Andrey? – Perguntara Hyoga.

- Não... Temos de descer o planalto para seguirmos os caminhos dos cursos de água.

- É estranho isto. Não vemos absolutamente ninguém por aqui... – Disse Sean – Mas está uma atmosfera de suspense no ar...

- Também... Estamos no meio do nada e nos confins do mundo... – Respondera Izaac, confiante. - O planalto era muito vasto e cheio de vegetação rasa. Uma neblina suave pairava no ar, e o sol escondia-se por detrás de densas núvens. Começara a chover, e apressaram-se a encontrar a descida para a entrada do caminho:

- É já ali! – Exclamou Igor Patric. – E puderam averiguar um curso de água com caminho, que percorria toda a falésia pelo vale. Só cabia um homem de cada vez, e organizaram-se de modo à liderança ir na frente. Escutavam sons da natureza vindos da floresta tropical no fundo da falésia, especialmente de cacarejo de pássaros, passo a passo, e ao som de correr da água tranquilamente. Andrey liderava, ligeiramente agaixado. Avistavam ao longe uma curva na montanha, e não sabiam o que havia depois disto tendo em conta que a falésia dava a volta à esquerda, onde tinham total visibilidade sobre o trilho. De

súbito ouviram um enorme estrondo vindo de cima, do planalto, e uma enorme pedra arredondada caia à sua frente, quase acertando em alguns homens. A pouco e pouco, muito mais pedras selhemantes caíram sobre eles. Andrey tentava

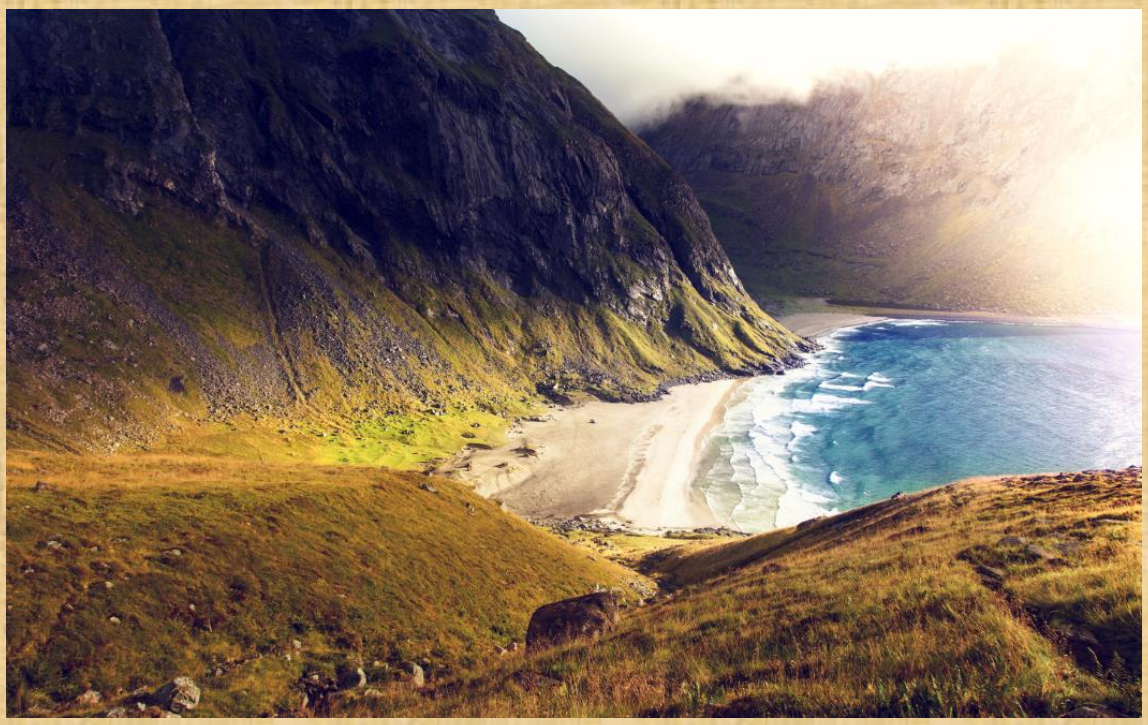
refugiar-se debaixo das rochas montanhosas, até que estas pararam de cair. Espreitou para cima, de modo a dar uma indicação às tropas, e sem poder reagir fora atingido por uma enorme pedra vinda de cima que o derrubou do trilho, falésia abaixo, morrendo instantâneamente. Izaac, ao ver o corpo do pai a cair ao vale entrou em pânico:

- Pai!!! Não!!! – E começara num choro insano. Hyoga tomou a dianteira e ordenara às tropas uma retirada para o planalto, onde lutariam contra os "atiradores". Recuavam aos poucos, alguns em pânico enquanto ainda choviam pedras gigantes. No entanto, Izaac não quis recuar, e continuara em frente a chorar e a gritar pelo pai. Sean, que estava atrás deste, não o deixara ir sozinho, e correra atrás de Izaac, enquanto o restante das tropas recuava. Após a curva na montanha, avistaram um trilho ao fundo, que descia pela falésia abaixo, a qual seguiram numa correria desesperada, e entretanto a chuva de pedras parara. Igor Patric, Hyoga e Dudu lideravam as tropas restantes em direção ao planalto, já sem os outros dois em vista. Izaac corria incansávelmente floresta a dentro e vale abaixo, onde se contavam as inúmeras pedras que anteriormente haviam caído, e debaixo de uma delas constava o seu pai, com a cabeça esmagada. Em pânico e num último esforço empurrava a pedra, que não se movera de todo. Sentara-se ao lado do

corpo do pai, num ato de desespero. Sean observava-o, e teve pena, mas nada poderia fazer naquele momento. O corpo de Andrey jorrava sangue por toda a parte e a sua espada mantinha-se junta ao cadáver, a qual Izaac pegara e trocara-a pela sua, em honra do progenitor. Levantara-se e caminhara, não para junto das tropas, mas vale a dentro:

- Onde vais?! Izaac?!

- Temos uma missão. – E continuara a caminhar, indo Sean atrás deste, e correram pelo interior da floresta e por entre o vale até avistarem o mar ao longe, o que os fez serem ainda mais rápidos. Ao fim do árvoredo avistaram um pequeno porto de pedra mais abaixo, que era banhado por ondas serenas, num mar calmo e tranquilo que era atingido pelo sol, que agora brilhava nos céus, sem nuvens. Um pouco ao lado encontrava-se uma casa de pequenas dimensões, que parecia abandonada há algum tempo. Sentaram-se no porto a olhar o mar e as altas



montanhas que se escarpavam na encosta, das quais em algumas não se via bem o cume, de tão altas que eram. Nenhum deles se atreveu a quebrar a silêncio, até porque o à vontade entre eles não era muito grande. Izaac não parava de pensar no que acontecia com o pai.

...

- Filho? - Perguntava Andrey.

- O que foi? – Respondera Izaac.

- Vou ensinar-te algo. Chegou-me aos ouvidos, e eu próprio já a sabia, que gostas de agir sozinho e não queres muito saber dos outros. Eu sei que tens muito talento, e sei que podes não querer ouvir isto. Mas um dia irás perceber que somos meramente seres temporários que aqui estão para proteger o reino acima de tudo. – Suspirara. - Irás perceber que os teus companheiros lutam todos por esta causa, e seriam capazes de dar a vida uns pelos outros. É assim, a amizade garante-nos um comforto de dois caminhos separados que se unem para proteger algo, é isso que nos torna imune a dificuldades; a vontade da proteção de algo precioso. - Refletia sobre estas palavras do pai enquanto olhava de canto para Sean, que

olhava tranquilamente o mar, consideraria-o um verdadeiro companheiro? Afinal, não o deixou ir sozinho e fora com ele, sabendo da possibilidade de ser atingido por pedras que o levaria à morte instantânea.

- Ei, estás bem? – Perguntara o companheiro.

- Acho que sim, mas talvez não. Eu vou vingar isto. – Mas quando olhava para Sean, este estava já a entrar na casota abandonada, e levantou-se para o seguir. Ao entrarem, depararam-se logo com várias teias de aranha enormes, e um grande baú num canto da sala. Como seria esperado, a curiosidade falava mais alto, e abriram o baú com algum cuidado; contendo estes apenas um papiro, escrito numa língua desconhecida, o qual não deram importância. Por uma janela, puderam observar ao fundo, junto ao início do vale, algumas roupas que se ajustavam à figura humana, e para lá se dirigiram. O corpo havia ficado sem ossos, algo totalmente nojento e grosseiro. Parecia de certa forma que teria sido atingido por algo corrosivo em toda a sua superfície, e decidiram por fim não mirar mais.

No planalto, Hyoga e Igor Patric lideravam as tropas numa corrida intensa, rampa acima, em busca de quem tivesse arrastado as enormes pedras, mas nada encontraram, e estranharam uma vez mais.

...

- Izaac! – Gritara Lucka, acompanhado de Maycon e Gabriel.

- Onde está o Andrey? – Perguntou Gabriel com um ar sério.

- Bem... - Respondera com um suspiro Izaac. – O meu pai foi... – E desmanchou-se em lágrimas, colocando-lhe Hyoga a mão no ombro em apoio.

- Sabem contra quem lutaram? – Questionou friamente e novamente o seu tio, enquanto o rei e o vice-rei se continham de modo a não chorarem.

- Não lutamos... – Interrompera Sean - Atiraram-nos com pedras gigantes quando quase chegávamos ao objetivo...

- E assaltaram a mina?

- Não senhor Gabriel, após a queda e morte do senhor Andrey voltamos para cá.

- O quê?! – Reagiu o Duque enraivecido – Vocês esqueceram-se de tudo o que vos foi ensinado? Nunca, mas nunca abandonem uma missão, seja a que custo for!

Entendido?! – E sem ouvir resposta tornou a entrar na tenda principal, possesso. Ficou surpreso por um escudeiro que lhe trazia uma notícia :

- Senhor, um batedor trouxe-nos uma notícia de que temos um ataque iminente, composto pela força de cavalaria leve de Céciot.

- Como te chamas?

- Ricox, senhor.

- Vais liderar uma pequena tropa de cavalaria e arqueiros, estás promovido a Barão. Daqui a meia hora partes para a batalha, leva alguém contigo da nobreza.

- Não tenho palavras senhor, obrigado. – E com pressa, Ricox dirigiu-se a Sochoski, que chorava num canto ao pé das tendas principais:

- Ei... Queres ir comigo liderar uma batalha?

- Não estou em condições.. Respondeu em choro. E o jovem Barão foi até Carlosvin que se encontrava ali perto:

- Ei...

- Diga, soldado. – Respondeu, mas assim que viu o seu traje de cor azul escura, nomeadamente a capa, os corsários e a parte de cima, tornou a falar : - Promovido?

- Parece que sim, mas isto é urgente. Temos um ataque iminente.

- De quem?

- Da Céciot.

- Correm boatos de que têm uma organização de combate excelente em campo aberto.

- Também já ouvi os rumores...

- Mas queres que te acompanhe na liderança?

- Como sabes que sou eu o líder? – Questionou incrédulo Ricox.

- É o que acontece sempre que te tornas nobre, lideras uma pequena força numa missão.

- Estou a ver... Mas sim, queria que me acompanhasses.

- Vamos lá então, acho que vamos precisar de mais um...

- Quem levaremos?

- Isso é contigo e já agora, qual é o teu nome?

- Ricox, quanto ao teu eu já sei.

- Olha, sugiro a Regina Monte. – Afirmou Carlosvin.

- A mulher do Sean?

- Sim, ela ainda não teve qualquer missão este ano.

- Pode ser, mas onde está ela?

- Deve ter ido ver o namorado, que só voltou da missão dele agora, devem estar junto da tenda principal.

- Vamos lá Carlos.

- Carlosvin, por favor.

- Sim, está bem, vamos. - E dirigiram-se à tenda principal, onde o ambiente estava péssimo: quase todos choravam pela morte de Andrey, e Carlos sussurrou para Ricox:

- O que é que aconteceu, sabes?

- Vou perguntar. – E virando-se para o grupo onde se encontrava até o Rei, perguntou:

- Por que é que estão todos tristes? – E num relâmpago, Sec puxou-o para a lateral da tenda onde também se encontrava Dudu e exclamou:

- O meu tio Andrey morreu!

- Não deverias ter perguntado desta forma, idiota! – Proferiu Dudu, que tinha acabado de acordar e ainda se encontrava com os olhos semicerrados.

- Pronto, pronto, peço desculpas mas preciso falar com Regina Monte.

- Eu chamo-a, entrem na tenda principal. – Respondera Sec enquanto se levantava. Aguardaram uns momentos no interior, até que a belíssima Regina entrou, com os seus longos cabelos ruivos.

- Porque me chamaram?

- Para ingressares numa missão connosco. – Explicou Ricox. - Temos um ataque iminente da Céciot.

- Posso ir... – E foram surpreendidos por um grito de fora da tenda vindo de Vitor.

- Skaars? - Abriram a cortinada e realmente se tratava do desaparecido comandante, que cambaleava agarrado ao ombro, cheio de sangue. Foi segurado por Rafac, que também se encontrava fora da tenda e que o sentou, chamando a unidade médica.

- O que se passou?

- Não sei. – E tossiu algumas vezes. – Fiquei cativo numa cave durante algum tempo mas consegui escapar. Ainda me perseguiram... Mas tenho uma novidade importantíssima. – E todos se aproximaram para ouvir. – As forças aliadas da

GOPH vão juntar o exército de todas elas perto do lago central para atacarem a Deásp e conquistarem todos os nossos reinos, um por um. – Maycon ficara pensativo por um momento, mas fora Gabriel a falar:

- Talvez estejam a preparar alguma espécie de batalha final... E quando afirmo final, é mesmo final.

- Lucka. - Chamara o Rei. – Prepara mensageiros e envia uma carta à GAOH e aos nossos aliados urgentemente!

- Sim, já ia fazer isso...

- Então a notícia do ataque iminente da Céciot é falsa? – Perguntara Ricox.

- Provavelmente era apenas para nos distrair disto. – Respondeu Maycon. – Preparem todas as tropas. Repito, todas! Só quero alguns guardas nas cidades, e mais nada! Sec, meu filho, traz o dragão, vai ser muito importante. Partiremos em dois dias! – E Sec, com a maior das pressas, pegara no seu cavalo e fora em direção à floresta onde vira Diana. Hyoga, chegando ao local e já ouvindo algo ao longe, sussurrou com o Rei:

- Tens noção de que se fizermos isto provavelmente metade do nosso exército morrerá, certo? Incluindo quem aqui está.

- Eu sei disso, mas isto acabará com a guerra, seja qual for o desfecho da batalha...

- Até podes ter razão, mas a que custo?

- Hyoga... Depois falaremos melhor. Passem a mensagem! – Exclamou.

...

- Diana! – E ouvira passos dirigirem-se a porta. Ao abrir, pôde ver uma mulher que não era a mãe dele, e que o reconheceu.

- Secódio?

- Como sabe o meu nome?

- Bem... – e riu-se a mulher. – Eu sou a tua tia Elizabete, ou era... – E Sec agarrou-a pelo colarinho, encostando-a na parede.

- Tu não prestas! – Gritou. – Sabes o que é que aconteceu?! O teu 'marido', o meu tio Douglas, morreu durante a guerra! E sem sequer poder reconhecer o seu filho! Tu não sabes como o desapontaste! – E largou-a. Elizabete, normalizando a respiração, respondeu:

- Eu não tinha outra escolha... Há alguém no teu meio que é de uma maldade extrema e que me fez desaparecer, se não matava o meu filho quando nascesse.

De súbito, apareceram diante da casa Diana e uma velhota que Sec reconheceu.

- Mas... Você é a avó do Luan!

- E minha mãe... – Complementou a ex-mulher de Baioco. Sec ficara em choque.

- Isso quer dizer que...

- Sim, o Luan é mesmo filho do Douglas. – E o mundo de Sec caiu-lhe aos pés:

- E ele morreu sem o saber... No entanto considerou-o como um filho real e de sangue, o também me deu encargo de o proteger, não creio. – E Diana, aproximando-se deste, abraçou-o, e ao ouvido lhe disse:

- Já tinha saudades tuas. – Sec, ainda em choque, deu apenas o seu recado:

- Vou partir para a batalha final da guerra. É provável que não volte...

- Voltas sim. – Respondeu a moça com confiança no olhar. O príncipe, sem a sequer abraçar, voltou para o cavalo, o que a deixou um pouco ressentida.

...

- Pessoal, o que falta? – Questionara o Rei.

- Apenas o príncipe Sec e o seu dragão, majestade.

- Então já podemos ir andando. – Respondeu. – Vamos juntar-nos com a Pegaéss na fronteira de modo a irmos juntos. – Estavam todos lá presentes e receosos da batalha, desde Castilho a Mateus, e de Lucka a Hyoga. Até mesmo Mayra, que nunca parava de chorar devido à morte do marido, lá estava.

Na aproximação da fronteira avistaram o gigantesco dragão de Sabrina, Categis, o dragão dos ventos. Maycon juntara-se com Daniel Jhimy, o rei da Pegaéss, na dianteira. Logo atrás seguiam Lucka e Gabrilondo, os vice-reis, e ainda mais atrás, Gabriel e Xarn, ambos das duas realezas, e mais sinistros. Os reis conversavam na frente:

- Isto trata-se de um tudo ou nada Daniel, é um risco enorme mas...

- Vai ser o fim... E não sei como vou conseguir motivar as tropas, sendo que elas mesmas sabem do seu possível desfecho...

- Vou tentar algo, mas terá de ser mesmo antes da batalha. – Mais atrás, os vice-reis discutiam o assunto:

- Tenho a leve impressão que vamos perder no fim... Não achas Gabri?

- Se isso acontecer, o mais provável é que Rucrúcio estabeleça um império, anexando as nossas terras.

- E isso acabaria por despoletar desavenças entre eles... E permaneceram ambos pensativos. Sec acabara por apanhá-los, em cima do seu dragão e lado a lado com Sabrina.

...

Valmir e Shaman chegavam a Rucrúcio, a substituir Gabriel e Marcelo, que no caso de Gabriel, estaria ocupado na guerra. Não pareciam haver quaisquer guardas, e entraram na capital pelas portas principais, em separado. Colocaram o seu capacete negro, e com uma tocha começaram a incendiar uma e outra casa, e o fogo rápidamente se propagou. Após o

caos se instalar, cada um deles começara a chacinar tudo o que se mexia à sua frente:

- Não me mate por favor senhor, eu tenho família! – Suplicara em aflição um cidadão pelo qual Shaman agarrava pelo pescoço. Levantara-o mais ainda no ar, enquanto se mantinha no cavalo, asfixiando o pobre homem. No final, arremessou-o para o fogo, sem piedade. Continuaram a caminhar pelas ruas fora a eliminar qualquer alma viva que se lhes aparecesse, e as suas espadas já até se encontravam encarnadas de tanto sangue que derramaram. A princípio ecoavam gritos de horror e de socorro, mas a dupla perseguiu cada voz que ouvia, e matavam, matavam absolutamente tudo, até mais nada ser audível, sem contar com o ruído das chamas, claro. O seu ponto de encontro era o castelo central, onde fácilmente arrombaram a porta e mataram quem se encontrava no primeiro piso. Ao ascenderem a escadaria para o segundo piso foram surpresos por um homem e uma mulher, com armaduras e espadas, que se lhes afrontaram:

- Hehe, olha Valmir, estes acham que nos fazem frente.

- Shaman, eu não os subestimaria, é a Dezakf e o Rodrigo Euka, anteriores Rainha e vice-rei.

- Ah, são estes então... - E lambeu os lábios pervertidamente Shaman. – Vão dar uma boa recompensa aquelas cabeças, hehe. – E correram em direção a estes, atirando uma pequena adaga pelo ar cada um, às quais se esquivaram os Rucrúcios, que atacaram primeiro. Desferiram um golpe frontal ambos, mas foram surpreendidos. Valmir, largando a sua espada, agarrou os golpes com a sua mão metálica da armadura e arrancou-lhes a espada. Shaman, aproveitando-se da situação, e com um golpe lateralizado super ágil, cortou a cabeça a ambos, caíndo os seus corpos no chão, imóveis, mas a jorrar sangue pelo pescoço.

- Mais um trabalho bem executado, hehe. – Murmurou Shaman ainda com a espada no ar.

- Podemos deixar as cabeças aí por enquanto, vamos ao cofre. – E em rapidez adentraram no quarto do qual os antigos regentes haviam saído e claro, encontraram um baú cheio de ouro e jóias, os quais amontoaram numa saca, juntamente com as cabeças.

- Vamos embora, finalmente. Despacha-te Shaman!

...

Do outro lado, Toko e Tíravéditos, pela planície desértica, entraram pela capital da Dopácia, e assim como os seus companheiros, queimaram e chacinaram tudo o que viram à frente. Roubaram vários quilates em ouro e outras pedras preciosas.

...

- O ponto de encontro com os aliados é já ali à frente. – Afirmou Maycon.

- Não estamos demasiado perto deles? Dos inimigos? – Perguntara Daniel, receoso.

- É o fim dos fins, não é? – E riu-se irónicamente. A posição do seu encontro ficava antes do grande círculo montanhoso do lago: tratava-se de um afloramento montanhoso e lítico que continha uma gigantesca planície no centro. O ponto de encontro inimigo era do outro lado das montanhas, e avistava-se alguns vultos no céu ao longe, que se tratavam dos dragões aliados da GOPH. As forças da Bopénia e da Deásp já se encontravam no ponto de encontro, e eram milhares e milhares...

Maycon e Daniel dirigiram-se a Atucky e Matheus, cujos rostos não estavam muito positivos. Com eles, Arthur da GAOH instruía as suas tropas a algumas situações. Os soberanos juntavam-se, e os respectivos dragões cheiraram-se nos ares mutuamente. A tensão e o nervoso cresciam: avistavam-se gotas de suor na testa de cada um, e muitos desses rezavam aos seus deuses enquanto fieis, e oravam pelas tropas. Atucky engoliu a seco:

- Estás nervoso homem? – Troçara Maycon.

- Tu não? Quando vinhamos da Bopénia muitos homens desmaiaram com receio da morte...

- Vamos ter de os motivar, e isso não vai ser uma tarefa nada fácil. – Acrescentara Matheus.

- Um minuto, eu vou tentar. – E ainda montado no seu cavalo, o rei de Recécio atravessara as tropas até um pequeno monte de terra que se sobressaia. Nem precisou de pedir silêncio, a multidão já nem falava entre si, devido à situação.

- Povo! – Gritara. – Sei que não sou muito bom com palavras mas custa-me ver-vos desta forma! É verdade que não somos mais do que meras marionetas nas mãos do destino, mas é a nossa obrigação de quebrar essas leis. – E fez uma pausa. – Hoje... hoje é o dia. o dia em que exalamos os nossos medos!

O dia em que provamos que ninguém pode ditar o nosso destino! E a morte? Esta não temo porque hoje lutamos com honra! Não pude estar com meus pais depois da infância, mas farei de tudo para os orgulhar nesta hora. Nós somos os protetores do futuro e estamos aqui, não por os odiarmos, mas por querermos proteger o que temos atrás das costas! Esta é a nossa fibra e o que nos une aqui hoje, e não perderemos. Somos um e um só, e faremos os deuses temer-nos hoje! – Um sorriso rasgou-se no rosto de milhares que ali se encontravam. – Porque não podemos tentar mais uma vez? É pedir demasiado? Têm medo do que possa vir a seguir?! Onde está a garra que vi crescer nestes corações e que me inspirou a permanecer aqui até hoje?! Eu não passava de um mero artesão e agora estou aqui a liderar milhares de almas à batalha, e tenho orgulho em vós, por estarem aqui, e isso ninguém me tira! Vamos lá povo! Esta é a nossa guerra! Estão comigo?! – E um grito de guerra gigante ecoou pela multidão, que rejubilava com as palavras de Maycon. Sec sorria ao conhecer essa faceta que desconhecia do pai:

- Então, ficaste impressionado? – Perguntava Sabrina. E rira irónicamente, tentando esconder o seu medo.

- Por acaso até sim... – E as tropas iniciaram marcha por entre o vale, que separava o campo de batalha e o resto que estava

fora. Aos milhares entravam e quase se atropelavam uns aos outros. Os céus escureceram e leves trovões se ouviam ao longe. Os soldados rezavam aos deuses e os líderes esperavam o melhor. Conseguiram avistar as tropas aliadas da GOPH a entrarem no vale, do outro lado, e correrem para a planície. O dragão de Sec, ao seu comando, lançou um potente jato de água para o lado inimigo, criando-se um grande lago para ver se algum relâmpago lá caia. Júnior, por sua vez, teve uma ideia melhor, mas aguardaria a entrada dos dois exércitos, que já se encontravam quase completos. Após alguns minutos foi avistado um sinal de fogo dos inimigos, simbolizando um ataque. Um gigantesco grito de guerra foi ouvido por toda parte e os guerreiros de ambos os lados corriam pela planície. De trás, Josiel ordenava ao seu dragão que lançásse bolas de fogo, não para baixo, mas contra os outros dragões. Matheus e o seu dragão foram atingidos numa asa, e caíram junto das montanhas do lado aliado, ficando assim 3 para 3. Ruídos metálicos se ouviam em toda parte, misturado com gritos moribundos de auxílio. Maycon e os outros líderes que iam na frente foram rápidamente esmagados pela encruzilhada de tropas que se ajuntaram, tentando salvar-se por entre as pernas e os corpos moribundos que iam caindo um a um. Sec, que estava no ar, foi surpreso por uma manobra um pouco caricata por toda parte do dragão de fogo do Josiel e do de

Well; o primeiro abriu as mandíbulas de tal forma que mordeu a base de uma das montanhas e lá ficou estacionado; o segundo fez escurecer e avermelhar os céus, lançando em seguimento uma chama negra que fez abater Sec e o seu dragão na outra montanha. Numa questão de segundos um tremendo tremor de terra fez cair todo o campo de batalha, e um eco se ouvira das profundezas do planeta. A visão havia se tornado arrepiante: Os picos da montanha ao redor quebravam-se, dando lugar a lava, que não só escorria como era projetada pelos ares, inconsequentemente derrubando todos os dragões que ainda se encontravam no alto. No entanto ninguém quis ficar quieto, e a luta continuava incessante. Vários milhares de soldados morriam queimados pela lava que chovia a cada segundo. Aproveitando-se da situação, a maior parte dos reis tentava fugir o mais rápido que podia, mas Maycon havia partido uma perna e não se levantava. Algumas tropas o protegiam, mas encontravam-se muito perto da lava que escorria pela encosta. Hyoga, ao avistar seu amigo indefeso, correu na sua direção, relatando-lhe a situação:

- A Regina Monte foi assassinada!

- E... – Respondeu, contorcendo-se de dores. – Os restantes?

- Não sabemos de alguns... Os mais jovens quiseram liderar os pelotões frontais connosco... – E de súbito, quase em câmera

lenta, uma lança perfurava o abdómen de Hyoga, caindo lentamente ao lado de Maycon, que entrou em pânico:

- Hyoga! Não! Não pode ser! – E encheu a cara de lágrimas, que caíam sobre o rosto do amigo, que sorria:

- Não fiques assim... Algum dia teria de acontecer. – E tossiu, cuspindo imenso sangue. – Mas desta vez, quero ser eu... – E cuspiu mais sangue. – Quero ser eu a dar-te uma missão...

- Diz... – Exclamou o rei enquanto tentava segurar as lágrimas.

- Promete-me que serás a pessoa que teu povo admirou sempre... Dor, morte e sofrimento existirão sempre... – Fazia um enorme esforço para proferir frases longas. – É um ciclo vicioso no qual somos meros peões que guiam a inocência dos nossos filhos. Não vou conseguir estar cá mais... – E apagou.

- Hyoga! Não me faças isto! – E chorara intensamente sobre o cadáver do amigo e companheiro com quem passou dos melhores momentos da sua vida... E deitara-se. Não hesitava em morrer. Havia perdido a mulher, dois irmãos e o melhor amigo num período tão curto de tempo... Deitara a cabeça e descansou...

No outro lado do campo de batalha lutavam os mais jovens, entre os quais Ricox, Sean, Gabrielvid, Carlosvin e Dudu, este último que havia sido atingido no calcanhar e

cambaleava. Destes 4, apenas Gabrielvid continuava a lutar incessantemente junto as tropas, que se tentavam desviar da lava, que escorria mais e mais. Começavam a não ter opção sem ser a fuga, já que o local se enchia de lava, e, em pouco tempo, enchera a planície, tornando-a inacessível. Fugiam algumas centenas, mas a grande maioria permanecera no centro, incluindo o jovem estratega:

- Gabrielvid! – Gritara Sean. – Não fiques aí! Temos de fugir se queremos sobreviver, anda, corre! – Mas o jovem, que continuara a fazer derrubar inimigos, berrara:

- Eu nunca deixarei meus companheiros morrer! – E, matando o inimigo que enfrentava, virou-se para trás e continuara. – Para que uns ganhem, é preciso que outros se sacrifiquem, e enquanto existirem vencedores, também existirão perdedores, são os dois lados da mesma moeda!

- O que é que queres dizer com isso?! – Perguntou Ricox.

- Que para que vocês se consigam salvar é preciso alguém cá ficar a combater, e eu ficarei! Mas façam-me apenas um favor... Procurem pelos arquivos da conspiração com o meu amigo Germano. Adeus! – E com estas palavras correra para junto das tropas que ficariam...

...

- Maycon? – Sussurrara uma voz. – Maycon?! – E, abrindo os olhos, pôde ver que se tratava de Naíla num vestido branco e com seus cabelos ao vento.

- Onde estou eu? – Perguntara-lhe.

- No paraíso meu amor. – Olhara ao redor Maycon, podendo observar algumas nuvens pelas quais Naíla caminhava e se estendiam ao infinito. – E acordara...

- Pai! – Gritava Sec em aflição.

- Huh? Onde estamos?

- Já estamos a chegar em casa pai, a GAOH e a GOPH assinaram a paz logo após a batalha.

- Fico feliz... – E sorrira ao pensar nas memórias boas que havia feito com todos que haviam partido e lhe eram próximos.

- Tio? – Chamara Sec.

- Sim? - Respondera Lucka, que carregava o seu irmão nas costas.

- Vou tentar chegar lá mais rápido, tenho um assunto urgente a tratar.

- Do que se trata?

- De uma possível conspiração... – E correram em direção a Recécio Sec, Sochoski e Carlosvin.

...

- Conhece algum tipo chamado Germano?

- Não jovem príncipe, desculpe. – Respondera uma cidadã.

- Raios... Nunca mais o vamos encontrar. – E ao mirar um jovem de cabelo arroxado, lhe perguntou:

- Conheces algum Germano?

- Bem, esse sou eu. Hehe. – E esboçou um rosto de preocupação. – Eu sabia que me viriam procurar.

- Como? – Questionara Sochoski.

- O Gabrielvid deixou tudo preparado para a sua morte, que ele mesmo sabia que iria acontecer. Venham comigo. – E levou-os à sua casa, apenas dois quarteirões à frente.

- Bem-vindos...

- Obrigado e com licença. – Exclamaram os três.

- Bem... Estes arquivos contêm informações sobre a ilha da miragem, um local inóspito no meio do oceano que se diz ter um portal em seu interior que nos dá acesso às almas que já faleceram.

- A sério? Isso me parece algo impossível. – Duvidou Sochoski.

- Parece, mas pelos vistos não é. O Gabrielvid quer que nos encontremos para lhe comunicarmos. Ele não morreu no campo de batalha à toa. Já há algum tempo ele investiga o Skaars, e tenciona descobrir através dos soldados moribundos se este se tratava de um espião e traidor.

- Ele morrera só para saber essas informações? – Perguntou Sec, incrédulo.

- Sim... Ao que sei o Skaars era amigo do pai dele e matou-o em troca de dinheiro. A ele e não só! Julga ele que o marquês vai atacar o reino quando este estiver menos protegido.

- Faz muito sentido, ele até foi dado por morto tanto tempo e retornou do nada alegando não se lembrar de muita coisa... Mas não o podemos acusar sem provas concretas. – Constatou Carlosvin sempre assertivo.

- Por isso é que temos de ir à ilha miragem para confirmar! – Respondeu Germano.

- Consideremos missão dada, no entanto vai levar algum tempo para reunir os fundos necessários... – Constatou Sec. – Talvez 1 ou 2 anos, não é algo fácil...